

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

FERNANDA PISMEL PAUPÉRIO

**GENTRIFICAÇÃO E PATRIMÔNIO: O PASSADO REVISTO
PELAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS EM UM ANTIGO BAIRRO
INDUSTRIAL EM LYON, FRANÇA.**

**Curitiba
2012**

FERNANDA PISMEL PAUPÉRIO

**GENTRIFICAÇÃO E PATRIMÔNIO: O PASSADO REVISTO
PELAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS EM UM ANTIGO BAIRRO
INDUSTRIAL EM LYON, FRANÇA.**

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora da
Universidade Federal do
Paraná, como exigência
para obtenção do Título de
Mestre em Sociologia, sob
orientação do Prof. Dr.
Márcio Sérgio Batista
Silveira de Oliveira.**

**Curitiba
2012**

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Prof. Márcio de Oliveira, meu orientador da Universidade Federal do Paraná. Não só por ter aceitado a proposta de trabalho inicial mas, sobretudo, por ter incentivado a realizar esse trabalho na França e participado de todas as etapas de sua elaboração. De fato, a escrita e as reflexões aqui expostas foram uma parceria, que só foi possível pela dedicação desse profissional.

Em segundo lugar gostaria de agradecer às professoras do Departamento de Letras-Francês da Universidade Federal do Paraná. Prof^a. Dr^a. Lúcia Peixoto Cherem e Mme. Nathalie AnneMarie Dessartre por terem aceitado a proposta e me confiado uma das bolsas do Programa MIRA para estudos na Université Lumière Lyon 2 - na França. M. Jean-Pierre Chavagne, representante desse intercâmbio na França, foi também uma pessoa fundamental tanto por me auxiliar no diálogo com o programa de mestrado quanto por nos informar sobre as questões que envolveram nossa estadia.

Agradeço também M. Jean-Yves Authier, que aceitou a proposta desse projeto de pesquisa e me permitiu entrar no Master 2 en Sociologie Recherche me auxiliando também a encontrar um directeur de mémoire na França.

Agradeço a Mme. Béatrice Maurines por ter aceitado orientar, por ter indicado excelentes leituras sobre o tema e por ter me apresentado a Mme. Nadine Halitim-Dubois que me permitiu acompanhar um grupo de estudantes em visita à Maison des Canuts e me fez perceber as instituições responsáveis pela salvaguarda da memória na região.

Agradeço também aos presidentes das Instituições que me concederam entrevista. Ao Cnpq e Rhône-Alpes pelas bolsas concedias.

Agradecimento aos responsáveis pelas relações internacionais da Université de Lyon que fazem um trabalho excelente de acolhimento aos estudantes estrangeiros: Julie Rouaud, Emmanuel Villemont e Antoine Ramon.

Aos colegas do Master 2 que me auxiliaram na elaboração dos trabalhos e a compreender as grandes diferenças entre se fazer um mestrado no Brasil e na França, sobretudo Théoleyre Constance e Romain Suiffet. Também agradeço aos colegas da Residence André-Allix sendo que mais do que colegas, muitos se tornaram verdadeiros amigos. Merci: Luciane Costa, Carla

Freitas, Justyne Szkopiecka, Debora, Livia Moreno de Marco, Helder Agostine, Anna Laura Nascimento, Lucie Bennefoy, Zivile Aleknaviciute, Blanka Juszczak, Gosia Margot Perzyna. Pierre Guigue-Rodet por me ensinar o que é o *bobo*, Vincent Beaumont, por ser uma companhia maravilhosa. Carolina Saletti e Renata Pac, minhas amigas de infância, conhecidas somente em Lyon.

Gostaria de agradecer aos professores Nelson Rosário e Pedro Bode que participaram da banca de qualificação e me auxiliaram no direcionamento para a conclusão desse trabalho.

Juliana Maria Gusso Rosado por ter feito a revisão.

E finalmente aos meus amigos, Rodrigo Giorgi, Ana Rigo, Felipe Izidro, Diana Decock, Ricardo Monastier, Livia Teixeira, Deborah Garcia. Aos amigos da faculdade, Paula Assis, Patrícia Stasiak, Maria Soledad Sanchés Ruibal, Andrea Silva, Maria Emília Rodrigues, Leandro Lechakoski e Éber Santos. A minha família, sobretudo ao meu irmão, ao Ademir por ter auxiliado com as burocracias da viagem, e a minha mãe que, como não poderia deixar de ser, é a melhor do mundo.

Resumo

Croix Rousse é um bairro localizado em uma planície no alto de uma colina, próximo ao centro da cidade de Lyon, na França. É conhecido por sua arquitetura, que evidencia os traços do passado industrial da região, onde foi durante três séculos uma grande fábrica de tecidos a céu aberto. Com o declínio da produção industrial, a região foi gradualmente abandonada pela população e pelo poder público. A partir da década de 1970, o bairro começa a passar por processos de gentrificação ou enobrecimento urbano. Se em alguns contextos fica evidente o caráter elitista das transformações voltadas à valorização imobiliária, a região da Croix-Rousse apresenta uma singularidade: inúmeras instituições se posicionam sobre o direcionamento das mudanças e pressionam o poder público no sentido de atender aos interesses da comunidade. Levando em consideração que a gentrificação é uma prática globalizante, pois traça diretrizes para o planejamento das cidades, tendo em vista a ideia de *city marketing*, pergunta-se: em que medida a participação da população civil organizada pode se impor frente aos interesses dos setores imobiliários? Para responder tal questão, realizamos durante os anos de 2010 e 2011 uma pesquisa de campo na região, na qual entrevistamos oito presidentes de diferentes instituições. Os relatos deles mostraram que a preservação do patrimônio histórico envolve uma série de diretrizes, tais como: sociais, educativas, políticas, culturais e a possibilidade de desenvolvimento econômico da região. As instituições estudadas elaboram suas práticas tendo em vista essas diretrizes. Analisando essas práticas, chegamos às seguintes considerações: o passado, materializado no patrimônio histórico, é mobilizado objetivando atender às demandas do presente; as instituições produzem um tipo de identidade social; a gentrificação pode ser alterada pela participação da sociedade civil organizada; a memória do operário e de suas lutas acaba se esvaziando em detrimento do caráter estético do patrimônio; e, por fim, o resgate da memória da produção têxtil em Lyon foca, também, no desenvolvimento local, que, em tempos de crise, busca resgatar a produção nacional, encorajando o consumo do "*Made in France*".

Palavras-chave: gentrificação; patrimônio histórico; participação civil.

Agência financiadora: Cnpq-Brasil – Bolsa Mira-Rhône-Alpes.

Résumé

La Croix Rousse est un quartier situé dans une plaine dans le haut d'une colline, proche du centre-ville de Lyon, en France. Son architecture est connue par les évidences du passé industriel de la région, qui a été une grande fabrique des tissus à ciel ouvert pendant trois siècles. Avec le déclin de la production industrielle, la région a été abandonnée progressivement par la population et pour le pouvoir public. À partir des années 1970, la Croix-Rousse a commencé à passer pour des processus de gentrification ou d'ennoblissement urbain. Si dans quelques contextes la gentrification est caractérisée par l'élitisme des transformations par la valorisation immobilière, ce quartier présente une singularité : des innombrables institutions y sont placées et donnent leurs avis sur la direction des changements. Elles pressionnent le pouvoir public pour défendre leurs intérêts et ceux de la communauté. Si on tient compte que la gentrification est une pratique globalisante, parce qu'elle dessine des directrices pour la rénovation des villes, on se demande : dans quelle mesure la participation de la population civile organisée peut être imposée aux intérêts des secteurs immobiliers ? Pour répondre à un tel sujet nous avons accompli pendant l'année de 2010-2011 une recherche sur terrain à la Croix-Rousse et nous avons interviewé huit présidents d'institutions différentes. Leurs rapports ont montré que la conservation du patrimoine historique implique une série de directives, telles comme : social, éducative, politique, culturelle et la possibilité de développement économique de la région. Les institutions étudiées élaborent leurs pratiques en pensant sur ces directives. En analysant leurs pratiques, nous sommes arrivés à ces considérations : le passé, matérialisé dans le patrimoine historique, est mobilisé en visant les demandes du présent ; les institutions produisent un type d'identité sociale; la gentrification peut être modifiée par la participation de la société civile organisée; la mémoire de l'ouvrier et de leurs révoltes est vidée au détriment du caractère esthétique du patrimoine et, finalement, la sauvegarde de la production textile à Lyon se concentre aussi dans le développement local que, dans les temps de crise, peut devenir un signe pour sauver la production nationale, encourageant la consommation du *Made in France*.

Mots Clés : Gentrification ; patrimoine historique ; participation civile.

Financée par : CnPq - Brèsil et bourse Mira - Rhône-Alpes.

Quadro de Fotos

Foto 1 : Mapa turístico da Croix-Rousse	45
Foto 2 – Estátua do Jacquard	47
Foto 3 : Os imóveis- <i>ateliers</i> da Croix-Rousse hoje	50
Foto 4 – La Cour des Voraces.....	51
Foto 5 – <i>Un</i> canut à son métier	53
Foto 6 : Madame Letourneau no atelier de Passementerie. Hoje Association Soierie Vivante	54
Foto 7 - O mur peint de canut	61
Foto 8 - Mezzanine para alugar na Croix Rouse	66
Foto 9 – Muro pichado na Croix-Rousse.....	67
Foto 10 - Atelier de tecelagem – Association Soierie Vivante	73
Foto 11 - Atelier de tissage de l' Association Soierie Vivante	75
Foto 12 - Atelier de passementeria	76
Foto 13 - 21ème vendages de la Colline - République des Canuts	90
Foto 14 - As navettes. Atelier da Maison des Canuts.....	92
Foto 15 - Boutique de la Maison des Canuts	94

Quadro de Figuras

Figure 1 - Division en classes du blog "Les canuts de la Croix-Rousse"	80
Figure 2 - Association de mots dans la classe 5.	83
Figure 3 – Réseau du mot "soie" dans la classe 2	85
Figure 4 – Réseau de la forme "soie" dans la classe 3	85

Sumário

Introdução	1
 Capítulo 1 - Por uma sociologia da gentrificação	 7
1.1 A gentrificação nos Estados Unidos e na Europa	7
1.2 A gentrificação na América Latina.....	12
1.3 A gentrificação no Brasil	17
1.4 O patrimônio industrial e a gentrificação	25
 Capítulo 2 - A história da Croix-Rousse	 37
2.1 A cidade de Lyon	38
2.2 A Croix-Rousse.....	44
2.2.1 Os primórdios da ocupação	47
2.2.2 A Grande Fábrica.....	48
2.2.3 A renovação da Croix-Rousse	61
2.2.4 O quartier começa a ganhar um ar "bobo"	65
 Capítulo 3 - As instituições, os atores e a gentrificação	 68
3.1 Association Soierie Vivante - M. Rodarie e Mme. Cleudi	71
3.2 O atelier de M. Mattelon	76
3.3 M. Luc - Contador de histórias de rua e criador do blog "Les canuts de la Croix-Rousse"	78
3.4 L`esprit canut - M. Bernard Warin	86
3.5 République des Canuts - M. Truchet.....	89
3.6 Maison des Canuts - M. Varenne.....	91
 Considerações Finais	 95
Bibliografia.....	101

Introdução

O presente estudo busca compreender o processo de gentrificação que ocorre na Croix-Rousse, um bairro da cidade de Lyon, na França. A região é uma antiga zona industrial, que foi durante três séculos um polo de produção de seda. Abandonado com o declínio da produção, essa área passa a ser renovada a partir da década de 1970. As mudanças vão desde as fachadas dos edifícios residenciais, do tipo de comércio, do perfil dos moradores até a história que passa a ser recontada por associações, museus e *ateliers*. Entendemos que há uma lógica global orientando as mudanças nas cidades, a qual passa a fazer delas espaços de consumo. Porém, nem sempre as mudanças são aceitas passivamente pelos moradores, dessa forma, há uma série de negociações, arranjos e resistências por parte da população que ocorrem por múltiplos interesses. Analisamos neste trabalho o modo como a região da Croix-Rousse vai gradativamente sendo alterada por diferentes instituições e atores que lutam para manter sua singularidade, a qual surge a partir da memória dos *canuts*¹, antigos trabalhadores da seda que viviam na região.

Para começar este trabalho, gostaria de explicar como chegamos a tal objeto de estudo. Em março de 2010, iniciei o curso de mestrado em Sociologia na Universidade Federal do Paraná. A proposta inicial do projeto de pesquisa era a de estudar museus comunitários de imigrantes do interior do Paraná, buscando analisar, então, museus que foram elaborados pelos próprios habitantes das regiões, que passavam a materializar suas histórias, identidades e tradições, mostrando-as aos visitantes. No entanto, alguns meses antes, em dezembro de 2009, eu havia tentado uma seleção para uma bolsa de estudos em Lyon, na França, durante o ano letivo 2010-2011. O intercâmbio consiste em uma parceria entre a Universidade Federal do Paraná e a Université Lumière Lyon 2, e é oferecida pela região de Rhône-Alpes para estudantes brasileiros.

Logo, o projeto elaborado ficaria inviabilizado pelo tempo em que eu

iria permanecer fora do país. Não haveria tempo suficiente para realizar o trabalho de campo. Decidimos, eu e meu orientador, buscar um objeto de estudo que se assemelhasse à ideia inicial. Parti, então, em setembro de 2011, para a França com o objetivo de redefinir o tema da dissertação.

Tentei contato com algumas instituições, museus e associações, entretanto, devo confessar, as dificuldades iniciais de adaptação na França, na universidade e mesmo com a língua, hábitos e cotidiano diferenciados atrasaram bastante o contato com o objeto de estudo deste trabalho. Interessei-me inicialmente pela Maison des Canuts e fiz algumas visitas guiadas por ela pelo bairro e, finalmente, decidi contatar os presidentes para propor um estudo. Essa proposta foi negada, pois para estagiar ou participar das atividades da Maison, os interessados deveriam enviar seus currículos no início do ano letivo, o qual já havia passado há bastante tempo.

Minha orientadora na França, Mme. Béatrice Maurines, indicou uma série de leituras sobre a temática do patrimônio industrial e vendo a dificuldade de inserção no campo solicitou para que eu conversasse com uma colega sua, Madame Nadine Halitim-Dubois, pesquisadora do Patrimônio Industrial da Região Rhône Alpes. Encontramo-nos em seu gabinete na Direction Régional des Affaires Culturelles de Lyon (DRAC) e ela me convidou para participar de uma visita que iria realizar à Maison des Canuts, com um grupo de estudantes da universidade. Aceito o convite, realizamos a visita duas semanas depois. Mme. Dubois me sugeriu que eu conversasse com os responsáveis pela Association Soierie Vivante, e foi o que fiz. Após uma visita, perguntei se poderia falar com o responsável pela instituição, M. Jean¹, e, então, marcamos uma entrevista para alguns dias depois. Durante a entrevista, comecei a perceber a rede de associações, instituições e agentes que trabalhavam com a memória da seda em Lyon. Consegui mais um contato, com M. Michel, que anteriormente mantinha seu *atelier* disponível para visitas em parceria com a Associação Soierie Vivante.

¹ O nome dos entrevistados foi alterado. Os nomes das instituições estudadas permanecem originais.

Foi justamente nesse momento que eu percebi o quanto seria menos complicado, como estudante estrangeira, entrevistar os envolvidos com essas atividades em vez de realizar um estudo de caso de uma instituição. Acabei, então, marcando entrevistas com M. Michel no seu próprio *atelier* (que é um dos últimos exemplares de um “autêntico” *atelier des canuts*). Logo após, entrevistei M. Philippe (contador de histórias sobre a região e autor do blog “*Les Canuts de la Croix-Rousse*”) em um café na Croix-Rousse. Com M. Philippe, consegui o contato do M. Patrick (socialista, autor do jornal *L’esprit Canuts*, de circulação no comércio da região), quem indicou que eu conversasse com M. Alain (presidente da associação *Republique des Canuts*) e, finalmente, solicitei uma entrevista com M. Pierre, empreendedor focado no desenvolvimento local, presidente da *Maison des Canuts*.

Mas, afinal, como um bairro que não possuía nada de especial em comparação a outros pontos turísticos da cidade passa (na minha hipótese, devido ao trabalho desses atores sociais), a receber uma grande quantidade de turistas, de pequenos comércios, de restaurantes e de novos moradores? A Croix-Rousse torna-se alvo de interesse por parte da população, sobretudo aquela que valoriza o ambiente antigo e industrial. Somam-se aos novos moradores essas associações civis que prezam tanto pela manutenção do patrimônio industrial quanto pela memória das tradições e história dos trabalhadores da seda, cujo papel tem sido decisivo no processo de renovação. Elas participam da produção da representação que o bairro passa a assumir frente a outras regiões da cidade de Lyon.

O estudo do modo com o qual as renovações estão sendo pensadas e realizadas é aqui apresentado a partir do conceito de gentrificação: um processo de renovação de áreas urbanas degradadas, mas com localização estratégica (próximo aos centros) e potencial arquitetônico, que propõe um modelo de cidade com equipamentos urbanos bem específicos - atrativos culturais, revitalização de fachadas, comércio voltado ao turismo, ao artesanato e ao local, incentivo ao transporte alternativo, apelo à

sustentabilidade, dentre outros - com certo localismo, que valoriza a especificidade do local por meio do reavivamento das tradições. A ideia de gentrificação tem sido recentemente utilizada pelas Ciências Sociais e tem ganhado visibilidade servindo como palavra recorrente no discurso dos atores envolvidos nos projetos, das populações que vivem nas áreas-alvos dessas ações e das instituições culturais. Este conceito já vem, há algum tempo, sendo utilizado nos Estados Unidos e na Europa e, mais recentemente, passou também a fazer parte da problemática referente às renovações urbanas na América Latina e no Brasil.

Acreditamos que o interesse desta pesquisa se relaciona a duas temáticas. A primeira busca contribuir com as discussões sobre a gentrificação a partir de uma análise que pense o planejamento e as ações dos setores públicos e privados como objeto de análise da Sociologia. Nesse sentido, tentaremos contribuir com outros trabalhos que já vêm sendo realizados até o momento, apontando os limites e a validade do conceito de gentrificação como ferramenta de análise para os processos de renovação urbano-contemporâneos. O trabalho busca também pensar as novas dinâmicas das cidades a partir de uma lógica mundial, em que gestores imobiliários testam novas estratégias para angariar adeptos a um modelo de vida diferenciado.

Não nos propomos a especular sobre todos os investimentos em infraestrutura das cidades, mas, tão somente, pensar em que medida podemos conceber as renovações urbanas a partir dos processos de gentrificação. Mudança esta, que é impulsionada por valores de classe média e classe média alta, pelo apreço a uma tradição, a uma história e à valorização de um patrimônio histórico que reflete em moradias estrategicamente localizadas nas cidades.

Nesse sentido, pergunta-se: pode ser a gentrificação, ou o enobrecimento urbano, uma possibilidade de compreender as mudanças urbanas no contexto global contemporâneo? Quais são as especificidades da

gentrificação na Croix-Rousse? Os atores sociais participam ativamente desses processos ou simplesmente adquirem imóveis valorizados pelas renovações?

Percebemos que na França, no bairro da Croix-Rousse, há uma grande participação da população civil no que se refere ao exercício da lembrança sobre o patrimônio histórico material e imaterial. As associações são ativas nesse contexto social e dialogam continuamente com os poderes públicos, assim, elas buscam representar seus interesses no que se refere ao teor das mudanças empreendidas por tais projetos. O trabalho focará justamente nesta questão, em que medida a sociedade organizada participa ativamente dos processos de gentrificação e qual o teor das mudanças que pretendem empreender? Seriam os agentes culturais os gentrificadores ou estariam lutando contra a homogeneização das cidades?

Como metodologia, realizamos entrevistas semiestruturadas com os presidentes das instituições, além de análise bibliográfica e análise do material produzido pelos agentes culturais. As entrevistas duraram de 30 minutos a 2 horas e visavam tanto conhecer mais a fundo as atividades dos agentes quanto também suas trajetórias pessoais e de engajamento político. Os nomes deles foram alterados, mas os das organizações são verdadeiros. Além das entrevistas, analisamos o *blog* do M. Philippe (“Les Canuts de la Croix-Rousse”), a partir do programa Alceste, conforme explicado no segundo capítulo deste trabalho.

Mas antes, no primeiro capítulo, analisamos como o conceito de gentrificação foi apropriado pela Sociologia, permitindo estudos de caso em cidades de todo o mundo, sem perder de vista as especificidades e limites de aplicação do conceito em diferentes contextos. Analisamos, também, quais são as especificidades do patrimônio industrial frente aos outros tipos de patrimônio. O segundo capítulo é dedicado ao estudo da Croix-Rousse, no qual iremos compreender sua história a partir do passado industrial até os processos contemporâneos de gentrificação pelos quais o bairro vem

passando. O terceiro capítulo aborda como as instituições e atores participam e direcionam a gentrificação na Croix-Rousse a partir de questões locais. E, finalmente, nas considerações finais iremos apontar algumas observações com a intenção de relacionar o modelo global de cidade com as singularidades observadas na região.

Capítulo 1 - Por uma sociologia da gentrificação

1.1 - A gentrificação nos Estados Unidos e na Europa

Alvy tries to get Annie back, flying to Los Angeles to retrieve her. After landing he immediately gets his "chronic Los Angeles nausea" again. After fearfully driving on L.A. freeways to a health food restaurant on Sunset Boulevard where he will meet Annie, Alvy orders "alfafa sprouts and a plate of mashed yeast". Almost his first insecure words to Annie are an unrealistic proposal of marriage: "I think that we should get married". He has more negative words about how he despises Los Angeles: "It's like living in Munchkinland". Annie admits that she enjoys meeting people more, doing things, going to parties. Annie clearly sees that Alvy has a narrowly - defined range of interests and activities, like New York itself, and believes that her range of pursuits is much wider. She accuses him of being "incapable of enjoying life".

Alvy : (sadly) So what - you-you're not gonna come back to New York ?

Annie : What's so great about New York ? I mean, it's a dying city. You read Death in Venice

Alvy : Hey, you didn't read Death in Venice till I bought it for ya.

Annie : That's right, that's right. You only gave me books with the word 'death' in the titles.

Alvy : That's right, 'cause it's an important issue.

Annie : Alvy, you're incapable of enjoying life, you know that? I mean you're like New York City. You're just this person. You're like this island unto yourself.

Alvy : I can't enjoy anything unless everybody is. If one guy is starving someplace, that puts a crimp in my evening.

Nos diálogos finais do filme *Annie Hall* (1977), de Wood Allen, observamos o fim de um relacionamento por meio de uma mudança de cidade. Alvy tenta superar a sua náusea crônica de Los Angeles ao mesmo tempo em que tenta convencer Annie a voltar a Nova York. Recusando a proposta, Annie questiona o posicionamento de Alvy sobre a cidade: "*What's so great about New York? I mean, it's a dying city*".

Impossível pensar Nova York como uma cidade morta na década de 1950, de 1960 ou mesmo após e durante a de 1990. Mas e quanto às décadas de 1970 e 1980? Parece que realmente houve durante esses períodos um esvaziamento da cidade e uma desvalorização de determinadas regiões. Por outro lado, e a partir de teóricos das Ciências Sociais, podemos

perceber que paralelamente à desvalorização há uma reocupação de espaços esvaziados da cidade por parte de alguns moradores, influenciados por iniciativas públicas e privadas.

Esse processo de revalorização de bairros e regiões "abandonadas", mas com potencial para habitação ou consumo cultural e lazer, foi observado pela primeira vez em 1967 por Ruth Glass, em Londres. Ela denominou esse processo de "gentrificação", relacionando a reocupação de determinados espaços urbanos pelas camadas médias e altas de Londres e o consequente afastamento das camadas mais baixas para regiões mais afastadas do centro. Essa é a definição clássica do conceito de gentrificação. Porém, o fenômeno foi observado por outros pesquisadores em outros contextos e, claro, tornou-se um conceito mais volátil, abarcando particularidades. Por isso, entenderemos aqui a gentrificação como um processo e não como uma definição *a priori*. Alguns estudos de caso nos auxiliaram a compreender esse fenômeno, que não remete exclusivamente a uma segregação social, mas que tem como características o enobrecimento do espaço, a reelaboração da história, a reformulação de uma identidade local e, também, a possibilidade de trazer desenvolvimento econômico para as regiões. Em algumas regiões, a participação da população é ativa durante os processos de gentrificação. Logo, parece ser essa (a participação da população) uma das singularidades da gentrificação na Croix-Rousse, em Lyon.

A gentrificação não possui, portanto, uma única interpretação. Nova York é analisada por Neil Smith² (2006) a partir da economia das cidades que vendem paisagens urbanas, ou seja, as cidades são vitrines. Bairros como o Soho ou o UpperWest Side são significativos desse fenômeno. Na década de 1990, operações foram empreendidas pela iniciativa privada, focando na transformação da paisagem urbana, trazendo, sobretudo, ares modernos aos antigos restaurantes, comércios, parques, cinemas, torres, museus, espaços com potencial turístico e complexos culturais. As paisagens urbanas, que

² Geógrafo escocês. Um dos primeiros acadêmicos a relacionar a ocupação dos espaços urbanos à questões sociais e econômicas.

passaram a ser consumidas, configuraram a identidade dos habitantes, pois a história desses bairros antigos é revisitada pelos próprios moradores, que a elaboram e a selecionam tendo em vista seus interesses e seus valores.

Percebemos que esse processo é marcado pela segregação social no estudo empreendido por Smith (2006) na cidade de Nova York. Alguns processos de revitalização já haviam sido feitos nos bairros centrais, marcados pela deterioração dos imóveis e dos entornos, e pela ocupação por imigrantes advindos da Europa de Leste. Esse movimento, relativamente heterogêneo, só atinge na década de 1970 a gentrificação ao estilo *Made in London*, quando alguns segmentos com poder econômico começaram a identificar a renovação desses centros após anos de deterioração. Por outro lado, populações mais fragilizadas foram atingidas pelas altas nos preços devido à valorização e especulação imobiliária.

É na década de 1980 que ocorre a consolidação da gentrificação como orientação dada às políticas de urbanização de Nova York. Foi nessa fase que a gentrificação se consolidou e passou a ditar novas bases, reformulando os espaços urbanos de Nova York.

A partir de 1994, há diminuição dos investimentos e baixa dos aluguéis, o que suscitou a ideia de processos de desgentrificação. Entretanto, bairros como o SoHo e o UpperWest Side parecem ter sentido bem menos a crise. Em 1996, a gentrificação voltou com força, se generalizando por várias áreas. Essa “gentrificação generalizada” se caracterizou pela valorização das regiões mais centrais de Nova York. Na década de 1990, operações foram empreendidas pela iniciativa privada, focando na transformação da paisagem urbana.

Segundo Smith (2006), todo o processo e seus atrativos possuem orientação classista, que são as famosas “paisagens urbanas”, que classes médias e altas buscam consumir, assim configurando suas próprias identidades. Nessa paisagem, aparentemente democrática, a desigualdade do consumo exprime o poder de classe.

Mas, então, como separar o que é característico do caso de Londres e Nova York do que pode ser considerado como um fenômeno global? Podemos afirmar que esses casos geraram uma universalização de um tipo de cultura urbana? E, ainda, em que medida esses precursores da gentrificação servem de ditames para os processos de revitalização de centros históricos em cidades do mundo?

Parece que a questão da disputa pela apropriação do espaço urbano é uma das grandes marcas dos processos de gentrificação. No entanto, não podemos deixar de lado as particularidades do processo em contextos diferenciados. Smith (2006) afirma ser perigoso tentar buscar em outras realidades – sobretudo as dos países do terceiro mundo – essas etapas de consolidação do processo, pois, muitas vezes, as particularidades são muito mais evidentes do que as similitudes.

Em uma análise sobre a cidade de Bruxelas, Mathieu van Crieelingen³ mostra um paradoxo na aplicação do conceito. A relação principal é da gentrificação como uma prática que uniformiza os espaços urbanos em oposição a diversidade de modos de vida e particularidades do local. Mesmo assim, em Bruxelas também há tendência para a reapropriação de centros e bairros históricos pelas classes médias e altas, bem como uma tendência de valorização do comércio local e da paisagem urbana.

Outra característica observada pelo autor é que esses espaços gentrificados passam a marcar as identidades. Na década de 1970, houve um entusiasmo com relação aos bairros antigos devido à nostalgia em relação às cidades europeias pré- -industriais. Ocorreu uma valorização da vida nas *villages* e de um tipo específico de sociabilidade, marcada por mais contato entre os moradores, pelo comércio relacionado às demandas locais e pelos ideais de sustentabilidade. Houve, desse modo, uma busca por fontes de energia alternativas e pelo uso diversificado dos meios de transporte – bicicletas e áreas para pedestres, transportes públicos, etc.

³ Van Crieelingen, 2006. A cidade revive! Formas, políticas e impactos da revitalização residencial em Brixelas.

Já no final da década de 1980, teve em Bruxelas um discurso identitário centrado na reconquista do centro antigo. Ainda assim, Crieikingen aponta a diversidade de possibilidades de análise que podem, muitas vezes, ser mascaradas pelo conceito generalizante de gentrificação, que ele define como:

Eu proponho falar de gentrificação quando estamos em presença de um processo de produção de um espaço sofisticado e homogêneo a partir de um espaço urbano originalmente degradado (seja ele habitado ou não), o qual, desde então, apresenta transformações no seu aspecto exterior pela renovação das edificações existentes (conservando ou transformando a função original dos edifícios) ou pela construção de novos edifícios, e que se assenta sobre uma mobilidade residencial, e, se for o caso, pela partida da população previamente existente, mais ou menos forçada por diferentes tipos de pressão. (CRIEIKINGEN, 2006, p. 99-100).

Nesse sentido, Jean Yves-Authier⁴ analisa o bairro Saint-Georges da cidade de Lyon, isto é, ele observou que há zonas gentrificadas nele. Sendo assim, diferentemente de outros trabalhos que apontam a gentrificação de toda uma região, o autor percebeu que determinados setores continuaram com habitações mais simples. Esses espaços são visados pelos moradores de classes sociais mais baixas e estudantes que aproveitam os baixos preços dos aluguéis aliado a uma boa localização na cidade.

Outra característica é a rotatividade dos moradores entre bairros gentrificados. Embora não haja uma fidelidade de determinados públicos pelo bairro de Saint Georges – ocupado, sobretudo, por novos casais, estudantes ou jovens- -adultos –, uma análise mais aprofundada permite perceber uma rotatividade dentro de um circuito de bairros gentrificados, levando a uma permanência dentro desse circuito:

Essa rotatividade elevada que se opera no nível de Saint-Georges dissimula, em alguns casos, uma relativa estabilidade das pessoas em escalas espaciais mais amplas. Com efeito, o exame dos lugares de destinação dos que partem - e de seus lugares de origem - permite notar numerosas circulações no interior da Lyon-Velha, e, de maneira mais

⁴ Sociólogo e diretor da École Doctorale de Lyon. Autor do livro *Sociologie de Lyon* e de obras sobre processos de gentrificação.

ampla, entre os diferentes bairros gentrificados do centro de Lyon, a exemplo do bairro Croix-Rousse. Isso mostra novamente que os fenômenos de gentrificação que afetam os bairros antigos de um mesmo centro estão organicamente associados. (AUTHIER, 2006, p.136).

Desse modo, a gentrificação no bairro de Saint-Georges só é em parte adequada aos modelos "clássicos". Há evidentemente uma mudança no perfil da população, a qual repercute mais em diferentes grupos sociais que habitam um mesmo espaço urbano do que uma mudança homogênea de classes sociais para centros reabilitados e as respectivas mudanças nos hábitos de vida. Podemos aproximar essa explicação para o caso estudado na Croix-Rousse.

Em Barcelona, assim como em Lyon, a gentrificação aparentemente não ocorre de forma homogênea em toda a cidade. Essa planificação "inadequada" que acaba favorecendo determinadas regiões em detrimento de outras pode ser responsável, segundo Jane Jacobs⁵ (2006), pelos altos índices de insegurança nas cidades. Segundo a autora:

O processo de renovação de Barcelona se inclui nessas políticas de regeneração e se o governo local proclama que seu projeto foi feito para impedir a formação de guetos, e evita o termo gentrificação, ele se cala sobre o fato de que o mesmo projeto pode suscitar um aprofundamento das diferenças sociais e favorecer a expulsão da população residente. (JACOBS, 2006, p. 153).

1.2 A gentrificação na América Latina

Patrice Melé, geógrafo francês, em estudo sobre a Cidade do México, observa uma prática pouco explorada em outros lugares, a do *rent gap*, que consiste na compra de imóveis desvalorizados – quando não até mesmo de sua desvalorização proposital por parte dos governos – e na compra, por agentes imobiliários, tendo em vista a possibilidade de valorização das regiões por iniciativas públicas e privadas. O resultado da valorização de determinadas zonas a partir de investimentos públicos ou privados é a

⁵ Jornalista americana-canadense conhecida por estudos na área das cidades.

expulsão de camadas mais pobres da população, criando espaços que favorecem a imersão das classes médias e altas. De acordo com o autor:

A principal estratégia dos proprietários é deixar o edifício se transformar em ruína, para em seguida negociar o terreno vazio ou o próprio imóvel. Em face desse tipo de estratégia, os organismos de controle e a legislação existente são quase sempre impotentes. Entretanto, a atribuição de valor patrimonial não apenas aos imóveis históricos, mas também à estrutura do espaço urbano integrado nas zonas de monumentos, modifica as relações sociais tradicionais no interior dos bairros populares. (MELÉ, 2006, p. 206).

Além da patrimonialização, que busca trazer reconhecimento oficial para os seus bens materiais, imateriais ou para os prédios históricos, outra marca da gentrificação na Cidade do México, e que tem aparentemente se disseminando pelo continente americano, são as parcerias público-privadas. As municipalidades começam a valorizar regiões, investindo em equipamentos urbanos, iluminação, pavimentação, pintura de fachadas, etc. O que ocorre é que o comércio tradicional, muitas vezes, não consegue dar conta das novas exigências da clientela ou mesmo das novas leis referentes ao patrimônio e, ainda, com a valorização, às vezes não conseguem pagar as novas tarifas. Como esse tipo de investimento ainda é tido como algo arriscado, incerto, a iniciativa privada acaba evitando-os e passa a investir em espaços já tradicionalmente ocupados pelas classes médias e altas.

Esse autor observa que a gentrificação clássica anglo-saxônica não ocorre no México. Grande parte das iniciativas públicas para a valorização artificial de áreas centrais degradadas não obteve sucesso. Projetos de patrimonialização que salientem o valor "patrimônio" aos imóveis tampouco foram alvo de especulação por parte dos habitantes.

Melé sugere uma valorização patrimonial que traga benefícios aos próprios moradores do bairro, que podem também participar desse processo de enobrecimento de suas regiões. Pode partir da população o apelo para melhorias em seus bairros, praças, fachadas e condições de saneamento básico, tudo isso embasado também por conservação histórica e valorização

cultural e artística. Essa prática é facilitada quando há associações de bairros. Portanto, sugerimos aqui que essa parece ser uma das características da gentrificação na Croix-Rousse.

O autor Hiernaux-Nicolas⁶ considera difícil transpor o conceito de gentrificação e seu sentido inicial – disputa pelo espaço urbano e luta de classes – para os casos latino-americanos. Para ele, transpor essa luta de classes do caso inglês, epicentro da Revolução Industrial, ou mesmo dos Estados Unidos para a realidade latino-americana, seria forçar a aplicação de um conceito. Esse autor propõe, então, analisar a divisão em classes sociais não sob um viés exclusivamente qualitativo, mas, sobretudo, em relação a diferenças no modo de vida e, para isso, ele tenta definir os hábitos de consumo dessas classes sociais. Logo, Hiernaux-Nicolas percebe que a gentrificação no sentido anglo-saxão do termo é específica a uma parte das classes médias mexicanas:

Elas são formadas por novos setores que se puderam inserir nos processos de reestruturação econômica, e se caracterizam por um modo de vida muito diferente dos outros segmentos da classe média mexicana, muito mais internacionalizado, na medida de suas novas atividades econômicas.

Trata-se também, ao que parece, de uma população mais jovem, urbana há pelo menos duas gerações, com estudos superiores, e que tem também oportunidade de viajar para o exterior e mesmo de estudar fora. O conhecimento de uma língua estrangeira nos parece também um aspecto que lhes permite uma abertura para o mundo. (HIERNAUX-NICOLAS, 2006, p. 239).

Os hábitos de consumo e as formas com as quais os processos de gentrificação acontecem variam conforme os diferentes modos de vida das diferentes classes médias. Uma generalização quantitativa para esse processo realmente pode obscurecer determinadas particularidades da realidade latino-americana, que é muito mais fragmentada em termos sociais, econômicos e culturais do que a maioria dos países europeus analisados até

⁶ Autor de: “A reapropriação de bairros da cidade do México pelas classes médias: em direção a uma gentrificação?”

então ou os Estados Unidos. Esse tipo particular de classe média apreende em seus modos de consumo referências tanto locais, que legitimam seu pertencimento cultural, como globais, que permitem um diálogo com as referências de consumo europeus e americanos.

O autor ainda faz uma inferência sobre os diferentes modos de consumo entre europeus e americanos e as referências que são importadas para o terceiro mundo. Nesse sentido, o modo de consumo da classe média tradicional latino-americana estaria mais orientada ao modelo burguês e norte-americano, em um consumo mais centrado em grandes carros de luxo, marcas de roupas, gostos musicais *pop*, *fast food*, etc. Por outro lado, a nova classe média, conhecida popularmente como *bobos*⁷ na França, possui hábitos de consumo mais culturais, valorizando: uma vida menos consumista; os meios alternativos de locomoção; as idas ao cinema, teatro; o incentivo ao uso do espaço público em parques, jardins e praças; e os hábitos alimentares mais cosmopolitas, porém sem perder de vista os pratos e bebidas típicos do lugar. Resumindo:

Trata-se, então, de uma construção identitária com duas origens simultâneas: de um lado, uma oferta que se forma sobre a base da qualidade mexicana, mas impondo formas de consumo próprias do sistema local; de outro, uma demanda à procura de uma identidade que se fundamenta em modelos de consumo. (Ibid. 2006, p. 240).

O autor é enfático em afirmar que essa nova classe média é inferior quantitativamente a classe média dita tradicional. No entanto, percebe uma tendência que se volta à valorização do local. Se os mexicanos se inspiraram ou até mesmo copiaram um "*american way of life*" com o início da globalização, a lógica de competição entre cidades que valoriza o poder de concentração de aparatos culturais e comerciais nos centros históricos fez,

⁷ *Bobo* é uma redução da expressão *bourgeois-bohême*, que faz referência a pessoas com uma postura ideológica de esquerda e que valorizam hábitos requintados. Seus gostos culturais privilegiam a arte, o cinema, os programas de TV alternativos, os hábitos alimentares mais refinados, o conhecimento de outras culturas e o respeito às diferenças. O termo pode ou não ser empregado de maneira pejorativa, pois há quem se defina *bobo*.

atualmente, com que houvesse outra lógica: a de revalorização dos hábitos de consumo ditos "tradicionais" por parte dessas novas classes médias. A competitividade ganha força com a territorialização da tradição, como aponta Michael Porter⁸ a partir da proposição de um novo modelo de desenvolvimento com base nessas atividades:

Emitimos então a hipótese de que a ruptura mencionada acima surgiu da tomada de consciência, pela burguesia e pelos setores integrados das classes médias, de que os centros históricos fazem parte desse capital cultural coletivo do qual eles podem se prevalecer na sua luta de posição econômica que é própria do sistema altamente competitivo que o liberalismo impõe em países como o México. (Ibid., 2006, p. 250).

Essas diferenças marcam a configuração de novas identidades e de novos valores que se opõem a outros. Espera-se outro tipo de apreciação da realidade, um saber que tenha “aversão pelo fácil” (Bourdieu, 2007, p. 448), que esteja além da mera esfera cotidiana, que a transcenda, possuindo tempo e dedicação voltados ao lazer cultural, proporcionando prazeres para os sentidos. Esse saber estaria associado tanto ao que se vê, orientando as escolhas, quanto ao como se vê, mostrando, então, as disposições cultas e a sapiência erudita das apreciações.

O processo social de distinção, segundo Bourdieu (2007), pode também ser pensado para a análise sobre processos de gentrificação nos quais novos hábitos e gostos são desenvolvidos e acabam marcando espaços e tipos de pessoas. Nesse sentido, podemos considerar que a gentrificação e a distinção de hábitos e gostos por ela marcada no espaço da cidade é também um signo de distinção de classe. De acordo com Bourdieu:

Que nada mais é que uma afirmação de superioridade daqueles que sabem se satisfazer com prazeres sublimados, requintados, desinteressados, gratuitos, distintos, interditados para sempre aos simples profanos. É assim que a arte e o consumo artístico estão predispostos a desempenhar independentemente da nossa vontade e de nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais. (BOURDIEU, 2007, p.17).

⁸ PORTER apud HIERNAUX-NICOLAS, 2006, p.249.

A possibilidade de obter lucro com esse tipo de patrimonialização parece ser uma característica bem forte da gentrificação em alguns contextos sociais. O local, relacionado ao que é autêntico, valoriza a identidade do grupo e a insere em uma lógica de venda. A relação entre patrimonialização e desenvolvimento econômico é bem marcada em algumas das instituições que observamos na Croix-Rousse. Suas atividades buscam sensibilizar os visitantes para o consumo do produto local. Mesmo atuando a partir da lógica capitalista, o desenvolvimento econômico impulsionado pela gentrificação pode reverberar na economia local. A participação dos atores sociais (comerciantes, ativistas, moradores) pode direcionar as mudanças econômicas, sociais e culturais para que atinjam positivamente os seus interesses. A participação dos setores populares já foi abordado por Hiernaux-Nicolas para o caso mexicano.

A gentrificação é, portanto, um processo cuja medida real e importância é preciso levar em conta. Não se trata, sem nenhuma dúvida, de uma tendência sem volta, porque é possível que os revezes econômicos ou a força dos setores populares ponham freio a esta retomada. Mas ela também pode ter a chance de se impor como modelo dominante na Cidade do México. (Hiernaux-Nicolas, op. cit., p. 259).

1.3 A gentrificação no Brasil

A discussão sobre os processos de gentrificação vem ganhando terreno também no Brasil e, possivelmente, ficará cada vez mais forte com a aproximação da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 – os megaeventos. Para o caso de São Paulo, a professora Hélène Rivière d'Arc, da Université de la Sorbonne-Nouvelle, demonstra como, a partir da década de 1980, a corrida pela modernização impulsionou a busca pela reabilitação dos centros urbanos em todo o mundo, o que, mesmo tardiamente, não deixou de ocorrer no Brasil. Os processos de gentrificação chamados no Brasil de revitalizações não possuíam diretrizes bem definidas, nem quanto aos meios nem quanto aos fins. A saída foi se orientar nos moldes dos

projetos desenvolvimentistas urbanos europeus. Segundo Rivière d'Arc:

A tomada de consciência em certos meios cultos da necessidade de "conservar um patrimônio que remete à cultura local", "revitalizar a cidade de forma sustentável", "bem administrar", etc., realmente tem mais a ver com a Europa do que com os Estados Unidos, não como um retorno às fontes, mas antes face à evolução do modelo urbano num e noutro continente. (Rivière D'Arc, 2006, p. 267).

Dessa forma, é emblemática a revitalização da cidade de Barcelona como referência, seja para cópia ou se situar em relação a ela, para os modelos de revitalização brasileiros e latino-americanos de maneira geral. Durante os anos 1970, foi a Unesco que traçou as diretrizes que orientaram as mudanças urbanas associadas, geralmente, à importância de determinados sítios históricos ou à sua importância cultural. Esse tipo de cooperação internacional apreende hoje dimensões maiores e muito mais diversas por meio de parcerias entre diferentes instituições, como Icomos e Urbal, ou a partir de cooperação entre cidades.

Como no tempo da reforma urbana no início do século XX e como no tempo do higienismo, é nos congressos de arquitetos, de urbanistas e de representantes dos governos municipais que vemos ser desenhados os traços desse "projeto" suscetível de mudar o sentido, ou de transformar em bem-estar as tendências de fundo que mencionamos anteriormente, a cujo respeito os sociólogos e jornalistas, por seu lado, evocam os riscos. (Ibid., p. 269).

Foi nos anos 1990 que os projetos de planejamento e gestão urbanos se espalharam pelo Brasil e outros países da América do Sul. O modelo Barcelona foi tomado como referência para as mudanças. Uma crítica apontada pela autora é a falta de diálogo com a população que usa a cidade, sendo que as mudanças são geralmente impostas pelos governos, municipalidades, arquitetos e agentes imobiliários. Uma experiência de gestão participativa em Porto Alegre foi lembrada pela autora por propor, talvez, outra possibilidade que não a da lógica quase que exclusivamente mercadológica proposta até então.

No entanto, restringir a análise para uma lógica baseada exclusivamente na luta de classes pelo espaço urbano parece não avançar no debate quando pensamos nas diversidades econômicas, sociais e culturais na América Latina. Sendo assim, a autora sugere que após anos de investimentos tecnocráticos nas malhas urbanas, ou seja, a partir de uma saturação do desenvolvimento urbano utilitarista e em blocos, há um retorno do *flanêur* ou *promenêur* de Walter Benjamin⁹. Só os centros antigos, agora detentores de uma aura, trariam uma redescoberta da vida urbana em que seria possível conciliar a identidade local sem perder de vista as relações que as grandes metrópoles permitem manter com o global, "de fato, tornar as moradias reabilitadas no centro da cidade acessíveis aos pobres e menos pobres parece um desafio. Além do mais, isso não faz mesmo parte da cultura dos promotores imobiliários brasileiros" (Ibid., p. 282).

Botelho, especialista em sociologia urbana, observa que há nas cidades por ele estudadas, Vitória, São Luís e Fortaleza, uma nova atmosfera que concentra populações de classe média e alta em antigos espaços urbanos centrais. Há uma concentração dos comércios e de uma lógica de consumo voltada às galerias de arte, restaurantes, bistrôs, cafés, livrarias, etc. Toda essa nova imagem do espaço urbano reafirma o público e garante a conquista territorial e simbólica desse espaço urbano.

Na década de 1980, no Brasil, o foco das análises refletiu na elaboração do conceito de *city marketing*. As cidades passaram a ser vistas como lucrativas e os investimentos em infraestrutura e embelezamento urbano refletiram em investimentos e movimentações financeiras para os bairros enobrecidos. Com foco no mercado global, especialmente o turístico, as cidades basearam seus planejamentos estratégicos em parâmetros e experiências globais, mas venderem em butiques, restaurantes e espaços

⁹ "Em seus ensaios sobre a obra do poeta francês Charles Baudelaire, Benjamin chama a atenção para a figura do *flanêur* que, com um prazer quase *voyeurístico*, comprazia-se em observar refletidamente os moradores da cidade em suas atividades diárias. Dessa paixão do *flanêur* pela cidade e multidão, decorre a *flanêurie* como ato de apreensão e representação do panorama urbano" (MASSAGLI, 2008, pg. 55).

culturais os artesanatos, as experiências, as apresentações artísticas, os *ateliers* e até mesmo a possibilidade de se viver um momento muito fixado no local.

Foi na década de 1990 que o conceito de gentrificação se tornou não mais um investimento de atores isolados ou do mercado imobiliário, mas sim tomou forma de "política urbana, uma estratégia articulada e global que representa uma conquista classista da cidade" (BOTELHO, 2005, p. 55). O autor afirma que a especificidade da gentrificação brasileira se refere, principalmente, a uma mudança nos usos dos centros antigos e não a uma mudança residencial propriamente dita. Ele cita o exemplo do Pelourinho em Salvador, que a partir de investimentos públicos e mesmo de agências internacionais habilitou o centro histórico para um turismo massivo, mas que, por outro lado, não refletiu em uma valorização dos imóveis. No Rio de Janeiro, foi também o poder público quem impulsionou a revitalização do centro histórico. Já o caso de São Paulo contou de início com uma associação para incentivar a revitalização do centro antigo. A *Associação Viva o Centro* foi formada em 1991 por empresários da região, contudo foi o poder público quem arcou com a maior parte dos investimentos em melhorias dos espaços culturais.

A comparação entre os processos de gentrificação possui, no Brasil, um encargo vindo fortemente das iniciativas pública e privada, sendo a revitalização pensada como "demandas colocadas na ordem do dia das cidades pelas novas configurações do mundo globalizado" (BOTELHO, 2005, pg. 67). Mas, de acordo com Botelho, os casos estudados por ele não apresentaram mudanças efetivas, o que ocorreu foi uma reapropriação de lugares pela população que os habita, novas formas de comércio e novas tribos que passam a usar o espaço para o lazer. É interessante notar também a organização dos moradores de São Luís quando eles precisam se posicionar em casos de possíveis expulsões. Em alguns casos, como nos de expulsão, a população acaba se mobilizando e reivindicando a apropriação

dos lugares:

De todo modo, é interessante observar que os casos de revitalização em análise apresentam uma singular articulação entre o discurso da globalização (apoiado, sobretudo, no apelo turístico), com uma prática usualmente excludente, e uma vigorosa resistência a estes processos, com apropriações bastante inovadoras das áreas revitalizadas por parte dos moradores destas cidades (BOTELHO, 2005, p. 69).

Mesmo assim, e quando há exclusão, valeria pensar também no que ocorre nos espaços que não estão no centro da gentrificação. Rogério Proença Leite em sua obra *Usos e desusos da cidade* crítica o próprio termo gentrificação, pois acredita que ele não deve se limitar a análise que as regiões turísticas podem empreender, mas é relacionada também à imagem que a cidade terá no cenário mundial ou nacional. Gentrificação tem sua origem de *gentry*, que em inglês pode ser traduzido como nobre, ou seja, processo de enobrecimento de regiões. A crítica ao termo é feita por Leite (2007), afirmando a dificuldade em empregá-lo em um país em que a nobreza quase não fez ou fez muito pouco parte da história, da arquitetura e da dinâmica das relações sociais se compararmos com os países europeus. Outra possibilidade seria pensá-lo em termos de embelezamento de regiões a partir de investimentos advindos das municipalidades ou de empresas do setor privado, especialmente por parte dos comerciantes locais e das agências imobiliárias. Sendo imprecisos com relação ao termo, podemos considerá-lo como estratégias de valorização com o objetivo de torná-las dinâmicas.

Um antigo adágio medieval dizia que os ares da cidade libertam. Seria possível continuar atribuindo esse mesmo provérbio às cidades contemporâneas? Haveria espaço para o cidadão e sua vida pública, principalmente em um tipo específico de cidade que é reinventada como vitrine do consumo da tradição pelo *city marketing* e suas políticas contemporâneas de patrimônio cultural? (LEITE, 2007, p. 18).

Ainda assim, a gentrificação, embora possua caráter mercadológico, dialoga com o local e pode fortalecer a identidade dos grupos a partir da

transformação no espaço físico em que vivem ou se divertem. Se muitos olham só para a área gentrificada, Leite propõe que desviemos esse olhar para observar as diferentes sociabilidades criadas a partir dessas intervenções mesmo nas áreas que não passaram pela gentrificação, mas que também são alteradas. A chegada de turistas, novos moradores e jovens que buscam lazer altera também a paisagem local.

Minha hipótese, portanto, é que a política dos usos cotidianos e públicos do espaço e do patrimônio resultante dos processos de *gentrification* – que demarcam diferenças e criam transgressões na paisagem urbana ao subverter os espaços urbanos como *espaços públicos*, na medida em que os tornam locais de disputas práticas e simbólicas sobre o direito de estar na cidade, de ocupar seus espaços, de traçar itinerários, de **pertencer**, enfim: ter identidade e lugar. (Ibid., p. 25).

Outra observação feita pelo autor foi a de que as manifestações políticas passaram a ser realizadas na área revitalizada. Os novos usos, somados à visibilidade que foi dada ao bairro, permite reagrupar diferentes manifestações políticas em um local que agora é símbolo da cidade. Sendo assim, a revitalização permite também a formação de símbolos regionais que facilitam a identificação pelo local e permite uma força simbólica nas manifestações realizadas nesses centros. A construção de lugares¹⁰ e a reapropriação de determinados espaços pode conduzir a uma repolitização da vida e dos espaços públicos.

É nesse sentido que um **lugar**¹¹ é sempre um **espaço da construção da diferença**: nele se inscrevem as marcas que caracterizam as diferentes demandas de pertencimento a uma coletividade. É também através dessa diferenciação que um **lugar** pode vir a ser um espaço de cidadania: através dele podem ser demarcadas, social e espacialmente, as confluências ideológicas ou dissensões que se traduzirão na tentativa de uma reivindicação de diferentes valores culturais, interesses políticos, visões de mundo e necessidades materiais. (Leite, 2007, p. 298).

¹⁰ O autor entende por lugar "uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço. cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente" (LEITE, 2007, p. 284).

¹¹ Grifos do autor.

Peixoto (2009) estimula a reflexão sobre a possibilidade criativa acerca das memórias, da arquitetura e do passado que é passível de ser reelaborado. O passado nesse tipo de discussão possui um caráter mais político do que histórico e acaba sendo considerado como o fruto de um símbolo escolhido entre uma série de outros pelo grupo que enseja este como representante dos valores, do passado e da atual configuração de suas sociedades¹². Outra questão que reforça a possibilidade de criação a partir dos centros históricos é a de concentrar atividades artísticas, culturais e sociais em um espaço comum, o que poderia favorecer a integração social e criar pontos de trabalho.

Há, então, a idealização de um passado comum que surge a partir do impacto visual das paisagens urbanas, fortalecido e reelaborado pelo presente. Como ações concretizadas, apesar de refletirem algo que nunca foram, podem representar, desse modo, um ideal do que se gostaria que fosse e a sua representação no contexto presente:

[...] idealizar usos sociais para um espaço enobrecido a partir de operações urbanísticas de larga escala pode concretizar um hiato entre a cidade projetada e a cidade vivida, servindo apenas para revelar que esses espaços requalificados tardam, afinal, a tornar-se aquilo que “seguramente” seriam. (PEIXOTO, 2009, p. 50).

Como outros autores e outros casos já nos mostraram, as requalificações têm muitas vezes aspectos quase cenográficos. Os antigos moradores são deslocados e os visitantes buscam o ponto mais autêntico da cidade se dirigindo aos espaços enobrecidos e os ocupando. O caráter cenográfico e as grandes festas que funcionam como atrativo para que a população de classe média e alta se dirija ao centro traz simultaneamente à tona as esquinas de tensão, das quais não se pode fugir.

¹² Acredito que uma cidade que representa bem a condensação de símbolos em imagens é a cidade de Amsterdam. Sabe-se que nela algumas drogas são utilizadas (*coffe shops*), a prostituição não é crime e não é escondida da população (*red lights*), sabemos que foi uma cidade dominada pelos nazistas na segunda Guerra Mundial e que presenciou o extermínio de muitos judeus (museu Anne Hall), uma cidade que produziu artistas e escritores renomados (Museu Van Gogh). Não podemos sair de lá sem uma foto no cartão-postal que sintetiza toda essa experiência no *slogan* “IAMSTERDAM”, talvez representando o aqui e agora da cidade sem todos os juízos de valor que podem ser a ela atrelados.

O problema é que o modelo, na forma como concebido, não escapa da armadilha que ele próprio criou: para criar nichos de consumo, precisa selecionar usuários; ao inibir certos usos que seriam contrários ao pretendido para esses espaços, fragiliza a pretendida harmonia urbana ao gerar reações diversas que muitas vezes ganham a conotação do que sugeri ser uma tática simbólica de contestação e afrontamento, na forma denominada contrausos (LEITE, 2010, pg.83).

Esses constrangimentos sociais advindos das práticas de enobrecimento, essas constantes esquinas de tensão, podem levar a um esvaziamento dos espaços após a tentativa artificial de ocupação incentivada pelas municipalidades. Leite nos propõe compreender sociologicamente o espaço público como o espaço onde as ações e as identidades são jogadas pelos atores sociais como forma de legitimação de poderes. Os lugares funcionam, então, como demarcadores físicos e simbólicos que orientam as ações sociais e são por elas delimitados reflexivamente e, justamente por isso, estão permeados por ações em que a arquitetura e o meio material urbano ressignificam as "assimetrias de poder e das desigualdades sociais que perpassam sua construção social" (Ibid., p. 84).

A questão que se problematiza a partir dessa categoria é como uma noção de espaço público que insiste na liberal noção cívica de convivência, típico dos projetos de "revitalização" urbana, no Brasil ou em Portugal, pode se manter em meio as disputas e dissensões que caracterizam esses espaços enobrecidos (Ibid., p. 85).

Leite nos mostra, assim, de que maneira o patrimônio histórico, frequentemente concebido pelos idealizadores dos projetos de revitalização como um projeto de pacificação da comunidade por meio da unificação de um passado comum e das tradições compartilhadas, e inclusive tomado como política pública de inclusão social, reflete uma diversidade de usos, de pertencas, de identidades possíveis, mas também de encontro com o até então desconhecido, nos contrausos da cidade.

Após essa breve discussão sobre algumas possibilidades interpretativas e delimitação de variáveis significativas para as análises sobre

os processos de gentrificação, iremos delimitar um pouco mais o nosso objeto. Visamos, no próximo capítulo, analisar como os antigos vestígios industriais entram nos processos de gentrificação. O apelo cultural para o enobrecimento desses espaços é geralmente a regra, porém outras variáveis são importantes para compreendermos a gentrificação na Croix-Rousse, como: a valorização da beleza dos produtos locais, a memória sobre as lutas operárias, o reforço de uma identidade a partir do passado industrial e a valorização da produção local, visando atrair clientela para o consumo dos produtos fabricados na França.

1.4 O patrimônio industrial e a gentrificação

Discussões acerca do uso da tradição foram empreendidas por diversos autores. Seleccionamos aqui Hobsbawn (1997) e Sahlins (1990), que poderão nos fornecer instrumentos para compreender como a tradição é moldada aos interesses contemporâneos dos moradores da Croix-Rousse e pelos que participam das instituições.

Em que medida podemos considerar o bairro da Croix-Rousse como um segmento significativo do patrimônio de Lyon? O conjunto de monumentos históricos que abrigavam no século XIX os *ateliers* dos *canuts* podem ser hoje considerados como elementos do patrimônio histórico? E se nós os considerarmos como tais, a que tipo de patrimônio eles pertencem? .

O argumento central da preservação quando amparada na importância da antiguidade e na força da destruição (que são a essência mesma do tempo) parece não proporcionar uma reflexão muito elaborada. Guillaume, especialista do patrimônio francês, afirma que há uma sensação de culpa com relação à destruição de algo que a memória coletiva tem como importante, isso significa uma percepção da importância social do passado como o fator de ligação entre as diferentes gerações. Responsável maior por assegurar a memória comum, o Estado emerge, nesse momento, como o responsável pela preservação sobre um manto paternalista e "*dans ce point de vue, le musée s'intègre idéalement dans le vaste dispositif collectif de*

production du passé que met en oeuvre l'État dans la société moderne" (Guillaume, 1980, p. 159).

Guillaume considera exagerada a preocupação excessiva com a preservação do patrimônio. Ele de que o mundo e, especialmente, os traços do mundo antigo, possuem uma tendência irreversível a desaparecer:

Il y a donc une tonalité pathétique dans l'incantation d'un patrimoine constitué de quelques traces matérielles. Un héritage se prépare, mais nous ne savons pas vraiment qui seront les héritiers tant le spectre à neutrons, on l'a déjà dit, symbolise à sa manière l'année du patrimoine : détruire la vie mais conserver le matériel. (Guillaume, 1980, p. 13).

Portanto, é inevitável pensarmos o papel do Estado como entidade responsável pelo reconhecimento dos bens a serem memorializados, bem como uma das entidades mais importantes no que se refere à formulação das diretrizes a serem tomadas com relação à transmissão do patrimônio comum.

À travers ces nouveaux appareils, se précise l'idéal de l'État moderne: s'assurer le monopole de la mémoire, réduire la mémoire du tout à la mémoire inscrite, conservée, autorisée. Écrire, ou faire écrire sous son contrôle, le texte du passé pour apparaître comme le créancier unique de son sens et le faire servir à l'idéologie présent » (Guillaume, 1980, p. 16).

A imagem de um mundo em anomia, onde as identidades não podem mais marcar as diferenças entre as pessoas, pode, segundo Guillaume (1980), fazer emergir uma identidade fictícia, que garante uma sensação de estabilidade por meio dos símbolos de um patrimônio que une o grupo pelo passado comum.

À ceux qui n'ont plus ni territoire ni identité sociale propre, la seule possibilité qui reste ouverte est de se reconstruire des « racines », un espace compensatoire fictif dans le passé, une pseudo-topie, pour tenter d'y recréer artificiellement les différences que le présent ne tolère plus (Ibid.,p.15).

Essa identidade, territorializada e "autêntica" passa a ser um adjetivo, tornando a cultura material que representa os grupos contemporâneos mais

interessantes, especialmente pela compreensão de que esses objetos foram realocados, de um “local original”, distante, e, porque não, autêntico e idealizado para o turbulento mundo contemporâneo. Legitima-se um passado idealizado, puro, romântico, em contraposição aos males provocados pela sociedade moderna, que o contaminam e que o deterioram, ou se tornam, nas palavras de Canclini¹³ (1985), fetiches históricos. Repercute-se a ilusão de um momento histórico estático, esquecendo-se da dinâmica e das trocas culturais; não se reconhece a cultura como resultado de seleções, recombinações e de renovações de suas fontes, “só a fé cega ‘fetichiza’ os objetos e as imagens acreditando que neles está depositada a verdade” (Canclini, 2000, p.201).

Existem objetos e práticas que merecem ser especialmente valorizados porque representam descobertas para o saber, inovações formais e sensíveis, ou acontecimentos fundadores na história de um povo. Mas esse reconhecimento não tem por que levar a fazer do “autêntico” o núcleo de uma concepção arcaizante da sociedade e pretender que os museus, como templos ou parques nacionais do espírito, sejam “guardiães” da “verdadeira cultura”, refúgio frente à adulteração que nos afligia na sociedade de massa (Ibid., p. 200-201).

Mas, certamente, os agentes não são passivos na formulação das identidades. Muito pelo contrário, há, simultaneamente ao medo da perda da identidade, a emergência dos valores locais como possibilidade de reestruturar os valores comuns:

Nous ne sommes pas seulement des usagers passifs ou disciplinés de la conservation du passé. Nous avons appris à jouer avec ses simulacres, à les prendre parfois à leurs propres pièges. Appris aussi à jouer avec ses stéréotypes qui, comme dans le champ de la sexualité, sont le signe d'une émotion qui ne hante la pensée du passé - la mort - trouve dans la répétition codifiée des termes le moyen de s'exprimer sur un mode parodique. L'obsession de la conservation du matériel, du visible et du spectaculaire n'efface pas les arts de la mémoire, innombrables et méconnus. Ils se transforment à la recherche d'une nouvelle forme de symbolique qui nous permette encore, "plein de mérites, mais en poètes", de conserver - et de détruire, de garder en mémoire - et d'oublier. (Guillaume, 1908, p. 17).

¹³ Antrópologo argentino.

A partir dessa consideração, Guillaume observa que se o indivíduo não é um sujeito passivo na reconstrução do passado ele pode dar uma inteligibilidade ao passado. Ele pode fazer uma ligação entre o passado e o presente a partir de seus interesses e do projeto que ele forma desde o presente, visando o futuro, as novas gerações ou, ainda, as diretrizes nacionais.

A conservação dos monumentos começou na Inglaterra e na Itália e só mais tardiamente na França. A preservação da arquitetura industrial começou na Inglaterra no início do século XX devido à importância da Revolução Industrial para a história desse país e a contribuição desta para o desenvolvimento do capitalismo por todo o mundo. Então, as questões sobre a preservação ficam evidentes nesse contexto, porque foi possível colocar em evidência os testemunhos do avanço inglês frente a outros países com relação ao desenvolvimento industrial.

Na Itália, o cuidado com o patrimônio começa após a Primeira Guerra. Choay¹⁴ percebe que os italianos foram os primeiros a considerar as cidades antigas como monumentos históricos em sua totalidade (CHOAY, 2009, p. XXI). Na França, a questão sobre a salvaguarda foi decretada oficialmente em 1964, com a lei Malraux. Mas a ideia havia surgido antes. Na época da Revolução Francesa, a ideia de conservação do patrimônio artístico e histórico começou a ganhar forma. Principalmente devido à destruição dos monumentos representativos da nobreza, por razões políticas, símbolos do Antigo Regime.

L'idéologie bourgeoise naissante exagérera l'importance de cette déstructuration, la dramatisera pour mieux l'exploiter à son profil. Avant même que l'essor industriel et urbain ait produit ses effets massifs de déracinement, le peuple est souvent déjà représenté comme une masse instable, dangereuse, chargée de tous les désordres potentiels. Comme un enfant, à qui il faut bien reconnaître l'ardeur révolutionnaire, mais qui n'a pas encore la sagesse. (Guillaume, 1980, p. 120).

¹⁴ Historiadora, especialista em patrimônio e professora de urbanismo, arte e arquitetura na Université de Paris VIII.

Ruskin e Viollet-le-Duc foram dois pensadores que nortearam diretrizes sobre a preservação do patrimônio. O inglês Ruskin realizou vários tratados sobre a restauração e é considerado como mais conservador. Ele defende que os monumentos possuem um caráter sagrado e, por isso, devem ser completamente protegidos, afirma também que não se deveria tocar nos edifícios salvo na medida em que fosse necessária sua proteção (CHOAY, 2009, p. 135). O francês Viollet-le-Duc considera melhor dar uma nova utilização a esses monumentos, o que garantiria maiores possibilidades de salvaguardá-los. Por outro lado, ele defende uma restauração que não se detém na autenticidade dos monumentos. O nome de Viollet-le-Duc « *est devenu, notamment en France, le symbole d'une restauration arbitraire et traumatisante, imputée à sa célèbre définition selon laquelle restaurer un édifice, ce n'est pas l'entretenir, le réparer ou le refaire, c'est le rétablir dans un état complet qui peut jamais exister à un moment donné* » (CHOAY, 2009, p. 146).

De qualquer forma, esses pensadores contribuíram para firmar a preocupação com o patrimônio. As mudanças mais recentes na espacialidade urbana podem, também, mobilizar as ações de salvaguarda. A história das indústrias, nesse contexto que já elucidamos, torna-se representativa de uma parte da vida dos habitantes das regiões marcadas por um passado industrial, engrandecendo a importância de seus antepassados e de suas regiões. O interesse não é unicamente advindo do fato de preservar os sítios industriais em si mesmo, mas de conservá-los para conservar e compreender uma história. Este passado longínquo pode ser interessante para os habitantes da região tanto pela elucidação do que se passou nas suas cidades ou regiões quanto pelos recursos que dispunham as famílias, as formas de moradia e de sociabilidade (que por meio do patrimônio formam novas sociabilidades), pelos conhecimentos dos modos, das técnicas de produção e das antigas relações de trabalho. Compreendemos aqui como as instituições responsáveis pela salvaguarda da

memória contribuem para a formulação de identidades. Segundo Daumas¹⁵ :

... celle encore de bien d'autres aspects de la vie quotidienne, qui au total façonnent l'histoire d'une nation, assez différente de la chronique des chefs d'État et de leurs victoires. Elle compte dans l'histoire culturelle, et dans l'histoire tout court, au même titre que la littérature, la musique où la peinture qui, elles, ont dû leur épanouissement à de nombreuses individualités diversement douées (Daumas, 1980, p. 428)

Considerando a arquitetura das usinas, dos *ateliers* e de outros edifícios que representam uma etapa do desenvolvimento da industrialização, podemos talvez inferir que o bairro da Croix-Rousse é um exemplo desse patrimônio industrial que está sendo reeleborado pelas instituições. Segundo Bergeron & Dorel-Ferre¹⁶ o patrimônio industrial engloba qualquer traço representativo do funcionamento das técnicas como os "*archives, les murs des usines, les débris des infrastructures ou de l'outillage, les collections des produits, l'impact sur l'environnement, la mémoire des dernières générations de patrons ou salariés*". (Bergeron; Dorel-Ferre, 1996, p. 5). Segundo esses autores, na França em 1996, havia cerca de 630 prédios técnicos e industriais protegidos a título de monumentos históricos (Ibid., p. 74).

Mas o bairro da Croix-Rousse, que é fortemente vinculado ao seu passado de atividade dos *canuts*, foi transformado. A ocupação por parte de novos moradores nos faz pensar na ideia de "aura" proposta por Walter Benjamin¹⁷. Seus vastos *ateliers* abrigam, hoje, habitantes que utilizam os espaços como apartamentos privados. O valor simbólico de uma habitação do autêntico *atelier* dos *canuts* agrega também um valor econômico aos imóveis da região. Por outro lado, podemos constatar, hoje, que esse patrimônio é vivo pelo interesse que ele suscita na população, sobretudo pela originalidade do lugar, surtindo em um desejo, por parte da população, em restaurar e resguardar esse bairro emblemático da cidade de Lyon: "*on*

¹⁵ Químico e historiador francês. Tem trabalhos sobre arqueologia das técnicas e sobre o patrimônio industrial francês.

¹⁶ Estudiosos da história da indústria na França.

¹⁷ Em: *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (BENJAMIN, 1955).

connaît davantage le quartier de la Croix-Rousse à Lyon, où étaient établis les ouvriers de leurs ateliers et qui sont aujourd'hui recherchées, car ils - les nouveaux habitants – « personnalisent » les appartements modernes aménagés dans les anciens quartiers industriels " (Ibid., p. 53).

Ao mesmo tempo, não podemos negar o caráter seletivo desse tipo de patrimônio, pois se preserva a história lionesa, inserindo-a como parte dos grandes períodos da história francesa que são, então, representados em um espaço geográfico e arquitetural, porque "sont des monuments de l'histoire de l'architecture autant que de l'histoire de la civilisation " (Daumas, 1980, p. 16). Por isso, a cidade de Lyon trabalha com a valorização do bairro, conservando e restaurando seus monumentos. Além do interesse histórico, há também a possibilidade de desenvolver economicamente a região por meio de diferentes iniciativas, que podem interessar os habitantes, como as atividades ligadas ao patrimônio: a restauração de monumentos, a animação de museus, os cuidados com a arquitetura, a história, o comércio que é beneficiado pelo fluxo de turistas e a sensibilização dos visitantes para o consumo do "*Made in France*".

Segundo Bergeron & Dorel-Ferre, a conservação do patrimônio é uma vontade que supõe, em um primeiro momento, adquirir uma consciência de seu valor e de desejar a sua permanência (BERGERON; DOREL-FERRE, op. cit., p. 71). Os que se interessam pelo patrimônio industrial são em geral os que estão diretamente ligados ao patrimônio: "*ceux dont la vie a été de près ou de loin marquée par celui-ci*". (Ibid., p.85). Nesse sentido, há uma vantagem do patrimônio industrial com relação a outros patrimônios, pois sua compreensão é mais fácil, ela parte das experiências cotidianas. Contrariamente à apreciação das obras de arte, a bagagem cultural para análise de um conjunto industrial é mais acessível (Ibid., p. 86). Mas sua apreciação deve revelar outro tipo de olhar. A estética industrial e sua arquitetura não possuem o mesmo prestígio que outros monumentos históricos mais célebres ou, especialmente, que o das obras de arte. Daumas

(1980, p.28) afirma que *"c'est l'éveil d'une nouvelle sensibilité esthétique qui l'a fait apprécier, en même temps qu'il déterminait une curiosité vers les ouvrages nés des forces de l'industrialisation jusque-là négligés"* (Daumas, 1980, pg.28).

Além disso, o patrimônio industrial também pode ser interessante do ponto de vista da compreensão da história das técnicas e do desenvolvimento econômico e industrial das regiões: *Ce ne sont pas deux siècles, c'est près d'un millénaire d'enrichissement industriel dont la mémoire doit être reconstruite et préservée par ceux qui sont aujourd'hui entrés dans 1ère de l'énergie nucléaire ou de la fibre optique »* (Bergeron & Dorel-Ferre, 1996, p. 16).

Por outro lado, os mesmos autores indicam que o medo e o perigo de destruição impulsionam as políticas de proteção para a salvaguarda do patrimônio. Em 1996, estes autores não acreditavam que os imóveis da Croix-Rousse estariam conservados hoje em dia.

Dans un cas très particulier d'organisation du travail, celui de la fabrique lyonnaise, le travail du canut, cet incassable ouvrier-patron travaillant à façon, a déterminé l'entassement sur colline de la Croix-Rousse d'immeubles qui mériteraient de s'appeler industriels, puisque leurs plafonds élèves, leurs baies étroites et hautes répondaient aux exigences à la fois d'éclairage et de montage des encombrants métiers Jacquard, une machine à bras complexe élaborée au début du XIX siècle pour la fabrication des tissus de soie façonnés. Rien ou presque ne restera peut-être demain de ces bâtisses robustes et originales" (Bergeron & Dorel-Ferre, 1996, p. 17). Il faut que le plus grand nombre de sites et monuments qui l'intéressent soient signalés et que l'opinion publique soit informée des dangers qu'ils courent dans les plus brefs délais possibles. Le problème principal aujourd'hui est d'abord de susciter une prise de conscience de la nécessité de sauver les éléments le plus représentatifs de notre patrimoine industriel, aussi bien par le public le plus nombreux, que par les personnes appartenant aux différents échelons de responsabilité, qu'il s'agisse d'associations culturelles, des organismes publics et privés de recherche et de financement, des milieux industriels et gouvernementales (Daumas, 1980, p. 10)

Françoise Choay faz uma distinção entre monumento ordinário e monumento histórico. Para ela, um monumento ordinário é construído por uma comunidade humana, independente de qual seja a sua natureza e as

suas dimensões *"afin de rappeler à la mémoire vivante, organique et affective de ses membres, des personnes, des événements, des croyances, des rites ou des règles sociales constitutifs de son identité "* (CHOAY, 2009, p. IV). Por outro lado, o monumento histórico não é um monumento intencional, criado por uma comunidade para fins memoriais. Ele é escolhido dentro de um conjunto de monumentos pelo valor histórico ou por seu valor estético: *« plus précisément, dans son rapport à l'histoire (quelle qu'elle soit), le monument historique se réfère à une construction intellectuelle, il a une valeur abstraite de savoir »* (Choay, 2009, p. VII).

Os monumentos considerados como históricos no começo do século XIX foram os edifícios prestigiosos, ou seja, os vestígios da Antiguidade, das catedrais e das abadias, dos palácios e dos hotéis da cidade (Ibid., p. XX). Sobretudo na metade do século XX, a discussão sobre os monumentos históricos foi enriquecida pela tomada de consciência de outros tipos de monumentos, como, no caso deste trabalho, do patrimônio industrial.

Choay (2009) propõe então uma reflexão sobre a questão do patrimônio. Seu argumento é que nós vivemos em um mundo em que tudo se transforma em produto de consumo. O patrimônio, desse ponto de vista, se transforma em fetiche, resultando em uma cultura de massa que não permite uma reflexão sobre o significado do dele. Ela defende uma luta pela justa utilização do patrimônio :

(...)d'abord, celui de l'éducation et de la formation ; ensuite, celui de l'utilisation éthique de nos héritages édifiés (aujourd'hui marchandises sous le vocable de « patrimoine ») ; et, enfin, celui de la participation collective à la production d'un patrimoine vivant. (Choay, 2009, p. XLIV).

Para que isso se concretize, a autora enfatiza a importância das associações locais como uma forma de luta contra a homogeneização dos patrimônios. E não partindo de uma identidade simplista e reducionista, mas, sim, tendo em vista que a patrimonialização é uma construção humana e que deve servir ao momento presente das comunidades, tendo em vista suas

configurações espaciais e suas próprias características arquiteturais:

C'est en réapprenant à inscrire les problématiques sociétales du présent à l'échelle et sur le socle d'un héritage local (naturel et édifié) que seront inventées les nouvelles entités spatiales sur la fondation desquelles retrouver et continuer à enrichir la hiérarchie des identités régionales, nationales, européenne. (Choay, 2009, p. XLIV).

No caso francês, a proposição da Délégation à l'aménagement du territoire et à l'action régionale (DATAR) para o desenvolvimento econômico considera o patrimônio como uma forma dentre as outras de valorização das regiões. Um trabalho de desenvolvimento global – traduzido pelo termo de Economia do Pôles d'Économie du Patrimoine (PEP) –, a partir do patrimônio, deve se concentrar não somente na preservação dos sítios de interesse histórico, cultural ou artístico, mas, sim, deve pensar todas as formas possíveis de valorização das regiões. O desenvolvimento seria valorizado pela criação de empregos ao redor dos sítios, manutenção do artesanato, ou, ainda, encorajando a formação sociocultural dos habitantes com o intuito de formar animadores para essas localidades. O PEP propõe cinco aproximações diferentes que podem ajudar o desenvolvimento econômico das regiões, são elas as ações culturais, turísticas, econômicas, sociais e pedagógicas. O PEP é hoje, na França, uma das orientações com maior eficácia no que se refere à elaboração de políticas de preservação. Vejamos como ele discorre sobre as cinco temáticas.

A questão cultural pela valorização do patrimônio é muito importante na ótica do PEP. A valorização e o conhecimento do patrimônio podem, segundo o PEP, "pallier à une vision passéiste du patrimoine et pour élaborer des démarches tournées vers l'avenir sur le monde » (Virassamy, 2002, p. 62)" (VIRASSAMY, 2002, p. 62). Há também uma incitação no que se refere às ofertas de serviços culturais" dans un objectif d'attractivité des territoires et de redymisation locale" (Ibid., p. 62).

A questão turística é a ambição de todos os projetos de

patrimonialização. Entretanto, segundo o PEP, isso deve ser feito de maneira equilibrada em razão dos danos que podem ocorrer devido ao turismo de massa. Sendo assim, o PEP propõe novas formas de fazê-lo: "« forte exigence culturelle, pédagogie attractive, thématisations de l'approche, mise en réseau de sites diversifiés, efficacité de la 'mise en produit' » (Virassamy, 2002, p. 63).

A questão econômica é também uma ambição do PEP. Isso pode ser realizado por meio do estímulo a empregos duráveis relacionados ao patrimônio e também pelas atividades industriais e artesanais relacionadas ao bem patrimonializado: « *il s'agit de participer à la création d'un 'environnement culturel actif', qui puisse rendre la zone plus attractive pour les entreprises, les résidents potentiels, les porteurs de projets* » (Virassamy, 2002, p. 63).

A questão social demanda uma relação entre o desenvolvimento justo com as características locais e as exigências da população. Isso pode ser feito através da população diretamente envolvida com o patrimônio, que deve, então, ser encorajada a gerir e a desenvolver projetos locais. E, finalmente, a questão pedagógica que visa « l'accueil et la formation des jeunes » (Virassamy, 2002, p.64), « *en privilégiant les produits de type 'classe patrimoine' ou 'séjour découverte', le PEP doit être le cadre d'une pédagogie attractive pour partager auprès des enfants les qualités du patrimoine local* » (Virassamy, 2002, p. 64).

Percebemos por esses direcionamentos do PEP que embora não sejam atuantes em todos os patrimônios franceses é utilizado como um formador de diretrizes e de políticas ligadas ao patrimônio.

O trabalho realizado pelas instituições da Croix-Rousse é variado. Diversas perspectivas são valorizadas pelos seus presidentes, e o conflito pela supremacia do enfoque de cada instituição é bem marcada. No entanto, as associações, mesmo que sejam conflitantes, propõem diversas abordagens sobre o patrimônio e sua utilização. Queremos dizer com isso

que a participação da população civil na Croix-Rousse em forma de associação é muito significativa. Talvez, para os agentes responsáveis pela salvaguarda deste patrimônio o conflito entre os diferentes pontos de vista possa parecer algo cansativo e que faz retardar o avanço na patrimonialização da região. No entanto, podemos pensar que o conflito permite tornar o patrimônio um espaço de reflexão. Com um olhar atento desde fora, podemos perceber como o patrimônio histórico da Croix-Rousse é apresentado sobre uma perspectiva dinâmica, que encoraja um debate a partir das questões do presente. Sendo assim, a perspectiva histórica não fica estática em um passado glorificado e adorado, ao invés disso, parece tentar colocar a história a favor dos desafios presentes. Grande parte das associações não centram suas análises no passado, mas tenta refletir sobre a própria questão têxtil francesa e sobre a atual indústria francesa. Os atores envolvidos nessa preservação enfatizam a importância de encorajar um consumo e uma fabricação locais que permitiriam garantir a permanência e a recuperação do mercado interno. Seus argumentos reforçam a ideia de que o consumo de produtos locais pode conduzir a um aumento da produção, a partir da sensibilização dos visitantes, gerando uma dinamização do setor econômico da indústria têxtil francesa e lionesa.

Capítulo 2 - A história da Croix-Rousse

Para que possamos localizar o bairro da Croix-Rousse, vamos fazer uma breve introdução sobre a cidade de Lyon. Prefiro, já neste primeiro momento, elucidar os limites deste capítulo. Iremos discorrer sobre uma cidade onde eu não moro, mas que, durante 10 meses, me mostrou um pouco sobre os modos de vida francês e europeu. No entanto, os limites para compreender uma região com tantas particularidades e com uma história muito densa poderiam ser um empecilho para o desenvolvimento deste projeto. E confesso que, muitas vezes, foi exatamente isso que me passou pela cabeça, a possibilidade de não conseguir fazer um estudo da região.

Longe de tentar compreender a totalidade da vida em Lyon ou na Croix-Rousse, devo assumir que a estratégia aqui empreendida foi a de observação da vida na cidade e de contato com os moradores. Para aplicar essa estratégia, dialoguei com os colegas do mestrado e da Residência Universitária André Allix, com pessoas que fiz amizade durante a estadia, que geralmente se mostravam receptivas nas conversas sobre os valores, a história e a cultura na França, assim como com suas particularidades lionesas.

Mas não só eles se mostraram cordiais, devo reforçar que todos os entrevistados também se mostraram muito receptivos à ideia da pesquisa, aceitando conversar comigo mesmo deixando os horários de fim do intercâmbio muito apertados. O envolvimento com a história da região, a memória dos trabalhadores da seda, a luta pela preservação do patrimônio e as tentativas de fortalecimento de uma indústria têxtil, pelo viés da sensibilização dos visitantes, foram transferidos para mim. Espero poder, apesar das limitações já mencionadas, apresentar de forma satisfatória aos meus interlocutores a Lyon que eles me apresentaram, e, mesmo não sendo a minha cidade natal, acabou marcando uma fase muito importante da minha vida acadêmica e pessoal.

Então, iremos realizar uma breve história de Lyon e da Croix-Rousse, a partir de duas obras já consagradas: o livro *Sociologie de Lyon*, uma colaboração dos autores Jean-Yves Authier, Yves Grafmeyer, Isabelle Mallon e Marie Vogel, e o livro *La Colline de la Croix-Rousse*, de Josette Barre. Optamos por trazer as vozes de nossos entrevistados, os moradores de Lyon que se ocupam da salvaguarda da memória da Croix-Rousse, para enfatizar o caráter dinâmico de construção da história do lugar.

2.1 - A cidade de Lyon

Em *Sociologie de Lyon*, Authier não ambiciona traçar uma história linear e coerente da cidade. Contrariamente a essa perspectiva, o autor nos mostra as ambivalências relativas a ela. O texto é iniciado a partir dos estereótipos aos quais os lioneses e a própria cidade de Lyon são vinculados, isto é, uma cidade rica, burguesa e de trabalhadores. Esses estereótipos possuem uma eficácia na sociabilidade das pessoas, pois elas significam e perpetuam um modo de ser, que, em certa medida, é aceito pelos moradores, pois é reproduzido por eles. Há, também, uma marca nos discursos sobre a personalidade lionesa, que utiliza a história para realizar um tipo específico de interação. O lionês possui uma personalidade conservadora, é “fechado”, possui horror ao escândalo, é discreto e não valoriza a ostentação.

Por outro lado, e contrariamente a essa personalidade burguesa, existe o imaginário relacionado aos trabalhadores da seda, que são lembrados pelo caráter combativo e a sociabilidade popular deles. É a partir dessas e de outras oposições, como conservação e inovação, que podemos pensar tanto a cidade de Lyon quanto seus moradores. Um apego à tradição, mas uma ânsia em inovar, definidos também pelo desenvolvimento técnico e explicitados pela indústria têxtil, foi o que caracterizou durante muito tempo a sociabilidade lionesa.

Lyon, ville bourgeoise, possède en même temps, à la différence d'autres ville "bourgeoises" comme Bordeaux [Victoire, 2007], une image populaire. Cette image renvoie à l'histoire de la soierie lyonnaise, aux

ouvriers et ouvrières travaillant dans le tissage de la soie, les “canuts”, et à un tout autre quartier de Lyon, la Croix-Rousse. (Authier, 2010, pg. 9).

A designação de Lyon como uma capital, que não é Paris, parece também ser um dos símbolos da cidade, que se tornou: a capital política dos gauleses na época romana; a capital comercial e econômica da França nos séculos XV e XVI; a capital da resistência durante a Segunda Guerra Mundial. Talvez rancorosa de Paris, Authier afirma que Lyon busca se legitimar por outros ângulos, buscando valorizar épocas e períodos em que competiu com a capital francesa. É por isso que « Lyon, qui a la nostalgie de n'être pas capitale et donc de n'être qu'une ville de province, aime aussi cumuler les titres honorifiques de capitale qui lui mettent du baume au cœur » [Benoît, 2000]. (Authier, 2010, pg. 18).

A urbanização de Lyon segue o modelo Haussmaniano de racionalização da utilização do espaço público. Ruas retas e largas, áreas verdes e parques são organizados de um modo similar a de outras cidades francesas e europeias. A partir da segunda metade do século XIX, os bairros foram divididos de forma a marcar socialmente os espaços, assim foram construídas as grandes avenidas para carros, os espaços de pedestres, os parques, como o Tête d'Or, e, além disso, os operários ficavam aglomerados nas proximidades das indústrias, formando bairros. O caráter industrial da cidade se preserva até hoje, mantendo ainda ativas indústrias de têxteis, metalurgia e química. Grandes imóveis burgueses também fazem parte do cenário de Lyon.

Lyon possui uma população estimada em 472 000 habitantes, que, segundo Authier, estão desigualmente divididos nos nove bairros da cidade. Uma das características dessa população é a juventude, outra é o fato de ser uma população com um nível de estudo alto quando comparado a outras cidades francesas. Além de estudantes, grande parte da população possui profissões intelectuais de nível superior, intermediário ou trabalham como empregados.

Cerca de 8,2 % da população lionesa é constituída por imigrantes. Grande parte deles advém do Maghreb e do sul da Europa. Os mais representados dentre os imigrantes são os algerianos, seguidos dos portugueses, italianos e espanhóis.

À l'intérieur de la ville, ces populations, et notamment les populations immigrées originales du Maghreb, sont localisées surtout dans les logements sociaux situés dans les 8e et 9e arrondissements et dans les logements non réhabilités des pentes de la Croix-Rousse dans le 1ère arrondissement. Mais ces populations étrangères et/ou immigrées se situent surtout à l'extérieur de la ville, dans les grands ensembles d'habitat social des communes de l'Est lyonnais. (Authier, 2010, pg. 64).

O autor ainda afirma que a distribuição no espaço é resultado da história de ocupação do território, tendo em vista a geografia, a industrialização, o povoamento, as políticas urbanas, a escolha de regiões nobres e dos efeitos da metropolização. Authier ainda aponta a valorização de determinadas regiões de Lyon :

À Lyon intramuros, c'est dans tout la portion centrale comprise entre le Rhône et la Saône que les revenus moyens s'accroissent le plus : dans les quartiers déjà aisés des 2ème et 4ème arrondissements, mais plus encore entre les deux, sur les pentes de la Croix-Rousse, où se poursuit le mouvement de gentrification amorcé au cours des années 1980. (Authier, 2010, p. 77).

Authier afirma ainda um certo caráter “bobo” atribuído a novos segmentos da população lionesa. Segundo o autor, podemos compreender o tipo *bobo* a partir da seguinte anedota:

“(…) à la fois “bourgeois” et “bohème”, le bobo est aisé mais se revendique de gauche ; il surveille les cours de la Bourse mais il a une conscience sociale et il mange bio ; il est abonné à Télérama tout en méprisant la télévision ; il milite pour la mixité sociale, qu’il contribue pourtant à compromettre en modifiant peu à peu le peuplement et l’ambiance des quartiers qu’il investit” (Authier, 2010, pg. 78).

Authier afirma que Lyon possui uma tradição de direita, sendo que nos últimos 50 anos, 46 eleições municipais foram ganhas pela direita e somente

duas pela esquerda. No entanto, nos últimos anos, a Mairie de Lyon pertence à esquerda, e os autores apontam ainda algumas mudanças na participação da população com relação à municipalidade. Há uma tendência na descentralização, considerando que as prefeituras dos bairros começam a ganhar mais força no que se refere à participação da população civil na política pública. A cidade, que possui uma história de participação ativa da população, parece estar investindo em formas de democracia participativa, dando voz aos que são diretamente atingidos pelas políticas públicas.

De fait, si l'on s'en tient à la Vème République, le vote à droite y avait nettement domine jusque-là. Les listes de gauche n'avaient jamais rallié beaucoup plus du tiers des suffrages aux élections municipales successives et – toujours depuis 1958 –, sur quarante-sept scrutins législatifs, quarante-cinq avaient été remportés par la droite et deux seulement par la gauche [Bacot, 2002]. (Authier, 2010, pg. 86).

No entanto, são apontadas algumas mudanças no eleitorado lionês. O rejuvenescimento da população e a mudança no quadro socioprofissional podem indicar tais aproximações com partidos de esquerda. « *Au croisement des effets d'âge, d'orientation idéologique et de rapport à la culture, la croissance du nombre d'étudiants doit être considérée, elle aussi, comme une composante non négligeable du renouvellement de l'électorat lyonnais* » (Authier, 2010, pg. 88).

Parece haver também uma especificidade da política lionesa no que se refere às políticas nacionais e ao certo localismo, que, ao decorrer da história da região, reforça um caráter diferenciado para a administração de Lyon. “L’invocation du particularisme lyonnais, de la “lyonnitude”, est également l’un des ingrédients d’une rhétorique de légitimation – ou tout au moins de séduction – qui tend toutefois à se faire plus discrète que par le passé » (Authier, 2010, pg. 93).

Mesmo tendo em vista essa evocação de um particularismo, parece haver em Lyon também uma tendência de uma política urbana que visa à metropolização a partir de características globais. Urbanização, incentivo aos

transportes em comum de alta qualidade, diversidade de atrativos culturais, enobrecimento das regiões, oferta de serviços gastronômicos, festivais que atraem pessoas de diferentes regiões e países, incentivo ao intercâmbio entre universidades de países europeus (ERASMUS) e entre países do mundo inteiro (como o acordo entre UFPR e a região Rhône-Alpes) trazem juntamente a esse caráter local uma relação forte com o mundo globalizado. Authier elucida uma das diretrizes elaboradas para a cidade pelo mandato de 2001-2007 de Gérard Collomb, Maire de Lyon :

Nous allons vivre à nouveau le temps des villes [...]. En Europe, seules sans doute une quinzaine d'agglomérations émergeront pour être visibles de l'Amérique et de l'Asie. [...] Les autres se provincialiseront ! "Le nouveau maire exprimait, par ces formules raccourcies, la dynamiques du pouvoir urbain et le changement des échelles de référence de sa propre action : la ville comme agglomération dans un espace de plus en plus concurrentiel et internationalement défini. (Authier, 2010, pg. 94).

Temos aqui uma clara referência aos projetos de urbanização e fomento à cultura, tendo em vista a concorrência entre cidades. Lyon já é tida na Europa como uma cidade cosmopolita aos moldes europeus. A aproximação com a ideia *de city marketing* aqui é válida, pois percebemos que muitas das transformações empreendidas são realizadas visando às necessidades de um mundo globalizado, de uma cidade que facilita o turismo e o intercâmbio de estudantes. A relação entre o local e o global é evidente. Ao mesmo tempo que Lyon possui uma história, geografia e um modo de vida particulares, grande parte dos eventos que acontecem lá tem a intenção de atrair uma população cada vez mais globalizada, ou seja, com atrativos culturais que reforcem o caráter global da cidade.

Finalmente, Authier nos aponta um possível panorama de Lyon, trazendo a ideia de que ela se encontra como uma cidade em movimento. E, de fato, essa parece ser a Lyon que conheci, ou ao menos, a Lyon que é apresentada aos estudantes internacionais.

Existem dois novos polos surgindo na cidade, o Lyon Confluence e o Carré de la Soie (que embora tenha um apelo à indústria têxtil lionesa não

parece ter uma relação com o reavivamento dessa economia). Alguns bairros antigos passam também por revitalizações e centralizações de polos econômicos, alojando empresas de diversos segmentos (como no caso de Part-Dieu). Outras, como Gerland, valorizam a concentração de escolas de Ensino Superior, voltadas à indústria e às ciências humanas. Inclusive os bairros mais antigos transformam e modernizam suas paisagens, o que reflete em uma mudança dos grupos sociais que ali se instalam, como os casos de Vaise, Guillotière e Croix-Rousse :

(...) d'autres chantiers très nombreux, mais plus ponctuels et moins visibles, portés par des jeunes couples actifs avec enfants, aux revenus élevés, transforment les logements des immeubles anciens, et en particulier ceux situés au rez-de-chaussée ou dans les étages le plus élevés, en lofts ou en duplex [Lévy-Vroelant, 2001]. (Authier, 2010, pg. 107).

As transformações da paisagem urbana são resultado e resultam em novas formas de uso da cidade, novas maneiras de habitar e viver. A valorização do espaço público, dos parques, dos espaços de pedestres e o uso da bicicleta (Velo'v) e das praças criam uma nova relação entre os habitantes e a cidade, que tende a ser, cada vez mais, utilizada pela população. Percebemos que a cidade de Lyon elabora políticas voltadas a tais fins, pois são inúmeros os festivais que têm a intenção de atrair a população para as ruas, por exemplo: “Nuits de Fourvière”, “Nuits Sonores”, “Fête des Lumières”, “Biennale Musique en Scène”, “Biennale du Théâtre jeunes publiques”, “Bienalle de la Dance”, dentre outros que são proporcionados pela cidade e pelas associações e que são de pronto aderidos por grande parte da população de Lyon.

Lyon também foi inserida em 1998 como Patrimônio da Unesco. A área tombada representa um dos maiores espaços físicos da Europa, e grande parte das regiões antigas de Lyon estão inseridas como parte do Patrimônio da Humanidade. Justamente por possuir uma grande variedade de períodos históricos que representam o desenvolvimento da arquitetura e

da urbanização europeia, a cidade acaba tornando-se um emblema desse processo.

A cultura é, em Lyon, apropriada como uma forma de dar vida à cidade, mas que acaba, conseqüentemente, trazendo benefícios econômicos e sociais para seus moradores. Inserindo-se como uma cidade que é exemplo em suprir as necessidades para se habitar no mundo contemporâneo, acaba tornando-se um diferencial na competição entre cidades.

La culture, au sens le plus large, est devenue aujourd'hui une affaire d'agglomération, un enjeu majeur pour une dynamique d'internationalisation qui se nourrit des interdépendances entre patrimoine et création, entre héritages du passé et projets urbains, entre qualité de vie pour les habitants et attractivité du territoire pour les visiteurs et pour les firmes" (Authier, 2010, pg. 113).

Parece que cada vez mais Lyon vem ganhando o *status* de uma cidade internacional. Reconhecida tanto por organismos internacionais quanto pela própria população como um lugar com equipamentos culturais, sociais e econômicos que tornam a cidade um local agradável de se viver e visitar.

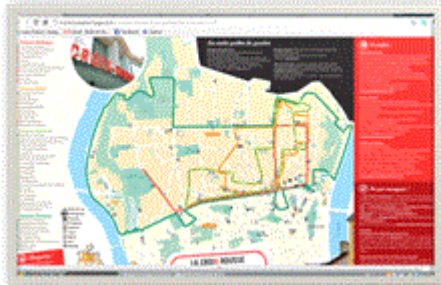
Dans la plupart des classements internationaux, Lyon "gagne des places", ce qui est sans doute l'élément le plus significatif de sa capacité actuelle d'attraction et de rayonnement. Loin derrière Paris et même quelques grandes villes européennes non capitales, elle appartient plutôt à la catégorie des "villes mondiales en formation", pour reprendre le pronostic d'une étude réalisée il y a quelques années par une institution britannique [Beaverstock, Smith et Taylor] (Authier, 2010, pg. 118).

2.2 A Croix-Rousse

Le quartier de la Croix-Rousse est surnommé "le Village" pour la qualité de vie qu'il offre à ses habitants. Faubourg indépendant du Franc Lyonnais depuis le Moyen Âge et rattaché en 1852 à Lyon, la Croix-Rousse a gardé un esprit indépendant. La présence d'une Grande Rue et de voies publiques à l'activité commerçante dynamique, celle de deux marchés alimentaires 6 jours sur 7, d'un cinéma, d'une église, renforcent cette caractéristique d'un lieu à échelle humaine où les habitants se côtoient dans une atmosphère conviviale. Transformée par l'arrivée des canuts, ouvriers en soie du XIXème siècle, la colline demeure

profondément marquée par le travail généré par la Grande Fabrique. L'habitat et les vestiges de cette activité évoquent à la fois le savoir-faire des tisseurs et leur apport essentiel à l'histoire sociale. Enfin le plateau croix-roussien offre des points de vue superbes sur Lyon et la région Rhône-Alpes. (Disponível em <http://croixrousselevillage.com/images/stories/plan/planguide-xrousse-fr.pdf>, 9 de abril de 2012).

Foto 1



1 : Mapa Turístico da Croix-Rousse. (Disponível em:<<http://croixrousselevillage.com>>. Acesso em: 9 jul. 2013).

A Croix-Rousse é uma região localizada em uma das colinas de Lyon. Convencionou-se separá-la em duas áreas distintas: o **Plateau**, que possui um diâmetro de 2 km e uma superfície quase plana que varia de 235 a 250 metros de altura; e os **Pentes**, que se constitui como a parte meridional da colina, mais dissimétrica. Essa elevação da colina relacionada a outras regiões de Lyon se destaca em vários aspectos, como: proteção de fronteiras, risco muito baixo de inundações, grande vista para a cidade e um microclima característico.

2.2.1 Os primórdios da ocupação

A história de Lyon, e mais especificamente da Croix-Rousse, remonta a época romana. Barre (2007) enfatiza a região como estratégica, servindo como centro político e religioso dos TroisGaules. Durante a época medieval, a Croix-Rousse não era mais que uma zona rural na entrada de uma grande cidade. Há, portanto, poucos vestígios medievais na região, visto que naquela época os "lioneses" preferiam habitar perto dos cursos de água, o que facilitava a agricultura e a cultura do vinho.

A la fin du XVe siècle, la colline de la Croix-Rousse offre tous les aspects de la campagne aux portes de la grande ville et avec cette dernière, elle entretient des rapports étroits. Les cultivateurs écoulent leurs productions à Lyon et certains logent intra-muros comme la plupart des propriétaires. Mais bien que dépendante économiquement de Lyon, la colline échappe alors à l'emprise administrative de la grande ville. (Barre, 2007, pg. 22).

Após um período de estagnação, na metade do século XV, a cidade de Lyon retomou a prosperidade que tinha na época antiga. Sendo assim, ela voltou a ser um dos grandes cruzamentos europeus, atraindo comerciantes e estrangeiros. As indústrias de seda e impressão fizeram parte desse movimento, dessa forma, a colina participou do processo de evolução da indústria e da história de Lyon. Logo, foi na época moderna (fim da Idade Média até a Revolução) a ocupação dessa região, que, no início, constituiu-se a partir do agrupamento de casas baixas ao redor de uma cruz vermelha. *"Là, quelques maisons basses se regroupent aux abords d'une croix en pierre dorée du Mont d'Or, une croix de couleur rousse, à laquelle la colline doit son nom. (La croix érigée en 1994 vers la place Joannès-Ambre en reprend l'emplacement) ».* (Barre, 2007, pg. 25). Essas casas estavam localizadas, sobretudo, na Grande-Côte e na Grand-Rue.

Até aproximadamente 1750, a Grande-Côte e a Grand-Rue constituíam a única via importante para ligar Lyon a outras regiões da França e até mesmo ao exterior. Assim, a região começou a se destacar como um polo de comércio, havendo isenção de impostos e outros benefícios para estimular a atividade agrícola e comercial da região. Grande parte dos imóveis foi construída, então, para abrigar os comerciantes e suas lojas.

Inicialmente, foram homens de negócios estrangeiros, principalmente os italianos e alemães, que se interessaram pela colina, comprando propriedades nos Pentes e sobre o Plateau. Em contrapartida, com o renascimento religioso ou a Contrarreforma, os religiosos passaram a habitar a colina em seus lugares. Por volta de 1750, o número de construções novas diminuiu, e o interesse dos lioneses se dirige a outras regiões da cidade.

A região da Croix-Rousse ainda não pertencia a Lyon, pois

permaneceu ligada à região de Cuire até 1793. Rixas entre as duas comunidades se tornavam cada vez mais frequentes e acirradas. No entanto, a Revolução Francesa trouxe uma nova dinâmica à colina e os bens da Igreja foram contestados e muitos apropriados pelo Estado.

Jamais auparavant, les Lyonnais n'avaient osé toucher aux possessions des communautés religieuses, même si elles occupaient une trop grande place dans la ville. La Révolution met, sans scrupule, un terme à des siècles d'appropriation religieuse. De nombreux clos sont vendus comme bien nationaux" (Barre, 2007, pg. 47).

A região voltou a apresentar vantagens em comparação a outros locais da cidade. A altitude impedia inundações e o microclima da região era valorizado como saudável e agradável de se viver, devido, dentre outras coisas, à pureza do ar. Embora tenha sido afetada pela Revolução, a produção têxtil lionesa passou por um período de renascimento, que iria durar mais de meio século. *"Ce prompt rétablissement s'opère grâce à l'intervention des autorités municipales, des fabricants, et grâce à Napoléon Bonaparte, "ces héros généreux et bienfaisants" comme les qualifie alors la municipalité lyonnaise". (Barre, 2007, pg. 50).*

Dentre outras questões, o investimento na indústria da seda se orientava em buscar tinturas e novas cores. Napoleão incentivava a utilização da seda francesa na Corte, assim como a formação técnica, modernização das máquinas e financiamento para pesquisa, visando novas descobertas para abaixar os preços por meio da racionalização da produção.

Les métiers à tisser de l'époque moderne ne répondent plus aux nouveaux impératifs et à la pénurie de main d'œuvre. Ces métiers dits "à la tire, à la grande tire" nécessitent au moins deux personnes : le tisseur et le tireur de lacs, généralement une femme placée sur le côté du métier et qui tire des ficelles ou lacs classés selon le dessin à réaliser. Rattachés à un système complexe de cordes, ces lacs classés soulèvent certains fils de chaîne pour permettre au tisseur de passer les fils de trame. (Barre, 2007, pg. 51).

2.2.2 - A Grande Fábrica

No século XVIII, alguns inventores já haviam conseguido aperfeiçoar as máquinas. Mas, embora haja controvérsias, foi Joseph-Marie Jacquard¹⁸, que, encorajado por autoridades lionesas e pelo Imperador, conseguiu avançar na tecnologia. No entanto, sua técnica não foi imediatamente aceita pelos trabalhadores, considerando uma série de inconvenientes ligados ao novo *métier*: muito barulho, difícil manuseio e a insatisfação com o desemprego dos *tireurs des lacs*. Logo, Jacquard vendeu poucas máquinas inicialmente.

Foto 2



2 - Estátua de Jacquard na Praça da Croix-Rousse

Cependant, on ignore à peu près tout de Joseph-Marie Jacquard. Il fut pourtant, selon le mot de Charles Maurras, l'homme "d'une opiniâtre volonté majeure, toujours la même : construire la machine que l'on substituerait au travail inhumain des tireurs de lacs". Tout à fait représentatif non seulement des méthodes textiles lyonnaises mais aussi de l'ingéniosité locale, il mérite d'être sorti de l'anonymat où il a été vite en

¹⁸ A técnica utilizada antes de Jacquard, chamada de *à la grand tire* possuía uma série de inconvenientes. Um barulho muito alto, um trabalho lento e demorado, ou até mesmo perigoso. Essa técnica necessitava de um *tireur de lac*, normalmente uma criança que organizava os fios muito rapidamente enquanto o tecelão realizava seu trabalho. A técnica de Jacquard consiste em introduzir um cartão perfurado com o desenho, organizando os fios, e tirando a figura do *tireur de lac* da produção. Ele foi muito criticado, pois além de desempregar uma série de pessoas, sua máquina, em um primeiro momento, não foi muito eficaz. Atualmente, seu nome é relacionado à máquina que ele criou e ao tipo de tecido produzido nos moldes formulados por ele.

sevelo, réduit finalement à un nom commun. Ainsi pourra être honoré, selon l'expression, au siècle dernier, d'un collaborateur de la Revue du Lyonnais, "celui qui a le mieux personnifié l'ouvrier lyonnais, pas sa simplicité, son désintéressement et son patriotisme". (Etèveaux, 194, pg. 9).

A invenção foi aperfeiçoada por Jean Breton. A grande demanda pela seda lionesa, o aperfeiçoamento da técnica e as vantagens oferecidas pela região atraíam uma série de trabalhadores. E a Croix-Rousse parecia oferecer um ambiente propício para abrigar esse grande contingente que chegava para trabalhar. A grande demanda e número de trabalhadores refletiam em um aumento da construção de imóveis na região.

Pour répondre aux besoins croissants de la soierie et de ses professionnels, la colline va connaître, durant la première moitié du XIXème siècle, une fièvre de construction jamais égalée ensuite. Des rues nouvelles sont à peine ouvertes que des immeubles s'élèvent aussitôt. La rapidité et l'ampleur du phénomène surprenne d'autant plus que les urbanistes ne les avaient pas prévues et que la colline, avec ses fortes pentes, ne constituait pas d'emblée une zone idéale. Quelques chiffres permettent d'apprécier cette évolution. En un demi-siècle, la longueur des rues fait plus que doubler sur le Pentes et dans le faubourg. La population de ce dernier est en 1811 de 3 900 habitants, puis 16 000 en 1831 et 29 000 en 1847. Cette forte croissance est liée au développement du tissage. (Barre, 2007, pg. 55).

A Croix-Rousse se transforma em uma região imensa e muito movimentada na metade do século XIX. Tanto os Pentes como o Plateau tiveram seus terrenos loteados a particulares que construíram prédios com o objetivo de aperfeiçoar o loteamento. Contudo, não houve planejamento visando uma orientação comum para a construção desses imóveis. Dessa forma, o bairro passou por alguns processos de urbanização. Em 1817, o arquiteto da cidade, Louis Flachéron, propôs ampliar, urbanizar e reformar a entrada principal de uma das praças do bairro, o Jardin des Plantes, que era uma região na qual grande parte do negócio da seda era tratado. Considerando isso, as diferenças sociais entre os trabalhadores são bem marcadas pelos espaços.

Dans les petits appartements des derniers niveaux, se retrouvent là aussi des ouvriers en soie ou d'autres secteurs, des hommes de peine, des

commis, mais il n'y a de tisseur, car ils sont jugés indésirables dans ce quartier hautement résidentiel. Si dans les deux clos précités, la Ville a ouvert des rues, elle ne le fera plus ensuite à ses frais. Elle laissera agir les lotisseurs particuliers, du moins pendant quelques années" (Barre, 2007, pg. 64).

Foto 3



3 Imóveis-ateliers da Croix-Rousse hoje

A partir de 1825, a municipalidade passou a pensar em um traçado para a região. Ruas com ângulos retos, padrão na largura, praças para descanso dos cavalos, escadarias. O projeto, elaborado por Coillet, estava, em 1830, quase completamente realizado.

A uniformidade das fachadas na Croix-Rousse era decorrente da tentativa de baixar os custos na construção dos imóveis. Havia poucas decorações e variedade de cores. Por outro lado, as grandes janelas permitiam uma entrada maior de luz durante um longo período do dia, ao mesmo tempo em que o pé direito alto permitia a acomodação dos grandes *métiers* (cerca de 3,90 metros de altura). Além da uniformidade externa, havia muitas semelhanças dentro dos imóveis: eles possuíam entre duas e três peças, o proprietário em geral residia nele, alguns imóveis possuíam uma pequena sacada, no típico *immeuble-atelier* havia, no andar térreo, lojas e comércios de primeira necessidade. Já o apartamento dos tecelões correspondia a uma ou duas peças separadas por uma pequena divisória. Cada peça tinha ao menos duas aberturas e a quantidade de *métiers* era a mesma que de janelas, havia também um espaço para a preparação dos fios, trabalho geralmente destinado às mulheres.

Os imóveis projetados para acolher os tecelões eram destinados a

acolher camadas modestas da população. O som característico das máquinas, o "*bistanclaue-pan*", era repetido continuamente, somando-se à trepidação e às vibrações das máquinas. Por isso, os espaços refletiam os usos dos diferentes grupos sociais, que acabavam se concentrando entre o seus "iguais". Muitos abandonaram seus antigos domicílios e partiram para a Croix-Rousse. Dois terços dos imóveis da colina erguidos até a metade do século XIX possuíam as características de *immeubles-ateliers*. A originalidade desse bairro se refere justamente a esta combinação: apartamentos de quatro ou cinco andares (ou dois e três da época moderna) com pequenos corredores para circular a luz. Há ainda os *traboules*, corredores que passam por dentro dos imóveis ligando a região até a zona central.

Foto 4¹⁹.



4 - La Cour des Voraces

Devido à forte demanda de imóveis por parte dos trabalhadores, o valor dos alugueis aumentaram e uma crise na fábrica se somou a isso, gerando uma revolta dos tecelões contra as novas taxas em 21 de novembro de 1831. Em 1834, ocorreu outra revolta, na qual os soldados de Lyon se

¹⁹ Disponível em: <http://www.flickr.com/photos/norte_it/5573267971/sizes/o/in/photostream/>. Acesso em: 10 jul. 2013.

instalaram na região, assolando uma crise econômica, política e social na região e administração local, por isso, a população diminuiu entre os anos de 1931-1934.

Não pretendo aprofundar essa questão, mas quero pontuar as incongruências relativas ao nome "*canuts*". O que se sabe é que esse nome não era empregado pelos trabalhadores da seda. Sua origem é incerta, mas pode remeter a um estereótipo que os comerciantes atribuíram aos trabalhadores. O nome "*canut*" acaba tornando-se emblemático para esse grupo social com a criação de um jornal chamado *Jornal Echo de la Fabrique*, que, além de organizar e representar a classe trabalhadora, tratou também de definir o nome que a torna conhecida até hoje.

L'origine du mot canuts reste incertaine. Les tisseurs auraient défilé en marchant avec des cannes dépourvues de breloques en or ou en argent, car ils avaient dû les vendre pour subvenir à leurs besoins. Le mot canne ou ses dérivés est aussi employé dans le tissage : il peut s'agir des bâtons de bois sur lesquels sont enroulés les tissus, des cannes ou petites navettes placées entre fils de chaîne lors du tissage, ou encore avoir un rapport avec les canettes de fils. En raison du chômage, ces canettes ou ces cannes étaient "nues". Le débat sur le terme "canut" reste ouvert ! (Barre, 2007, pg. 108).

Por outro lado, M. Michel, que herdou o *atelier* de seu pai, não aceita o termo *canut* para designar todos os empregados na produção da seda. O termo reduz uma série de especialidades e, portanto, de diferentes tipos de trabalhadores sobre a mesma alcunha. Logo no início da entrevista, essa questão se mostrou complicada, pois perguntei qual seria a relação dos dois entrevistados com os *canuts* e a minha falta de conhecimento, ou talvez os riscos que corremos no trabalho de campo, revelou-se problemática, porque ele retrucou: "Aqui não se fala em *canut*", alegando que existiam uma série de trabalhos realizados e uma hierarquia muito bem definida para que agrupássemos todos esses personagens sobre o mesmo manto. O *canut* se refere, no seu ponto de vista, aos trabalhadores que executavam as ordens. Diferentemente do que fazia seu pai – um chefe de *atelier* que já ganhou o título de *Meilleur Ouvrier de France* –, responsável também pela elaboração

do desenho, pelo cuidado com as máquinas, pela compra do material, dentre outras atividades. Nesse sentido, ele afirma que a denominação *canut* foi boa para os trabalhadores mais simples, que se viram colocados em *status* iguais aos demais trabalhadores da tecelagem.

M. Alain aproxima os *canuts* ao trabalho empreendido por eles, que evidenciava seu profundo comprometimento com as coisas belas e bem feitas. Independente da posição social, era a dedicação desses trabalhadores o que os unia enquanto grupo, e é disso que deriva a imagem que M. Alain afirma querer preservar atualmente: a de trabalhadores comprometidos e responsáveis com suas obrigações.

Quanto à pergunta sobre o que significa o *canuts*, M. Alain afirma::

Ils représentent le travail bien fait. Le travail exceptionnel. C'était une journée de travail pour un salaire misère. Ils ont quand même habillé les cours du monde entier, les reines, les rois. Ils ont traversé les décennies et les époques, partout on s'habillait en soir, en or, en argent, l'Église.. ils ont travaillé beaucoup... de tout sort, y avait pas de conviction pour dire qui ils étaient musulmans, catholiques, protestants, c'était l'ouvrier, travailleur, peu important la couleur, c'est donc, un travail qui les gens n'arrive pas à comprendre parce que l'ouvrier en soie c'était un manieuse. C'est plus que ça, c'est quelqu'un qui a une performance, un savoir-faire meilleur ouvrier de France, ils étaient tous les meilleurs ouvriers de France parce que chacun avait de particularité de savoir-faire pour actionner des métiers à tisser (...) (M. Truchet 30'27).

Foto 5²⁰



5 - Un canut à son métier

²⁰Disponível em:<<http://echo-fabrique.ens-lyon.fr/docannexe.html>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

Já para M. Jean, presidente da Associação *Soierie Vivante* o importante sobre a história do grupo é a valorização e salvaguarda do grande empreendimento que foi o desenvolvimento científico-tecnológico empreendido por essa classe de trabalhadores. Ele ressalta a importância que esses trabalhadores tiveram para o desenvolvimento da técnica e para o aprimoramento da indústria têxtil. Afirma, ainda, que de fato esses trabalhadores eram relativamente cultos, pois podiam ler e escrever, e isso foi o que talvez tenha contribuído com suas revoltas. No entanto, afirma que Mme. Letourneau, ex-tecelã da atual associação *Soierie Vivante*, não suportava que a chamassem de *canuts*.

Foto 6²¹.



6 - Madame Letourneau e o atelier de Passementerie da Association Soierie Vivante

Percebemos já que, durante as revoltas, o nome carregava uma conotação negativa e talvez tenha sido utilizado em um primeiro momento justamente para diferenciá-los dos moradores de Lyon. Com as revoltas, mais estereótipos são vinculados aos moradores da Croix-Rousse, e as comunidades do entorno de Lyon, que mantinham relações mais fortes com a

²¹ Disponível em: <http://www.soierie-vivante.asso.fr/Ateliers/Ateliers_passementerie.html>. Acesso em: 10 jul. 2013.

colina, pedem sua separação, alegando que:

(...) la différence de goûts, des habitudes, des mœurs, le défaut sympathie existant entre eux et les habitants du Plateau. Les événements déplorables de 1831 qui ont si tristement signalé la Croix-Rousse et auxquels Serin ne prit aucune part, élèvent entre eux une barrière insurmontable". Deux mois après, en mars 1832, les habitants du cours d'Herbouville demandent, pour les mêmes raisons, que leurs secteur soit soustrait de la commune de la Croix-Rousse (Barre, 2007, pg. 105.)

Mas, com relação às revoltas, podemos salientar outros motivos que as ocasionaram. A insatisfação dos moradores aumentou à medida que a colina não suportava mais manter sua antiga estrutura física e acolher os novos moradores. Dessa forma, os equipamentos públicos tornaram-se cada vez mais insuficientes, bem como não havia fornecimento devido de água, nem uma pavimentação satisfatória das ruas, que acumulavam água das chuvas e dificultavam o trânsito pela região. Com isso, foi assinado um acordo com a Companhia de Peillose e de Lenoir para o fornecimento de água, realizando-se, então, alguns trabalhos para captação dela. A iluminação também precisava passar por melhorias, visto que só algumas praças e algumas ruas centrais a possuíam, ficando o resto da colina, em sua maior parte, na penumbra.

Os insurgidos ocuparam a praça central, a Mairie, a sede do Exército e se organizaram em comissões hierárquicas. Finalmente, em 19 de junho de 1851, Lyon anexou seus *faubourgs* por meio de um projeto de lei aprovado por grande maioria.

Entre 1870 e 1950, os trabalhos eram de outra natureza. O poder público limitava suas ações, os particulares pouco interviam, não houve proposição de grandes projetos por parte das empresas privadas. Eram privilegiados investimentos em setores que impunham menos dificuldades naturais. As modificações eram efetuadas, em sua maior parte, no lado Ocidental do Plateau e visavam criar ruas de prestígio ou melhorar a circulação Leste-Oeste da cidade de Lyon.

A centralidade da cidade muda para o centro e para o norte, à margem

direita do rio Rhône. Brotteaux e Guillotière registram aumento da população e suas atividades atraem os habitantes da colina.

Em 1891, foi construído um *funiculaire* que permitia aceder à Colina. A educação escolar foi uma das grandes preocupações das municipalidades e dos *faubourgs*. Duas escolas foram construídas na colina: uma para os meninos e outra para as meninas; além disso, o aprendizado técnico era também muito valorizado. Assim, foi criada uma École de Tissage e, em 1908, a cidade visava construir uma École des Beaux-Arts, uma École Régionale d'Architecture e uma École Municipale de Tissage. Porém, a Primeira Guerra Mundial interrompeu esses projetos, que foram retomados somente em 1921 pelo famoso arquiteto lionês Tony Garnier. O projeto para a construção da École de Tissage foi aceito em 1927, que foi aberta em 1933 e formava, a cada ano, 250 alunos, jovens tecelões, técnicos, engenheiros especializados em tecidos e jovens preparados para atuar na indústria têxtil de maneira geral. Ela acabou se tornando um dos maiores centros de tecelagem da Europa.

Além do ensino técnico, a Troisième République investia também em habitações populares. Houve um aumento populacional se comparado à metade do século XIX, mas bem inferior ao que ocorreu na primeira metade deste século. E assim, o bairro vai sendo sistematicamente abandonado. As usinas têxteis se transferem para outras regiões da cidade ou mesmo para fora dela. A medida que esse processo vai se intensificando a Croix-Rousse começa a aparentar ser um bairro velho. Os seus moradores começam a migrar para regiões mais habitáveis. "*Ses arrondissements font déjà figure de quartiers anciens, et les habitants préfèrent s'installer ailleurs*" (BARRE, 2007, p. 144).

Cette désaffection tient d'abord à la concurrence exercée par les quartiers de la rive gauche du Rhône. Si, au début du XIXème siècle, la colline constituait l'unique réserve foncière immédiatement utilisable, un demi-siècle plus tard, elle n'a plus l'exclusivité. La rive gauche, protégée, connaît un essor rapide des constructions. Les grands travaux d'aménagement tels que le digue du Grand Camp, les points de franchissement du Rhône plus nombreux, l'installation des voies ferrées,

l'abondance des terrains plats, des eaux de la Rize par exemple, vont attirer en masse immeubles, ateliers, usines. Pour contrecarrer cette conquête de l'est lyonnais, la Coline n'a plus grand-chose à offrir » (Barre, 2007, pg. 144).

Algumas indústrias deixaram a região da Croix-Rousse a partir de 1890 e tomaram outros rumos, instalando-se em Vaise ou Villeurbaine. Com a anexação da colina a Lyon, os impostos aumentaram. O vinho também, antes praticamente isento de taxas, agora era taxado como no resto da cidade.

Os empresários preferiram instalar suas fábricas em regiões mais afastadas e se dirigiram ao interior da região do Rhône, onde os impostos eram mais baixos, a mão de obra mais barata, o que acabava gerando mais dificuldades para se organizar manifestações. Muitas migram para pequenas cidades e outras, ainda, preferem a margem direita do Rhône.

Nesse momento, começou a se diversificar a oferta de *métiers*, surgiram os primeiros *métiers* mecânicos que substituíram a técnica Jacquard. Por serem mais simples, menos custosos e exigirem menos habilidades do tecelão, o novo material foi rapidamente adotado. Com isso, os desenhos passaram a ser realizados de maneira mais simplificada, o que, por um lado, permitiu um trabalho feito de um modo muito mais rápido do que anteriormente, entretanto, comprometendo a qualidade. Os novos *métiers* não permitiam uma série de desenhos, formas e sutilezas que o trabalho anterior, e mais artesanal, permitia realizar. No entanto, parece que as tendências estavam se transformando. Menos atentos aos detalhes dos trabalhos manuais, os compradores estavam cada vez mais interessados na oferta de tonalidades oferecida pelas indústrias químicas, ou seja, cores fortes e diversificadas estavam no foco dos compradores e pareciam que a mudança na produção coincidia e reforçava a nova tendência.

Além dessas mudanças, vale lembrar que o grande comprador da seda lionesa, os Estados Unidos, entrou na guerra de Secessão. Os tecidos de luxo eram trocados por investimentos em guerra e houve,

consequentemente, uma diminuição na exportação e nas encomendas da seda de Lyon. « Entre 1861 et 1865, le marché américain se ferme à cause de la guerre de Sécession. Vingt ans après, ce sont des industriels européens qui demandent à leurs gouvernements des mesures visant à protéger leurs propres produits et, au contraire, à taxer lourdement la production française » (Barre, 2007, pg. 147).

Os lioneses, acreditando no reconhecimento da superioridade de sua produção e julgando que ele chegaria mais cedo ou mais tarde por parte dos compradores, acabaram tardando em aderir às novas tendências. Porém, nesse momento, a produção de seda já não era mais a principal fonte de recursos para a cidade de Lyon, e sim apenas mais uma atividade dentre outras. A Revolução Industrial tomou uma nova forma, e o desenvolvimento científico e tecnológico fez surgir novos ramos. O cenário muda em Lyon e principalmente as indústrias de química, metalurgia e mecânica tomam lugar de destaque. « Pour sauver le tissage croix-roussien, il aurait fallu un changement des mentalités et des capitaux » (Barre, pg. 147).

A postura dos tecelões, no entanto, foi a mesma que a adotada quando surgiu a técnica Jacquard. Nostálgicos de suas técnicas tradicionais e desconfiados da inovação, o processo de adesão aos novos procedimentos talvez tenha sido tardio demais. Mas, ainda assim, deve-se reconhecer que a manutenção desses equipamentos era bem cara.

Les motivations qui poussent des particuliers et les autorités à s'intéresser aux tisseurs obéissent à des mobiles économiques, philanthropiques et moraux : le petit atelier familial doit être maintenu, car il concilie travail, famille, moral. Il est ainsi intéressant de lire les motifs qui poussent les responsables de la Société de Développement du Tissage : « Quel immense avantage n'auront-ils pas, les chefs d'atelier de Lyon, en comparaison des ouvriers : Ils seront encore leurs maîtres ; ils seront chez eux ; ce ne sera pas la cloche de l'usine qui les appellera au travail, mais seulement le devoir à accomplir. Nous n'hésiterons pas un instant à donner la préférence à nos ateliers familiaux si nous regardons le côté moral. Comparons le foyer de notre chef d'atelier, père de famille, qui est au milieu de sa femme et de ses enfants, à cette famille d'ouvriers travaillant dans les usines, où souvent la mère de famille pour un maigre salaire, est obligée d'abandonner le soin de son ménage à ses jeunes enfants. Que de pauvres jeunes filles se perdent dans les usines en

coudoyant des compagnes gangrenées par le vice ou placées dans des situations où les lois les laissent sans défense, et combien de pères de famille, par le contact d'autres hommes, prennent l'habitude d'excès aussi funestes à leur santé qu'au bien matériel de leur famille. » Le tisseur au foyer est à l'abri de toutes les perversions ! » (Barre, 2007, pg. 148).

O apelo à manutenção do *atelier* tradicional não era, então, um receio exclusivamente de adesão ao novo ou uma nostalgia pelo que era feito a gerações, mas, sim, parecia também representar um ideal de sociedade. O antigo trabalho representava a família unida, a segurança material, a pureza das relações e o convívio amigável com os vizinhos. A grande indústria era, em oposição, a possibilidade que os trabalhadores tinham de se deparar com um mundo maléfico, que trazia males especialmente para a instituição familiar. Se o trabalho artesanal garantiu a união de todos os membros da família ao redor de seus afazeres diários, o trabalho em fábricas dispersava essa união, pois criava anomia social e desestabilizava os laços que ligavam a comunidade.

Mas, além disso, havia uma questão econômica subjacente. Sabia-se da reputação da seda lionesa por todo o mundo. Não só os tecelões, mas muitos trabalhadores, estavam ligados direta ou indiretamente a esse ramo da produção, como os comerciantes da Croix-Rousse, os proprietários dos imóveis, etc. Sabia-se que não haveria emprego para todos. O medo de transformar, de angariar dívidas e de não lucrar conforme as expectativas freou o anseio de mudança por parte desses trabalhadores. Contudo, certa filantropia ainda tentava impulsionar a continuidade da produção têxtil lionesa. Vejamos:

En conséquence, afin d'aider les tisseurs à moderniser leur métier, la Société (Société de Développement du Tissage) met à leur disposition des prêts sans intérêts, philanthropie oblige ! Dans les contrats, aucune durée limite de remboursement ne figure. Aucune confiscation de matériel n'est possible tant que le métier n'est pas entièrement payé. La Société règle aussi les problèmes d'énergie en obtenant des tarifs d'électricité préférentiels auprès de la Compagnie des forces motrices du Rhône récemment installée à Jonage, en amont de Lyon. (Barre, pg. 148).

A participação da sociedade contribuiu para a manutenção da produção com cerca de 200 *métiers* em 1900, e de 500 em 1901. No entanto, surgiu uma nova crise que marcou o declínio da produção têxtil na Croix-Rousse.

O declínio da produção na Grande Fábrica não alterou a paisagem da região. É verdade que ela não possuía mais a vivacidade industrial de outrora e nem se ouvia mais o incessante tilintar das máquinas marcando a produção da seda. Mas a paisagem industrial ainda está lá e, talvez, a manutenção da memória dessa “*belle époque*” industrial da Croix-Rousse permita fazer reviver o som, os hábitos, as relações, o cotidiano e as lutas desses trabalhadores de tempos passados.

Ce qui a disparu, c'est le « bistanclaque-pan » des métiers à bras, une certaine ambiance de travail, une animation. La fréquentation piétonne des Pentes a également enregistré des changements. Déjà, l'ouverture des funiculaires et plus spécialement celle de la « ficelle à un sou » ont détourné une partie des passants des anciennes montées. L'abandon du tissage et de ses activités annexes amènera la fin de ces allées et venues incessantes entre la ville des tisseurs et celles des soyeux. On ne verra plus, à toute heure du jour, des tisseurs venir chez les donneurs d'ordre, chercher leurs chaînes et leurs cartons de dessin, puis repartir vers leurs ateliers, pour redescendre ensuite avec leurs rouleaux de soie tissée sur l'épaule afin de les rendre au marchand et de les soumettre à la traditionnelle « visite » du chef de service dont l'œil expert décelait le moindre défaut. Désormais, la colline ne connaîtra plus qu'une animation à heures fixes reflétant les changements de sa population active. (Barre, 2007, pg. 151).

L'organisation de la production de la Fabrique et son développement vont produire à Lyon, sur la base d'une tradition de bâti dense et de « maisons » hautes, un habitat caractéristique, populaire par sa destination et sa densité, mais monumental et de qualité par son architecture : les maisons de canuts. (Authier, 2010, pg. 29).

A partir de 1930, a fabricação foi reservada a artigos muito específicos e a atividade não cessava de declinar. Houve um declínio generalizado: do comércio, do artesanato e da população. A queda só não foi maior devido à chegada de imigrantes (italianos, espanhóis e portugueses) que ocupavam os *ateliers*. Os lioneses restam indiferentes à região.

2.2.3 - A renovação da Croix-Rousse

Foto 7 - Le mur peint de canut²²



7 - Le Mur peint de canut

Si l'inaction des pouvoirs publics est alors apparue comme un handicap, une trentaine d'années plus tard, elle constitue un atout. En n'ouvrant pas de rue dans cette partie du Plateau, les autorités ont finalement épargné une grande réserve foncière qui, depuis quelques décennies, fait de la colline une zone à nouveau attractive. Ce renouveau récent, elle le fait aussi à d'autres facteurs. (Barre, 2007, pg. 153).

Ce changement d'image vaut aussi pour le quartier de la Croix-Rousse, auquel ils sont étroitement associés, qui a d'abord été identifié comme la "colline qui lutte", puis comme la "colline qui travaille", e qui, selon la formule prêtée à Michelet, s'oppose à Fourvière (la "colline qui prie). Depuis, les deux héritages, ouvriers et rebelle, tendent à s'entremêler, comme dans le célèbre personnage de Guignol créé par Laurent Mourguet, qui est à la fois l'ouvrier en soie lyonnais et le Lyonnais, au parler franc et à l'esprit rebelle. (Authier, 2010, pg. 9).

O primeiro reinteresse pela colina aconteceu em 1950, mas estava centrado em melhorias de vias que atravessavam a Croix-Rousse. Mesmo não havendo um aumento da população, a partir de 1960 o interesse pela colina foi retomado com uma nova dimensão. Então, houve um reavivamento comercial e uma valorização dos imóveis antigos. Segundo Barre (2007), essa mudança, mais do que algo espontâneo, foi obra de agentes particulares e do poder público.

Dessa forma, foram construídos imóveis novos de 12 a 15 andares. A Croix-Rousse ainda era um dos lugares em que havia uma grande quantidade de terrenos que podiam ser utilizados para construção civil.

²²Disponível em:<http://www.lyon-photos.com/diaporama/moyenne_139.htm>. Acesso em: 9 jul. 2013.

Sendo assim, grandes empresas passaram a focar suas construções na região (sobretudo na parte ocidental do Plateau). Nela, foram construídos imóveis modernos, alguns deles atraíam a população com alto poder aquisitivo (Rue Chazière – profissionais liberais, pessoas com nível superior, presidentes de empresas, etc.).

Alguns imóveis e equipamentos foram revitalizados pelos poderes públicos para uso coletivo e foram destinados para a construção de escolas, áreas para esportes, parques públicos, jardins, etc. Houve um novo empenho em facilitar a comunicação entre a Croix-Rousse e o centro da cidade (o metrô Croix-Paquet – Croix-Rousse foi o primeiro de Lyon e, em 1978, foi ampliado, passando a fazer ligação entre a Croix-Rousse a o Hôtel de Ville).

Entre 1970 e 1980, a antiga Montée de Boucle foi substituída por uma nova via, mais larga. Contudo, o lado oriental, que possuía os imóveis mais antigos, continuava degradado e mal-equipado. Os imóveis dos Pentes não possuíam elevadores (porque tinham quatro ou cinco andares), quase a metade deles não possuía banheiros (nem casa de banho interna) e um terço deles não tinha água quente. Ces appartements n'attirent alors que de catégories modestes, bien obligées de se contenter d'un tel inconfort » (Barre, pg. 161). Geralmente, eram ocupados por famílias de estrangeiros ou por pessoas idosas que não queriam deixar suas casas e seu bairro. Alguns moradores optavam por imóveis mais novos em outras regiões da cidade.

Assim sendo e aderindo à tendência do que já estava ocorrendo em outros países da Europa, o poder público decidiu intervir. Começou, então, uma operação de renovação e reabilitação dos Pentes. A responsável pelo projeto foi a *Société d'Équipement de la Région Lyonnaise* (S.E.R.L.), economia mista, criada em 1957.

Embora sob protestos de moradores, 300 apartamentos foram demolidos entre 1975 e 1977, assim, substituídos por alojamentos sociais. O poder público encorajou as melhorias realizadas pelos moradores por meio da redução de impostos. A mudança na região tomava nova forma.

Pour d'autres immeubles, la réhabilitation, plus légère, dégage de leurs enduits grisâtres les belles pierres du Mont-d'Or, de Villebois ou de Sault-Brénaz, ou bien elle consiste à prendre les façades pour la première fois en ocre, beige rosé, jaune pâle. A l'intérieur, les plafonds à la française, parfois cachés par les anciens occupants pour faire des économies de chauffage, sont remis en valeur et ajoutent un charme à ces appartements. La hauteur élevée des pièces n'est plus un handicap mais un argument de vente : telle annonce d'agence immobilière mentionne la « très belle hauteur sous plafond ». Cette élévation autorise parfois la confection de mezzanines qui contribuent encore à donner du cachet à ces appartements-ateliers. Aussi n'est-il pas étonnant que, depuis une vingtaine d'années, les classes moyennes et aisées, souvent jeunes, manifestent un véritable engouement, « un acharnement » selon un professionnel, pour l'achat ou la location d'appartements réhabilités sur les Pentes où la vue peut être très belle, voire « imprenable », et l'ensoleillement important. Ce succès, les immeubles anciens du Plateau le connaissent aussi. Certes, tous ne sont pas encore restaurés, mais la forte demande ne peut qu'inciter leurs propriétaires à le faire. Ils y seront amenés par la sélection qu'opéreront les futurs habitants de la colline et par une sorte de mimétisme avec le nouveau paysage ambiant. (Barre, 2007, pg. 162).

Essa mudança na paisagem não ocorreu sem conflitos sociais. Por um lado, os alojamentos sociais abrigavam uma população carente, que possuía uma série de benefícios para aquisição de seus imóveis. Por outro, havia uma supervalorização dos custos dos imóveis que passaram a ser cobiçados e adquiridos por novos habitantes advindos de extratos mais altos da população. A chegada desses novos habitantes com modos de vida bastante diferenciados refletiu em uma convivência difícil. Alguns antigos moradores deixaram suas residências trocando por outras no mesmo bairro (mas que ainda não tinham sido restauradas) ou acabaram se mudando de bairro.

O comércio tornava-se mais uma vez um comércio variado. O leste produzia graças a pequenas fábricas, poucas ainda testemunhavam o passado têxtil da região. Dentre as que permaneceram, temos a Maison Tassinari-et-Chatel e a Maison Bianchini-Férier; nestas, ainda tinham algumas atividades terciárias, eram concentrados de escritórios, *ateliers* de arquitetos, arquitetos de interiores, decoradores, artistas, galerias de arte, de artistas responsáveis pela reabilitação de imóveis e agências imobiliárias. Mas o grande empregador da colina ainda era o hospital.

A colina não agregava mais as duas instâncias da vida social como

antes o fez. Casa e trabalho agora estavam em locais diferentes. Seus novos moradores se dirigiam até ali buscando um lugar para morar que fosse próximo ao centro e possuísse atividades diversificadas.

Ils y viennent pour un certain genre de vie, pour un environnement. Les catégories très aisées recherchent la tranquillité, les espaces verts, la proximité du centre-ville. Les immeubles hautement résidentiels de l'ouest leur conviennent et elles y vivent fréquemment en cercles fermés. Les autres catégories choisissent la colline parce qu'elle offre des possibilités que n'ont pas d'autres quartiers de Lyon ou de l'agglomération. (Barre, 2007, pg. 167).

Assim, a região acabou concentrando um grande número de associações no 1.º (Centro e Pentes) e no 4.º *arrondissements* (Croix-Rousse - Plateau), constituindo a região da cidade que se concentra o maior número de associações civis. As associações que interessam neste trabalho são justamente as que se dedicam em salvaguardar a memória do bairro industrial da Croix-Rousse. Ainda assim são várias, as que eu tive contato foram nove. Alguns desses espaços mantêm em funcionamento máquinas antigas, como a "*Maison des Canuts, a Soierie Vivante (atelier de passementerie d'Henriette Létourneau, de tissage à bras de Georges Mattelon, de tissage mécanique (Ressicaud) et de guimperie (filsmétalliques). Du bas des Pentes jusqu'à la rue Richam au nord du Plateau, tout un itinéraire de la soie s'offre aux curieux*" (BARRE, 2007, p. 168).

Sobre os Pentes, são os *traboules* que chamam a atenção. Grandes passagens por entre os *ateliers* que permitem a passagem de uma rua à outra. O Cours des Voraces (um dos maiores *traboules*) é constituído hoje por apartamentos que servem como alojamentos sociais. Em 1991, constituiu-se uma zona de Proteção do Patrimônio Arquitetural Urbano e Paisagístico. Desde 1994, a obtenção desse tipo de proteção prevê que 90% das construções da colina sejam preservadas. Em Dezembro de 1998, o sítio histórico de Lyon foi inscrito como parte integrante do Patrimônio Mundial da Unesco. Um quinto dos imóveis tombados são imóveis da colina. *Ce site,*

dont plus d'un cinquième s'étend sur la colline, englobe l'intégralité des Pentes, le boulevard de la Croix-Rousse et les anciennes demi-lunes triangulaires des fortifications qui en forment la limite brisée septentrionale. Entre autres, les Pentes présentent un bel exemple d'un habitat ouvrier de qualité de la première moitié du XIXème siècle que peu de villes mondiales sont en mesure d'offrir ». (Barre, 2007, pg. 170).

2.2.4 O *quartier* começa a apresentar certo ar "*bobo*"?

M. Jean afirma ainda que não acredita que tenha havido uma mudança muito significativa na Croix-Rousse. Fora alguma iluminação a mais, o lugar encontra-se um pouco mais limpo, alguns novos imóveis, mas nada de muito evidente. Mas concorda com M. Michel em um aspecto: os novos moradores pouco conhecem sobre a história da região. M. Michel afirma que eles desconhecem "*des ateliers occupés par des nouveaux habitants*" (1:08:50). M. Michel ainda afirma que percebe a súbita valorização do bairro, possivelmente o valor do metro quadrado é o segundo mais alto de Lyon. Porém, parece que a realidade vem mudando muito rapidamente e eles temem que muito do que havia antes está, segundo eles, desaparecendo. "*Alors, tous ces ateliers de tissage ils sont disparus et ils sont transformés en habitation. Les prix ont augmenté énormément, je trouve que la Croix-Rousse c'est le deuxième*" (M. Michel 44:00). Afirmam ainda que muitos compram devido ao pé direito alto proporcionar a possibilidade de fazer mezaninos. Quando eu pergunto o porquê da valorização, M. Michel responde que há na Croix-Rousse uma sensação de viver em uma pequena comunidade em que se pode encontrar de tudo, ou seja, reforça-se o apreço pelo "*côté village*".

Foto 8²³.



8 - Mezanino para alugar na Croix-Rousse

De acordo com M. Alain, há muitas pessoas em Lyon e mesmo na Croix-Rousse que não conhecem a história da região e é para eles, também, que a associação trabalha, para que conheçam a história do *quartier* e da cidade que habitam. É o caso dos novos moradores da Croix-Rousse, que segundo M. Alain, poucos conhecem e, pior, poucos se interessam por conhecer. Ele acredita que grande parte deles estão ali para morar na região, para desfrutar do ambiente que ela propicia. Quando pergunto se há interesse, por parte dos novos moradores, em conhecer a história da região, M. Alain é categórico:

Absolument pas. Ils sont uniquement là pour avoir un adresse à la Croix-Rousse. On ne va pas dire 10 sur 10, mais on va dire 8 sur 10 qui s'intéressent. Le principal c'est qu'ils puissent garder leurs voitures, voilà (...) Y en a qui savent même pas la richesse de ceux qui habitaient à moment donné à la Croix-Rousse (27'25).

Sobre as mudanças que ocorreram nos últimos anos, Mme. Nathalie, funcionária da Associação Soierie Vivante, afirma que não só a Croix-

²³ⁿ *L'atelier des Canuts. Vous apprécierez cet appartement de 60 m2 en rdc au style canut avec les plafonds à la française le mur en pierre et le parquet en chêne sa décoration saura séduire... -Il dispose d'une cuisine entièrement équipé, plaque de cuisson vitrocéramique, four, hotte aspirante, lave-vaisselle, réfrigérateur, bouilloire, cafetière, toaster, vaisselle complète, couverts et jeux de casseroles, table, bar.- grand séjour ouvert sur la cuisine, table de repas, sofa en cuir, tv écran plat et ordinateur et connexion wifi internet. Une chambre avec un lit double- une salle de bain avec douche à l'italienne-WC séparé-mezzanine avec 3 couchages. Appartement non-fumeur". Par nuitée (EUR) 125 et par semaine 650. Disponível em : <<http://www.abritel.fr/location-vacances/p690553>> . Acesso em: 24 jul. 2012.*

Rousse, mas toda Lyon está diferente. Mais limpa, mais iluminada, mais bonita. Mas há, segundo ele, uma diferença entre a Croix-Rousse dos "Pentes" e aquela do "Plateau": *"La partie Pentes de la Croix-Rousse c'est classe. Mais nous sur le Plateau on n'est pas dans le périmètre"* (22:00). No entanto, percebe sim que houve uma mudança no perfil dos habitantes do bairro, além disso, que o valor dos imóveis está cada vez mais alto e, também, famílias e casais do tipo "bobo" têm cada vez se aproximado mais da região, buscando sua particularidade e seu caráter de "village".

Ce n'est pas spécial à la Croix-Rousse. Mr. XXX, ancien Mairie de Lyon, il voulait faire de Lyon une ville internationale. Pour accueillir les gens. (...) Les gens ont beaucoup changé. Gens modestes, ouvriers et beaucoup de personnes âgées. Maintenant c'est beaucoup de familles avec des enfants. C'est qu'on appelle le « bobo » ! Gens riches ! Riches avant 6ème, Maintenant Croix-Rousse. Et ce sont eux qui achètent ces anciens ateliers et font du loft (25'15).

Foto 9²⁴.



9 - Muro pichado na Croix-Rousse

²⁴Disponível sur [:http://www.atelierdecreationlibertaire.com/croix-rousse-alternative/bobos_hors_des_pentes/](http://www.atelierdecreationlibertaire.com/croix-rousse-alternative/bobos_hors_des_pentes/)

Capítulo 3 - As instituições, os atores e a gentrificação

Defende-se que a gentrificação na Croix-Rousse inclui a participação da população civil - em forma de associações - que direciona as ações de revitalização do bairro. O passado é reelaborado por elas e a importância desse passado para o presente fica evidente: na salvaguarda do patrimônio como possibilidade de atrair benefícios econômicos para a região e nas particularidades da região que são lembradas pelos atores que reafirmam seus valores e um modo de ver o mundo. Como pontua Françoise Choay, nesse caso não há somente uma imposição de um modelo de patrimonialização que é recebido autoritariamente por parte do Estado sobre a população, o caso da Croix-Rousse é diferente. Muitos reclamam da falta de investimento por parte da prefeitura em alguns projetos que eles almejam realizar, mas, pelas formas de associação, os atores sociais conseguem dar suporte aos seus interesses e fortalecer o patrimônio que desejam salvaguardar.

É importante ressaltar que, embora alguns dos envolvidos estejam interessados em formar uma rede que congregue as ações dessas instituições, isso ainda não ocorre. Algumas instituições são mais próximas de outras e umas são bem distantes, com relação aos objetivos e à troca de informações. A partir das entrevistas, se constata uma rivalidade entre algumas associações, mas essa discussão foge ao escopo desse trabalho, pois pretendeu-se analisar a relação entre a ação das instituições e o processo de gentrificação. O único ponto a frisar seria, portanto, que não há de fato uma rede, que todos se conhecem e trabalham necessariamente juntos.

Poitoux²⁵ (2006), busca entender também quem são os atores e como a gentrificação acontece na Croix-Rousse. Ela foca seu estudo nos *crieurs publics*, pessoas que, durante o final de semana, proclamam discursos para

²⁵ Estudante de ciências políticas em Lyon.

os transeuntes. O *crieur*, em sua opinião, é também um dos responsáveis pela gentrificação da região, embora conteste a chegada de novos moradores que não se interessam pela região.

Segundo Poitoux, os gentrificadores buscam um reconhecimento de sua existência e legitimidade por parte da prefeitura, mas fazem questão de se manter independentes dela e das demais instituições.

Quant aux pouvoir publics, ils obligent à des compromis que le discours de l'association ne laisse pas transparaître. En effet, l'association recherche à la fois une prise de distance avec les autorités locales mais aussi une reconnaissance qui les légitime sur le quartier. (Poitoux, 2006, pg. 29)

Poitoux sugere que a gentrificação possui dois aspectos. Um que se refere às mudanças no perfil dos moradores e outro que se refere ao aspecto físico decorrente de uma mudança cultural, econômica, social e estética. Na Croix-Rousse, a gentrificação se dá também pela apropriação por parte das populações com alto poder aquisitivo dos antigos imóveis *canuts*, aumentando os valores imobiliários. Mas a problemática não para por aí, parece que ela envolve outras questões, como a tomada de consciência de uma identidade própria e a prática de uma vida coletiva que faz surgir uma identidade.

Je fais l'hypothèse que les "bourgeois-bohèmes" sont d'autant plus enclins à venir s'installer dans le quartier que la criée véhicule un système de valeurs dans lequel ils se reconnaissent. Si ce critère n'est pas déterminant à lui seul, il participe à créer des représentations orientées de la Croix-Rousse. Le paradoxe est alors double : d'une part le crieur contribue en part à faire advenir ce qu'il redoute, à savoir l'embourgeoisement du quartier. De l'autre, la réussite des criées est en grande partie liée à la présence de plus en plus massive des "bobos". (Poitoux, 2006, pg. 77-78).

Ela afirma também a existência de um tipo específico de associação na Croix-Rousse. Uma associação contestadora com um líder carismático presente e ativo na cena política. O mito do "espírito da Croix-Rousse" reaparece. Originário de suas revoltas é ressignificado quando a população

luta e acaba impedindo a venda da Maison des Canuts. Esses aspectos são facilmente identificados nas falas de alguns de nossos entrevistados.

Anaïs Collet²⁶ realizou um artigo intitulado "*Sociologie des acteurs de la gentrification des quartiers anciens centraux d'hier et d'aujourd'hui*". O seu objetivo foi, justamente, o de entender a relação entre as motivações que levaram a participação desses atores nas décadas de 1970-1980 e as motivações atuais. A hipótese dela é de que o investimento em um bairro gentrificado pode contribuir para a construção de uma identidade social, individual ou coletiva, afetando as trajetórias sociais. A autora constata que a gentrificação dos anos 1970 e 1980 congregava populações de classe média, com alto capital cultural e médio capital econômico para áreas em gentrificação. Essa contradição entre os capitais faria com que o espaço habitacional se tornasse um valor, agregando *status* a populações com médio capital econômico.

A justificativa encontrada seria a de que o mundo profissional não garantiria o *status* desejado a esses grupos, que o buscariam por meio do capital cultural. Sendo assim, a escolha de um espaço para habitação poderia ser a possibilidade de se materializar e afirmar valores e gostos, investindo o bairro de símbolos, os quais se contraporiam a lógica dominante, visto que essa "arte" é a valorização quanto à criatividade, identidade e autenticidade, sem um apelo imediato tão mercadológico. Logo, seria essa uma das possibilidades de pensar a atribuição do valor autêntico colocado em evidência pelos moradores mais antigos. E, claro, absorvido como autêntico pelos novos moradores, que passam a conhecer, difundir e acreditar nessas histórias, começando, então, a fazer parte delas.

Le quartier devient ainsi le lieu d'une domination économique, matérielle et symbolique locale. On voit dans ce cas que c'est l'investissement de ressources propres aux "gentrificateurs" qui conduit à une situation de domination économique et commerciale (Daguerre), culturelle et politique

²⁶ Professora, estudante de pós-doutorado e membro do *Groupe de Recherche sur La Socialisation de Lyon*.

(Croix-Rousse). (...) Cette domination locale est probablement l'élément principal qui fait que l'inscription dans le quartier confère un certain pouvoir. Mais il semble que le processus même de conquête et d'investissement dans un territoire soit aussi source de valorisation sociale. (Collet, pg.7).

Outra característica seria a aceitação das novas populações nos ambientes gentrificados. O processo de transição exige uma postura com relação a determinados valores para os novos moradores. A autora pontua a capacidade de mobilização contra as fronteiras administrativas e reais, a ação coletiva, a visibilidade, a transgressão e a inventividade como alguns desses valores.

Diferentemente dos gentrificadores das décadas 1970 e 1980, Collet afirma que atualmente eles também possuem capital profissional. A soma desses capitais – econômico, cultural e social – garantem maior credibilidade para que se instaure uma nova história, tradição e um modo de ser que é característico da região. A autora observou que os valores de maio de 1968 contribuem para a difusão de um modo de vida específico, que valoriza o modelo "*village*". Poitoux define os valores *soixante-huitards* como: a proximidade entre as pessoas, a convivência e a luta política. Vejamos, então, as especificidades das instituições que contribuem para a memória da seda e de seus trabalhadores na região da Croix-Rousse.

3.1 Association Soieire Vivante

C'est bien évidemment aussi un devoir de mémoire, puisque l'association s'est formée pour préserver de la destructions le dernier atelier de passementerie à la Croix-Rousse et entourer sa propriétaire Madame Henriette Letourneau, qui, jusqu'à un âge très avancé, a tenu à faire vivre son atelier, devenu Atelier Municipal et ouvert en permanence au public. Mais l'association vise aussi des buts plus généraux, puisqu'elle veut participer à l'animation d'un quartier important et "historique" de Lyon, préserver et transmettre des savoir-faire incomparables. Nous espérons faire partager à nos lecteurs notre enthousiasme et la volonté de tout faire pour préserver un héritage précieux, mais Ô combien menacé ! Puisqu'un seul des quatre ateliers de tissage subsistant dans le quartier est à peu près assuré de survivre. Une actualité peu réjouissante sollicite, elle-aussi, notre attention, puisque au moment où nous écrivons ces lignes, la presse

locale annonce pudiquement que la Manufacture lyonnaise des filés (ex-Mérieux), dernière représentante de cette passementerie à l'intérieur de nos murs, "disparaît du paysage économique local". (Association Soierie Vivante, 2007, pg.2).

Mr. Jean é o presidente da Associação Soierie Vivante. Ele foi o primeiro entrevistado e acabou abrindo portas para que eu tivesse acesso aos outros envolvidos com as memórias da região. Há 17 anos, ele preside a associação e sua principal influência para atuar nessa área - ele é aposentado - foi ter atuado durante grande parte de sua vida na indústria têxtil, em suas palavras, ele se diz um "*ancien du textile*". Dedica bastante tempo aos cuidados com os *métiers*, nos contatos com outras associações, dirigentes da Croix-Rousse e trabalho que realiza com os visitantes, gerindo o pessoal e as visitas à associação.

Soierie Vivante é uma associação que se localiza na Croix-Rousse e é responsável pela salvaguarda dos *métiers* herdados pelo Estado, os quais ela tem a responsabilidade de manter em funcionamento. Por isso o nome da instituição é Soierie Vivante, pois preza não só pelo simples abrigo dos materiais, mas, sobretudo, mantém a garantia do funcionamento deles para mostrá-los aos visitantes e, também, para que funcionem de acordo com demandas muito específicas, que exigem *métiers* mais convencionais e não técnicas contemporâneas, que não permitem certas fabricações.

A associação foi fundada em um momento em que o *atelier* da Mme. Letourneau estava correndo risco de ser transferido. A Ville de Lyon havia proposto utilizar o imóvel como alojamento social, mas alguns ex-trabalhadores da indústria têxtil se uniram para reivindicar a importância da conservação de tal espaço. Até hoje, tudo ali pertence a Ville de Lyon, dessa forma, a associação fica responsável pela manutenção dos *métiers*.

O funcionamento da instituição advém de uma pequena subvenção governamental, das entradas, da loja e dos *ateliers* que realizam para as crianças. Alguns trabalhadores da seda da região lionesa depositam suas mercadorias no *atelier* e Mr. Jean garante que há uma boa venda. A

instituição é relativamente bem conhecida, mas talvez não tanto como gostaria que fosse. Ele afirma que a maior propaganda é por meio da indicação de pessoas, que visitam, acabam gostando e recomendando para os seus conhecidos. No entanto, ele é enfático em afirmar que muitas pessoas que moram próximo à região não fazem muita questão de conhecer nem a associação e tão pouco se interessam pela história do *quartier*. Mesmo em Lyon, ele afirma haver pouca gente que conhece e pode falar com algum embasamento sobre a história e a importância da seda para a região.

Os visitantes parecem ser de origens, idades e condições sociais bem variadas. As atividades realizadas pela associação são: as visitas com a explicação do funcionamento das máquinas e os *ateliers* para as crianças, nos quais, por meio de pequenas máquinas que simulam um grande *métier de tissage*, eles mostram como realmente são as máquinas, a maneira que funciona a mecânica Jacquard, como eles conservam os cartões perfurados, que originam os desenhos, e de que modo esses cartões são feitos.

Foto 10



10 - *Atelier de passementerie*. (Foto minha)

Mr. Jean é enfático em afirmar o porquê da preservação e manutenção dos *métiers* e da própria associação. Há ainda algumas indústrias que até hoje trabalham com o têxtil e que fazem tecidos de alta qualidade. Os *métiers* são modernos, mas, ainda assim, uma parte significativa de sua produção deve ser feita em *métiers* tradicionais. A associação contribui com um grupo

de conhecedores das técnicas e do funcionamento dos *métiers*, possibilitando que eles mesmos realizem determinadas partes do tecido, e, além disso, permitindo manter um grupo que pode trabalhar na manutenção do equipamento antigo dessas indústrias. Poucos conhecem e não há cursos voltados à técnica desses *métiers*. Parece ser o próprio grupo da Soierie Vivante que guarda, em escritos e na memória, as possibilidades de recuperar antigas máquinas para que sejam usadas atualmente.

Ao mesmo tempo, Mr. Jean afirma que a associação é um espaço de convivência, que permite a pessoas interessadas pela indústria têxtil de manter relações fora desse espaço físico. Passeios, visitas a pequenas empresas no campo e conferências são algumas das atividades que os aderentes da instituição realizam juntos. São cerca de 300 aderentes que auxiliam com ajudas anuais/mensais na manutenção da associação. Mas, é claro, que nem todos participam ativamente.

Em entrevista, M. Jean afirma ainda que muito deve ser feito pela associação. Há pouco espaço para acolher visitantes, falta um inventário para saber tudo o que há no imóvel, falta falar sobre as técnicas mais contemporâneas, que permitem ao visitante perceber que a indústria têxtil francesa ainda é viva. Poderia ser pensado uma nova École de Tissage, a qual conservasse esse *savoir-faire* que pode ser perdido em algumas gerações. Poderia ter um responsável que gerisse toda a demanda da região com relação aos *métiers* antigos e que tivesse preparo técnico para consertá-los, dentre outras ideias.

Após assistir a uma visita guiada com Mme. Nathalie, fiz uma entrevista com ela no dia 16 de junho, às 16h30min, em que obtivemos explicações sobre o *métier à tisser*, o funcionamento das máquinas e a história da tecelagem em Lyon. Ela trabalha com a acolhida de pessoas, informações, visitas guiadas, demonstrações, cuida da manutenção técnica dos *métiers*, da parte administrativa, da loja e das estatísticas da Associação Soierie Vivante.

Foto 11



11 - Atelier de tecelagem da Association Soierie Vivante

Alguns fatos marcaram a conversa com a animadora cultural. Ela enfatiza que de fato há sim um caráter folclórico em toda a história dos *canuts*, sobretudo quando nos referimos a todo o comércio e a paisagem que são alterados em prol da memória. O boulevard des canuts, o bistrô, dentre outros são exemplos de que a memória dos antigos trabalhadores é reavivada, tendo em vista as questões que estão em jogo na atualidade. Há, sim, uma valorização da cultura lionesa, mas Mme. Nathalie defende: "Todo mundo faz isso, não?". Acrescenta, ainda, que gosta muita de sua cidade, pois é uma lionesa de "*coeur et de sang*".

Ela comenta sobre a importância de mostrar às crianças a tecelagem de Lyon. De forma interessante, ela ressalta a diferença entre suas exposições e as exposições de M. Jean, bem como as reações dessas crianças quando elas ouvem os mais velhos. Segundo a entrevistada, há uma relação intergeracional em toda a discussão sobre a tecelagem em Lyon e as atividades ligadas a essa área. Quando ela expõe, percebe que as crianças a enxergam como uma professora, que explica um conteúdo distante de sua realidade, porque é apreendida por livros e pela história oficial. Em contrapartida, quando são os próprios protagonistas que fazem algum relato, há um envolvimento maior por parte das crianças, que encaram uma verdadeira história de vida, de alguém que viu, viveu e esteve lá. A ligação emocional com esse tipo de discussão parece atrair mais a atenção

por parte dos estudantes.

Foto 12²⁷



12 - Atelier de passementerie.

Nathalie e M. Jean ressaltam a importância da instituição para o futuro da indústria têxtil lionesa. Comenta que dois jovens que participaram de seus *ateliers* acabaram partindo para os estudos de moda voltados para a alta costura. Parece que resgatar esse tipo de trabalho tem sido também um dos desafios dessas instituições. Manter viva e ativa uma parte da indústria que já rendeu lucros para a economia desta região.

3.2 O *atelier* de M. Michel

"Vous avez pu voir l'atelier tel qu'il est, qui est authentique, (...) classé monument historique, au même titre que Versailles. Il a passé à l'inventeur des monuments historiques (...) ça donne pas beaucoup d'argent en plus" (M. Michel, 1:15:40)

"Parce que chaque tisseur avait son secret (...) le secret, on le dirait pas aux autres, ce qu'on faisait" (M. Vincent, 8:30).

A entrevista realizada com M. Michel, que sempre trabalhou com têxteis e é herdeiro de um *atelier*, e M. Vincent, seu amigo que conheceu o *atelier* quando estudava a história de Jacquard e que após sua aposentadoria resolveu trabalhar ao lado de M. Michel, foi realizada nesse *atelier*. Encontramo-nos no dia 19 de junho, às 10h30min. Um início de conversa informal e sobre a curiosidade dos dois em relação a uma estudante

²⁷ Disponível em : http://www.soierie-vivante.asso.fr/Ateliers/Ateliers_passementerie.html

brasileira de Sociologia que se interessou pela história da seda e dos trabalhos realizados foi o motim para que eles me mostrassem seus trabalhos no *atelier*. Esses trabalhos ora visam à produção de tecidos "*pour s'ammuser*", ora preservam, com o máximo de cuidado, o legado e a herança que o pai de M. Michel, a região e, porque não, o país, o deixaram.

Os trabalhos nesse *atelier* acontecem geralmente aos sábados. "Um quê" de bricolagem atira os dois senhores para se encontrarem e desfrutarem de alguns momentos juntos. Desvendar os antigos *métiers* e todo o material que o *atelier* possui parece alegrar e entreter a vida desses dois entrevistados. O trabalho não tem, portanto, um caráter técnico, nem profissional, nem de especialista. A ideia aqui é outra. Cada sábado uma atividade os motiva, seja fazer o inventário, seja a de restaurar um equipamento antigo e fazê-lo funcionar, ou aventurarem-se pelos arquivos. No entanto, são profundos conhecedores dos equipamentos, são atentos aos detalhes e as datas dos objetos, realizam inventários enumerando-os, possuem livros sobre o assunto, cartões perfurados, enfim, toda uma gama de peças que envolviam o ambiente dos *canuts*. Se podemos tratá-los como *bricoleurs*, deveríamos dizer ainda mais, seriam *bricoleurs* profissionais. « *Donc, après le décès de mon père je restaure l'atelier de manière à le mettre en place mais aussi pour me faire plaisir de tisser sur ces métiers, on va tisser des choses un petit peu particulières pour ce faire plaisir quoi* » (M. Mattelon, 42:00).

O *atelier* está atualmente fechado para visita. A prefeitura alegou que não há condições de segurança para receber uma grande quantidade de visitantes. Os dois entrevistados afirmam que abrem-no para um público externo só em raros casos, em que pesquisadores querem observar o material, conhecer o *atelier* ou entrevistá-los como no caso desta pesquisa.

Consequentemente, tive a oportunidade de receber uma lição sobre a história de *canuts* ao mesmo tempo em que as máquinas funcionavam. Escutamos o *bistanchaque-pan*, tão famoso pelas histórias dos livros e pelos

depoimentos de outros entrevistados. O cuidado ao mexer com o material é claro, a delicadeza misturada à força do trabalho com os *métiers* é evidente quanto M. Michel maneja seu *métier*. O *atelier* possui quase 200 anos. M. Michel e M. Vicent são originários da Croix-Rousse. "*Conserver le métier, c'est mon histoire, c'est notre histoire, moi, je suis née au-dessus là*" (M. Michel, 18:30).

Finalmente, os dois entrevistados ainda acrescentam uma crítica a Jacquard. Acreditam que de fato foi Breton o responsável pelo desenvolvimento técnico dos *métiers* da seda, e que Jacquard inventou uma máquina que trouxe mais problemas que melhoras. Somados à história dos *canuts*, os dois afirmam haver bastante folclore sobre esse momento histórico: "*Oui, c'est du folklore, ça vas dire que s'a devenue commercial*" (M. Michel 55:32).

3.3 M. Philippe - Contador de histórias de rua e criador do *blog Les canuts de la Croix-Rousse*.

M. Robert Philippe possui uma relação íntima com o bairro. Nascido próximo à região, veio com poucas semanas para a Croix-Rousse. Além dessa ligação familiar, possui também uma ligação política com a história da região. Um *quartier* de trabalhadores que lutaram por melhorias sociais e que impulsionaram a indústria francesa parece ser um dos aspectos que move seu trabalho: "*la vie des canuts. Ça m'apporte beaucoup. Evoque les lyonnais, la ville bien sûr, mais ça inclue l'ensemble de Lyon. Lyon ne serait pas Lyon si n'avait pas eux le tissage*" (Philippe, 26:50).

M. Philippe é contra a ideia de um museu que represente a totalidade da Croix-Rousse. Seu trabalho como animador cultural da região parece representar bem esse pensamento, pois ele tenta mostrar aos visitantes o aspecto dinâmico da memória, tratando de inseri-la no contexto. Segundo ele, a memória está nos imóveis que ainda existem na região, nos escritos

sobre o passado têxtil e na força com que os trabalhadores lutaram para garantir melhorias para os seus pares. Soma-se aqui, então, dois tipos de interesses: um mais próximo do emocional, que o liga a suas origens, e um político, porque é um personagem ativo nas discussões trabalhistas da região a qual pertence.

Ele dedica boa parte de seu tempo ao trabalho na Croix-Rousse. M. Philippe além de realizar visitas organizadas pela Maison des Canuts, ou por pessoas que o procuram diretamente, possui um *blog* no qual discorreu sobre a história desses trabalhadores. Seu *blog*, *Les Canut de la Croix-Rousse*, revela aspectos sociais, políticos e econômicos da vida desses antigos moradores.

Durante a Fête des Lumières, de 2010, eu participei de uma de suas visitas pelo *quartier*. Após a visita à Maison des Canuts, fomos circular pelo *quartier* até o Hôtel de Ville. Ele nos mostrou os imóveis dos *canuts*, a estrutura desses imóveis, nos explicou sobre a organização da vida das famílias nos apartamentos, suas condições de trabalho e, claro, sobre a herança que eles deixaram inscritas na arquitetura e na história da cidade de Lyon.

O *blog* dele se refere a uma série de aspectos da vida desses trabalhadores. O cotidiano (habitações, lazer, alimentação, educação) desses indivíduos, as transformações no *quartier* da Croix-Rousse, as revoltas dos *canuts*, a importância econômica, social e cultural da indústria têxtil para a região, a história da tecelagem, a organização da indústria, as transformações políticas em Lyon e na França e as implicações disso para os *canuts* e suas eventuais participações. Em geral, Philippe escreve seus textos orientado pelo jornal dos *canut* intitulado *Echo de la Fabrique* e a partir de suas investigações nos arquivos de Lyon.

Análise do *blog Les canuts de la Croix-Rousse* por meio do programa Alceste

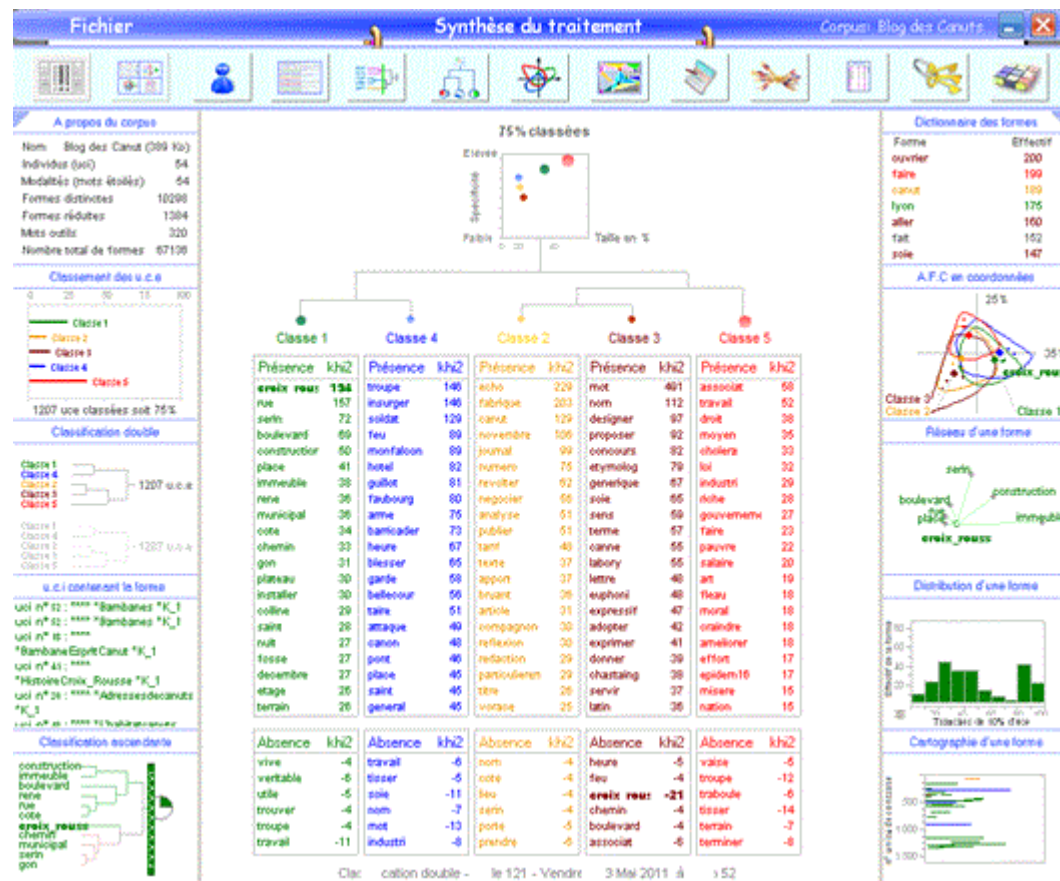
Esse programa realiza uma análise de dados textuais. Ele quantifica o texto, a partir das estruturas mais significativas, aproximando palavras relacionadas e opondo estruturas que não se relacionam. Ele realiza, em um primeiro momento, uma subdivisão do texto em classes de palavras que se aproximam. Para analisar a classificação do programa, podemos nomear as classes que se aproximam e as que estão em oposição, percebendo, então, o significado dessas divisões. Ele fornece uma série de ferramentas, como a possibilidade de selecionar uma palavra em relação às outras de mesma classe (aproximação e distanciamento). A relação entre as classes, os principais adjetivos utilizados, a presença ou ausência de palavras em uma classe, etc. Sabemos que a utilização de programas de interpretação de texto pode ser bem limitada e, por isso, realizamos a análise após a leitura do *blog*. Portanto, ele serviu como uma ferramenta classificatória, ajudando a compreender quais as principais temáticas utilizadas por M. Philippe para contar a sua história sobre a Croix-Rousse.

O Alceste nos permite reduzir em classes uma grande quantidade de informações. Iremos, a seguir, mostrar um pouco de como o programa funciona e quais foram alguns dos indícios que ele nos permitiu inferir sobre essa história de *canuts* contada por Robert Philippe.

O programa inseriu 75% do texto em sua análise. Isso significa que uma grande parte do texto foi selecionada e nos permite, então, inferir que a interpretação do programa classificou uma quantidade satisfatória a partir de uma grande parte do corpo do texto. O programa classifica o corpo total do texto em classes e nos oferece diversas ferramentas para selecionar as partes que nos interessam. Em um primeiro momento, tivemos o corpo total do texto dividido em duas partes; a primeira parte foi subdividida em outras duas partes, e a segunda em outras três partes. Podemos ver essa

decomposição na Figura 1 a seguir :

FIGURA 1 - Divisão em classes do *blog Les canuts de la Croix-Rousse*



A primeira divisão é composta de dois grupos diferentes e optamos por nomeá-las de grupo "a" e grupo "b". O grupo "a" corresponde às classes 1 e 4. Denominamos, então, a classe 1 de "Geografia e construções da Croix-Rousse" e a classe 4 de "Revoltas e armas dos *canuts*". O grupo "b" corresponde às classes 2, 3 e 5 e representa, principalmente, os aspectos descritivos do ambiente dos *canuts*, seus sentimentos, suas emoções, suas impressões, seu cotidiano, suas origens e as discussões que envolvem a nomenclatura "*canuts*". Nomeei essas classes da seguinte maneira: classe 2 – "O Jornal 'Echo de la Fabrique'"; classe 3 – "Porque o termo '*canut*'?"; classe 5 – "Os fatores que contribuíram para as revoltas".

A classificação ainda nos permite observar quais são as palavras mais recorrentes na classe e quais as que não estão presentes. Para analisá-las, pontuamos algumas hipóteses ao longo do texto, a partir do programa, quando as julgamos importantes para compreender a história e a gentrificação na Croix-Rousse.

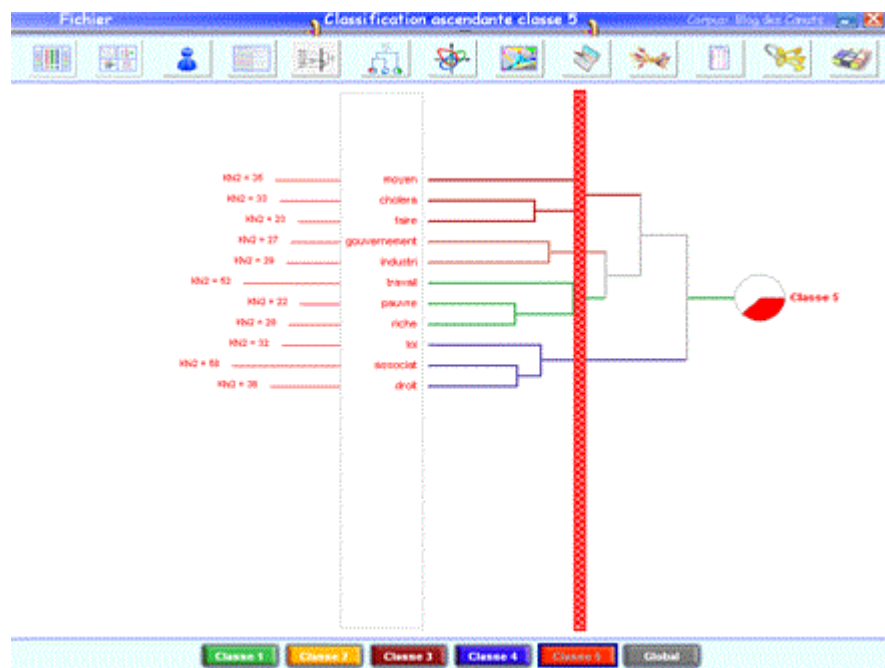
No *blog* de Robert, percebemos que os *canut* são entendidos como grupo político. Analisando esse *blog* por meio do programa Alceste, chegamos à conclusão de que há uma possibilidade grande de que o termo tenha sido utilizado como uma forma de contestação a partir do jornal *Echo de la Fabrique*. Mas não podemos perder de vista o enfoque que Robert atribui à problemática da Croix-Rousse, pois é o caráter político e social da vida desses trabalhadores que o interessa. Sendo assim, a aproximação da história de *canut* com as revoltas e a transformação social decorrente delas são os aspectos mais enfatizados pelo autor.

A classe 5²⁸ – Os fatores que contribuíram para as revoltas – contém a maior parte de palavras classificadas, que mostram a preocupação central do *blog* em valorizar os *canuts* como um grupo político. Ela reagrupa também as palavras que apresentam quais foram as situações e o ambiente da vida dos trabalhadores que permitiram o desenvolvimento das primeiras revoltas trabalhistas no mundo. Os sentimentos na luta contra o governo e os chefes de *atelier*, os problemas nas condições de trabalho nos diferentes tipos de atividades exercidas pelos trabalhadores da seda, suas lutas contra o monopólio e o controle do preço dos produtos primários pelos chefes de *atelier*. Essa classe mostra também quais eram os fatores que encorajavam a obtenção dessas mudanças desejadas como a possibilidade de se associar as modificações legislativas e a defesa de direitos dos trabalhadores. Estas são as relações que nós podemos observar na figura 3 a partir da subdivisão

²⁸ **Presenças significativas:** Association 58 ; travail 52 ; droit 38 ; moyen 35 ; cholera 33 ; loi 32 ; industrie 29 ; riche 28 ; gouvernement 27 ; faire 23 ; pauvre 22 ; salaire 20 ; art 19 ; fléau 18 ; moral 18 ; craindre 18 ; améliorer 18 ; effort 17 ; épidémie 17 ; misère 15 ; nation 15
Faltas significativas: Croix_rousse -58 ; mot -56 ; rue -54 ; canut -51 ; place -31 ; saint -31

desta classe em quatro grupos diferentes.

Figura 2 - Associação de palavras na classe 5.



Nós podemos perceber o lado político do *blog* na classe 5, a partir da aproximação entre o verbo "fazer" e a palavra "meio". Isso nos dá uma ideia de movimento, de possibilidades de ação por meio da política. A aproximação entre as palavras "governo" e "indústria" nos leva a pensar que há uma formação de um grupo de poder, uma elite que foi o foco da revolta dos *canuts*. O "trabalho" é ligado às palavras "pobre" e "rico"; o que nos faz compreender o crescimento das diferenças sociais com a indústria da seda. A união entre a palavra "loi", "association" e "droit" mostra os meios utilizados pelos *canuts* para lutar contra essa situação.

Sendo assim, compreendemos mais uma vez que o termo "*canut*", para M. Philippe, está bem atrelado ao caráter de grupo combativo, de um grupo que participou ativamente das mudanças lionesas e francesas no que diz respeito ao avanço dos direitos políticos e sociais.

A partir da análise das palavras mais próximas à palavra "*soie*",

podemos também perceber o caráter político e social do *blog*. A classe 2 – do jornal *Echo de la Fabrique* – coloca em evidência a palavra "soie" como uma produção concreta do trabalho dos *canuts*. O principal tema das revoltas é o caráter abusivo das tarifas impostas pelos chefes dos *ateliers* sobre o material utilizado pelos *canuts*. As palavras que estão ao redor da palavra "soie" na classe 2 fazem sobretudo referência ao caráter engajado do jornal e não à produção artística dos trabalhos dos *canuts* – a seda. Na classe 3 – A origem da palavra "canut" –, nós observamos que a palavra "soie" é rodeada de verbos e de palavras que propõem a procura da etimologia da palavra "canut". A seda aparece aqui como o produto final de uma série de trabalhos executados por diferentes trabalhadores, que buscam uma identidade enquanto grupo.

A conotação do *blog* se refere mais à produção material e ao caráter social dos trabalhadores, deixando o caráter estético para um segundo plano. Nós podemos perceber essa relação justamente a partir das palavras do próprio autor em seu artigo denominado "Santé des Canuts".

Cette observation m'a conduit à jeter un regard différent de celui que souvent j'observe quand on évoque les Canuts. L'héritage qu'ils transmettent par leurs écrits n'est pas seulement une description de leurs souffrances, c'est surtout des éléments fondateurs d'un mouvement ouvrier en lutte qui propose, fixe aux uns et aux autres des objectifs. C'est à ce titre que le patrimoine des Canuts est intéressant. Evoquer le passé pour le passé me semble pour moi insuffisant. Il n'a de valeur que s'il vient enrichir notre réflexion aujourd'hui. On ne peut donc résumer l'apport social des Canuts au chant, certes émouvant et combien mobilisateur, d'Aristide Bruant, « Pour chanter Veni créateur... », écrit d'ailleurs 60 ans après la révolte de novembre 1831, après ces journées du 21, 22 et 23 novembre qui posent les bases du mouvement ouvrier. J'ai donc fait un choix. D'abord parce que je ne suis ni universitaire, ni historien pour entreprendre de longues recherches, l'état d'esprit de cette époque ne fournit pas de statistiques, de listes, pour savoir les maladies auxquelles le canut et sa famille étaient confrontés et parce que je l'ai dit, je souhaitais donner la parole aux tisseurs sur soie²⁹

²⁹ Disponível em: <canutdelacroixrousse.blogspot.com>. Acesso em: 15 jul. 2013.

Figura 3 - Rede da palavra "soie" na classe 2

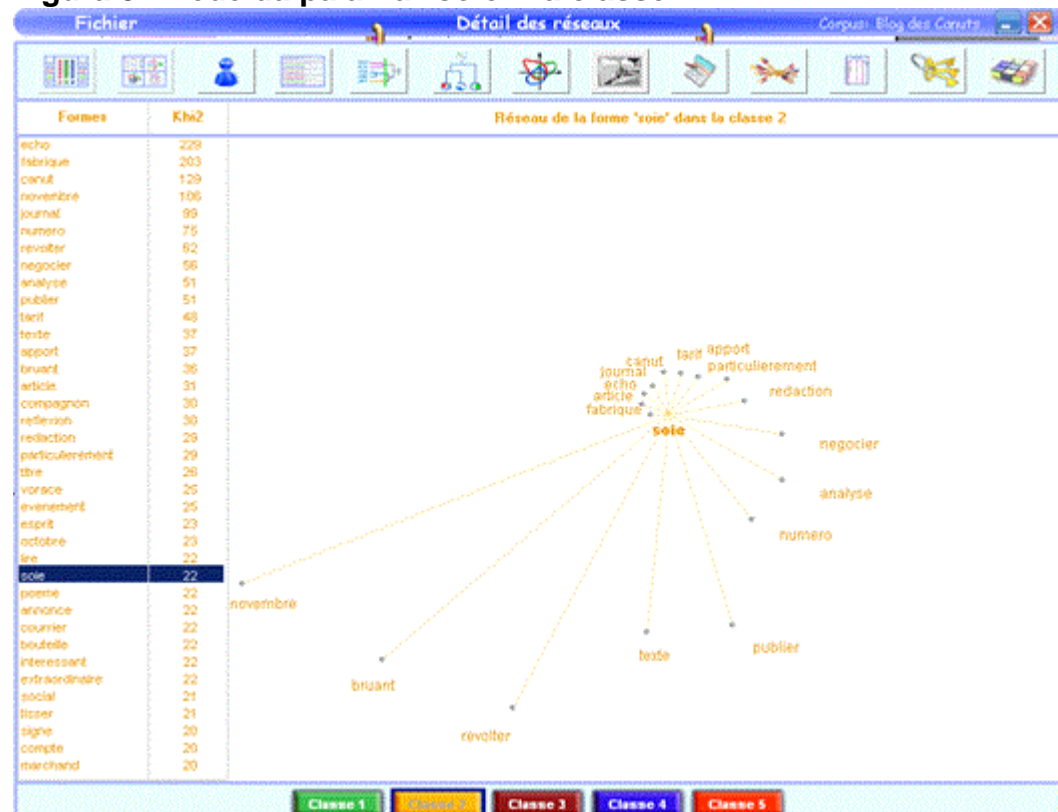
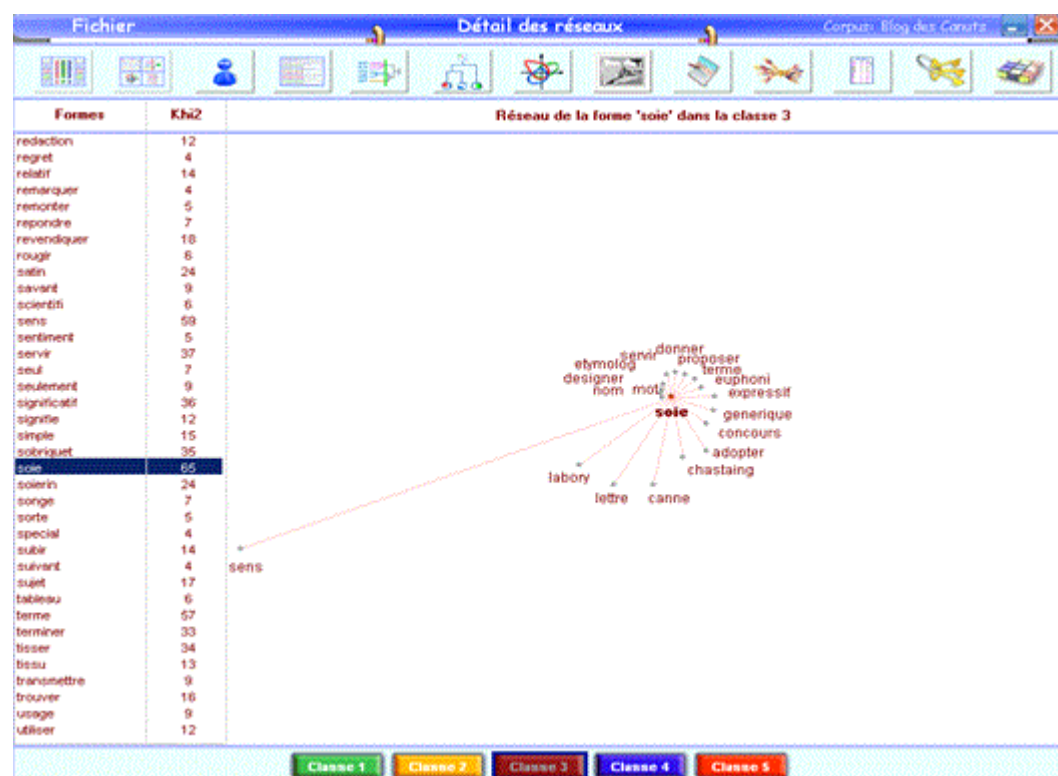


Figura 4 - Rede da forma "soie" na classe 3



Finalmente, e como não poderia deixar de ser vis-à-vis do interesse social e político sobre a história de *canuts*, M. Robert critica um pouco a atual apreensão por parte de agentes culturais que perpetuam a história dos *canuts* a partir das características culturais dos trabalhadores. Não retirando o mérito da beleza de suas produções, ele acredita que a memória de suas insurreições não deve ser deixada de lado, para que impulse a sociedade atual na luta por melhorias nas condições de vida dos trabalhadores. Parece que o temor de M. Philippe é o de que as revoltas trabalhistas fiquem esvaziadas pelo caráter estético das produções realizadas por esses trabalhadores. Parafraseando Canclini, podemos pensar que o argumento de M. Robert reforça a ideia de que o valor artístico acaba se tornando a justificativa para que esses objetos sejam salvaguardados. (CANCLINI, 2000, p. 174).

3.4 L'esprit canut

No dia 21 de junho de 2011, realizei uma entrevista com M. Patrick em sua casa, um imóvel na Croix-Rousse. No início da conversa, ele me questiona o porquê do meu interesse em estudar os *canuts* e fica contente de saber que uma estudante brasileira se interessa por esse tema.

M. Patrick é presidente da Associação l'Esprit Canuts. Ele parece também ter uma relação muito íntima com a história dos *canuts*. Essa associação iniciou pela mobilização a favor de que o espaço, o qual hoje acolhe a Maison de Canuts, não fosse transformado em alojamento social. Houveram manifestações por parte da população, e um grupo acabou se reunindo visando abrir um museu, focado na questão sobre o homem trabalhador da seda. Ele afirma ter lutado pela preservação desse espaço. Além disso, disse ter várias vezes percorrido o *quartier* da Croix-Rousse, quando ainda havia o trabalho dos artesãos, para lembrar do cheiro da seda e do barulho dos *métiers*. Seu pai trabalhava como "*grampies*", com fios de ouro, um tipo de trabalho próximo ao de Mme. Letourneau, a *passementerie*.

L'origine de l'Association c'est la liquidation de la Maison des Canuts qui était une coopérative ouvrière. Les ouvriers canuts c'étaient regroupés pour pouvoir bénéficier de la sécurité social, des congés payés et rester indépendants avec leurs métiers, mais ils étaient regroupés. Donc c'était un grand combat qui était le dernier combat des canuts mais la gestion de ce coopératifs est mal (...) e donc il avait un déficit financier donc il a eu une mise en liquidation, ce qu'on appelle la mise en liquidation, c'est-à-dire, une fermeture. Et une manifestation spontanée a été réalisée par un homme qui était lui aussi dans le tissage, dans la peinture de la soie. (La manifestation a été réalisé pour que (...) ce patrimoine, qui appartenait à la Maison de Canuts, ne soit pas vendu. Donc la Ville de Lyon a tout de suite arrêté (...) tout de suite cette manifestation s'est transformé en association qui s'appelait "l'Esprit Canuts n'est pas mort, égale encore". Et cette association, je l'ai pris la présidence assez vite au but d'un". (M. Patrick, 00:26).

Algumas das práticas e das memórias que a associação tenta preservar se pautam nas seguintes linhas: trazer a história de *canuts* para que se possa observar o passado, construído pelos homens, permitindo que hoje em dia as pessoas percebam o caráter histórico e combativo da vida em sociedade, colocando a imagem dos *canuts* como agentes de sua história e construtores do atual patrimônio da Croix-Rousse. Tentam também pensar as possibilidades de congregar todas as associações, museus e interessados a partir da ideia do *Pôle de la Soie et des Canuts* e, finalmente, manter um grupo de diálogo e produção de textos, por meio de um jornal que além de trabalhar com a história dos *canuts*, trata também de discutir as questões atuais da região da Croix-Rousse.

Musée c'est un mot qui ne plait pas à la Croix-Rousse parce que si on dit un musée c'est à dire qui n'existe plus le tisser, qui n'existe plus vigne, réel. Soierie Vivante le mot soierie vivante ça vaut dire : on continue de faire vivre l'atelier de Mme. Letournois, même si on ne produit pas. Mais si on dit musée on le dirait autre siècle, passé. On a voulu un lien vivant où les jeunes pourraient venir et toucher les ordinateurs pour faire leur recherches, on voudrais une salle de conférence pour parler du monde du travail d'aujourd'hui, c'est-à-dire un lieu sociologique, où les gens du quartier puissent venir boire un coup dans un bistrot qui existerait, et un colloque international pourrait se faire, où on pourrait voir un tisseur tisser et qui travaillerais peut-être sur le regard, peut-être sur un cache de verre... je ne sais rien et nous on expliquerais ce que c'est la mécanique Jacquard (...). (M. Patrick 17:40).

Por fim, como conseguiram manter o patrimônio pelo qual lutaram, e

que hoje existe no espaço Maison de Canuts, M. Patrick se pergunta ao final se de fato há, ainda hoje, alguma importância em manter sua associação. Apesar de considerar que o interesse dela é algo que talvez esteja passando por um momento de reformulação, sabe-se que ali são produzidos materiais que têm validade para a região, sobretudo a partir do jornal que escreve junto dos aderentes, com sua esposa e que chega às mãos da população que mora na região.

Les Canuts sont des lutteurs (M. Patrick 13'07)

Et à Lyon on ne va pas entendre parler de la révolte des canuts. Parce que les choses sont encore vivantes. L'antagonisme entre le soyeux, et les ouvriers et le peuple, il est encore présent donc on ne veut pas entendre parler de cet antagonisme. Les élus politiques qui soient de droite, qui soient de gauche, qu'est qu'il recherchent ? La paix sociale, le consensus, l'harmonie, la concorde ! Donc, pour avoir de la concorde on va parler de la soie, on va parler de la mécanique Jacquard, le Jacquard, le bon Jacquard, sur la place, le grand inventeur qui a permis aux enfants de plus tirer le lac et tout ça. Et on ne va pas parler de cette histoire sale de la Révolte, c'est dégoûtant. Ça c'est mon interprétation... (M. Patrick, 32'45).

Após comentar sobre meus interesses em relação aos museus comunitários, M. Patrick acrescenta que eles permitem aos membros da comunidade uma relação muito estreita com o patrimônio, pois ele é vivenciado pelos sujeitos sociais. Sua valorização é dada justamente pela especificidade desse contexto vis-à-vis dos outros. Ele acredita que a história de *canuts* perpassa uma série de polos. O cultural devido à beleza de suas produções, o técnico, pelo desenvolvimento tecnológico impulsionado pelo trabalho desses tecelões, o arquitetural ou físico, que pode ser visto nas construções e no conjunto dos imóveis que compõem a Croix-Rousse, e o político, porque é a história dos homens como agentes de mudança social. *"Donc ça fait un système à la fois archaïque, à la fois très moderne pour la liberté du travail. Donc c'est complexe. Il y a qu'ici que ça se fait" (M. Patrick 15:25).*

Donc c'est une grande histoire a raconté du point de vue des outils, oui, du point de vue de la soie, oui, mais surtout avec un lien, c'est l'homme

qu'invente tout ça, cette communauté et ces antagonismes. Et c'est ça qu'on a envie de créer dans un seul lien qui nous fournirons de 2, 3, 4 mil mètres guerre. On veut construire un bât moderne, contemporain. Il y a un architecte dans notre comité technique" (M. Patrick 19:07).

Portanto, o diferencial de sua associação com relação às outras é justamente a de trazer o homem para o centro da discussão. Não seria a seda, nem os *métiers*, mas o homem, o homem que fez a seda, e não o contrário.

Donc, hors à Lyon, les Canuts disparaissent derrière la soie comme le cocon: comme (...) le canut est emprisonner dans un grand cocon de soie et on ne parle plus de lui. Et nous, on est là avec Robert Luc sous le novembre de Canuts à dire : oh, oh, oh... il faut peut-être pas oublier tous les rapports des canuts qu'ils ont apportés au monde. Avec le conseil de Prudhomme même si c'est la Chambre de Commerce qui l'a demandé avec les coopératifs ouvriers." (M. Patrick 5:24).

Donc, je dirais que la prise de conscience des canuts, nous avons participé avec d'autres associations. Soierie Vivante, Robert Luc et tout ça et pour tous les amoureux de la soie... (...) On s'est rajouté simplement, on a mis le point sur le social, mais ils étaient là, Rodarie, Robert Luc, je cherche les noms, M. Truchet, le Uchart et l'atelier Matellon, j'ai pas parlé de l'Atelier Matellon, M. Matellon a décédé il n'y a pas longtemps, il a entretenue la flamme ou les plus grands de ce monde sont venu le voir, donc mais c'est était des (...) des groupes là on pourrait dire qu'il y a une émergence depuis quelques années, 2004, depuis cette manifestation, qu'il a eu les gens comme ça. On était 300 à la rue, au nom des canuts, les canuts sont pas morts (...) Il a eu une renaissance depuis quelques années de l'intérêt porté à cette communauté" (M. Patrick 1'07'37).

3.5 République des Canuts

Donc, finalement, je vais employer un mot qui j'ai jamais employé : On est l'étendard, on est le port drapeau de cette Croix-Rousse (M. Alain, 20'11)

Foto 13³⁰



13 - 21ème vendages de la Coline - République des Canuts

No dia 24 de junho de 2011, às 16h00, M.Alain e eu marcamos de nos encontrar na Mairie du 4ème. Ele já sabia do projeto e também o foco da pesquisa, já havia conversado com os demais sobre o assunto, portanto, tivemos uma conversa breve, mas esclarecedora. Após a entrevista, M. Alain iria entrevistar um *ex-canut* de 90 anos, com o intuito de captar as informações e fotografias para seu material. Ele salientou o interesse com a pesquisa e disse ter interesse em receber um retorno do material. Presenteou-me com um dos jornais de sua associação, o *La Republique des Canuts*.

O trabalho de sua equipe é bem pautado na memória das práticas culturais da região da Croix-Rousse e de Lyon. O folclore é lembrado por meio de rituais em que os integrantes se vestem com roupas típicas e celebram a colheita da uva, consagrada por uma vinha plantada na colina, o que rememora os tempos em que a colina vivia justamente da agricultura.

Além disso, M. Alain trabalha também com a salvaguarda de um patrimônio imaterial, o lyonnais, um linguajar típico da região de Lyon. Dá cursos para que a língua permaneça viva ou ao menos que a população tenha contato com as expressões típicas da região. Ele dedica bastante tempo à associação e está em fase de preparar os 25 anos da fundação da Associação République des Canuts. M. Alain também trabalha ativamente

³⁰ Disponível em: <<http://www.lyonmag.com/article/18523/la-republique-des-canuts-vendange-a-la-croix-rousse>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

com as festividades do Novembro des Canuts. Já estavam pensando nas atividades que iriam preparar para mostrar ao público os trabalhos que eles vêm desenvolvendo em prol da memória da região. Logo, eles pretendem montar um espetáculo a partir da figura de guignol para rememorar justamente a relação entre a marionete e a Revolta des Canuts.

Sobre a relação entre todas as associações M. Alain é enfático :

C'est une complémentarité. Ils ont tous leurs places, moi je ne me gêne pas, au contraire (...) Parce que ça (la dispute) ce n'est pas Lyonnais. À Lyon on défend le travail. Moi je dis qui Soierie Vivante a un énorme travail à faire, c'est la sauvegarde de la passementerie, (...) la Maison des Canuts s'occupe des métier à tisser, c'est-à-dire le larguer de 80, 90 mètres de large (...) l'Esprit Canuts ils ont presque une démarche d'histoire (...) nous, on est plus porté sur l'extérieur, avec des manifestations à la rue, ils (les gens en général) voient la République des Canuts... ce titre attire les gens. (M. Truchet, 17'46).

3.6 Maison des Canuts

M. Christophe é o presidente da Maison des Canuts. Percebe-se uma postura empreendedora do entrevistado e das atividades exercidas no local. Ele enfatiza que salvaguardar os *métiers* e a memória é muito importante, mas ressalta que prezar pela lembrança de que a produção têxtil ainda existe na França, que a indústria têxtil deve ser valorizada e consumida é ainda mais importante. Por isso, a Maison des Canuts se ocupa de passar a história para os seus visitantes ao mesmo tempo em que faz um apelo ao consumo de produtos locais, para que, pelo consumo, se fortaleça uma indústria que fez a história da região.

Durante a Fête de Lumière, realizei uma visita especial guiada com a Maison des Canuts. No início, fiz uma visita ao museu para compreender as explicações sobre os *métiers* de tecelagem. Em um segundo momento, o museu nos recebeu em um quarto e nos informou sobre a história da tecelagem na França e, mais particularmente, em Lyon. O terceiro momento constituiu em uma visita pela Croix-Rousse com o acompanhamento de M. Philippe.

Foto 14



14 - As navettes. Atelier da Maison des Canuts. (Foto minha).

Segundo as informações históricas da Maison des Canuts, Lyon foi privilegiada pelo comércio de tecidos no século XIX devido, sobretudo, a duas situações. A primeira é de ordem geográfica, visto que a cidade estava centralizada em uma esquina de rotas propícias às trocas comerciais. A segunda questão que favoreceu o desenvolvimento da indústria têxtil em Lyon foram as intervenções de Louis XIV. Ele reinventou a moda, sobrepondo um modelo de alta costura francesa frente às tendências espanholas. Desde aquele momento, a França começa a exportar tecidos e a indústria lionesa é beneficiada, visto que ocorre um aumento significativo do número de trabalhadores implicados nesses trabalhos.

Napoleão teve um papel importante, privilegiando o consumo de tecidos franceses. Para encorajar a produção, ele delimita um estilo característico para a população, decretando que todos os habitantes da França deveriam usar roupas de fabricação francesa. Mais uma vez, Lyon será beneficiada por meio do encorajamento do Estado.

No século XX, os Estados Unidos começam a fabricar tecidos sintéticos, o que acaba impactando as encomendas na região francesa. Pouco a pouco, as novas fibras foram afetando a atividade da tecelagem na França. No entanto, no começo do século XXI, a França ainda era responsável por 2% da produção mundial de tecidos. Mas a concorrência com produtos asiáticos é uma das questões colocadas para reflexão por

parte dos responsáveis da Maison des Canuts. Em uma das visitas foi enfatizado que a crescente queda na consumação de produtos locais em razão dos preços baixos da concorrência estrangeira pode afetar consideravelmente a economia têxtil na França. O primeiro fator que conduz a preferência por produtos estrangeiros é, incontestavelmente, seus valores. Contrapondo esse argumento, a Maison des Canuts sugere que se estabeleça também outros critérios, e porque não o da qualidade?

A Maison propõe, então, uma discussão sobre os hábitos de consumo. É interessante observar que a produção têxtil, que outrora representava uma produção de indústria, é agora vendida como artesanato. O custo elevado decorre justamente dessas questões, da qualidade dos produtos e da singularidade na produção.

Nesse sentido, percebe-se como um museu, que invariavelmente serve como um espaço de reflexão sobre um determinado momento do passado, pode também servir aos interesses do presente, apresentando a tradição a partir de uma perspectiva dinâmica. A perspectiva histórica da Maison des Canuts não permanece estática em um passado que glorifica somente a memória dos antigos trabalhadores, mas, ao contrário disso, tenta colocar uma história inteligível nas questões que estão em voga na contemporaneidade.

Isso é perceptível a partir do momento em que a Maison não faz uma simples descrição dos eventos passados ou dos hábitos de consumo franceses, ou lioneses, mas propõe uma reflexão sobre os hábitos de consumo dos próprios visitantes. Ela encoraja o consumo de produtos locais, com o pretexto de que é esse consumo que irá recuperar o mercado interno. O argumento central reforça a ideia de que a consumação de produtos locais pode conduzir a um aumento da produção que pode desenvolver o setor econômico da indústria francesa e lionesa.

Foto 15³¹



15 - Boutique da Maison des Canuts

³¹ Disponível em:< <http://www.lyon-france.com/Que-faire/Shopping-mode/Artisans-d-art-galleries/La-Maison-des-Canuts-Boutique>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, percebemos que as mudanças na cidade de Lyon se relacionam com as observadas em estudos de caso em outras cidades, orientados por uma lógica globalizante de cidade. Assim como nos casos inglês e norte-americano (Glass, 1967; Smith, 2006; Botelho, 2005), há uma valorização do espaço urbano que resulta em uma ampliação das diferenças sociais, deslocando antigos moradores de camadas mais simples da população para outras regiões da cidade. Também percebemos que na Croix-Rousse há um diálogo entre essa tendência globalizante de cidade, que uniformiza os modelos dos eventos culturais, de revitalização urbana e fortalecem o "desejo de cidade" e um apelo as tradições, a arquitetura, os hábitos de vida locais – nesse caso “lyoneses”.

A cidade como vitrine, ou o patrimônio sendo reproduzido como uma cenografia, também ocorre na região. Há um apreço e uma nostalgia pelo passado, que são estereotipados nas fachadas dos prédios, nos comércios e nos museus. Percebemos, então, que a cidade de Lyon está, assim como vimos nos estudos de caso de outras cidades, passando por um processo de transformação de sua estrutura em uma estrutura que atende às demandas globais sob a ótica do *city marketing*, ou simplesmente da concorrência entre cidades. Tendo em vista esses aspectos, pouco teríamos a acrescentar na discussão sobre a gentrificação. Mas as transformações observadas na Croix-Rousse não se assentam somente em uma lógica globalizante. Como vimos no terceiro capítulo deste trabalho, há um forte apelo local na valorização e no enobrecimento da região por meio da exaltação das singularidades de sua história. A ideia pontuada por Hiernaux-Nicolas (2006) sobre a territorialização das tradições é bem evidente, pois se delimita um território (a Croix-Rousse), e as ações dos agentes culturais acabam fortalecendo a ideia de um território específico, com uma história e tradições próprias. Contudo, além disso, é essa relação com o patrimônio que dá

suporte para os tipos de sociabilidade efetuados entre os seus moradores. Essas “paisagens urbanas” configuram um espaço físico a partir de determinados valores, histórias e tradições, que identificam aquela região como única e autêntica. Essa sociabilidade, marcada pela tradição, reforça ainda mais o lado “*village*” que é atribuído à região. A gentrificação é um processo que confere especial importância ao polo cultural do patrimônio, pois há toda uma história da região que passa a ressignificar o bairro, embutindo valores antigos e até mesmo novos valores para a região que se encontrava decadente. O papel dos agentes culturais para formar uma “nova imagem” da Croix-Rousse é fundamental. Nesse sentido, tentamos demonstrar como as instituições culturais e os agentes culturais são responsáveis por criar uma identidade “croix-roussienne”.

Há uma busca pelo original, pelas tradições, pelos ritos, mitos e por um ser genuíno, um autêntico lyonnais nas falas de M. Alain. A associação dele, a République des Canuts, realiza um esforço no sentido de resgatar as particularidades daquela região, isto é, manter viva as tradições que já haviam sido esquecidas e celebrá-las em forma de rituais, o que parece ser uma das marcas da associação. “Nós somos o estandarte da Croix-Rousse” diz ele, isso significa que eles parecem ser o símbolo, o lado visual da manifestação coletiva. Dessa forma, percebemos um forte apelo para o polo cultural na ação dessas instituições e nas motivações que guiam as ações desses dois atores sociais.

A memória dos trabalhadores da seda – os *canuts* – é retomada pelo o recorte que fortalece as questões que estão em jogo atualmente. A partir da entrevista realizada com M. Alain, percebemos que os *canuts* são lembrados como trabalhadores perfeccionistas e incansáveis, que amavam o que faziam. Característica que, segundo nosso entrevistado, ainda deve permanecer no espírito dos atuais trabalhadores franceses, da população lionesa em geral e, da mesma maneira, da família. Os *canuts* viviam em seu local de trabalho e trabalhavam em família, a qual é uma categoria central

para aquele momento histórico. Em um momento em que ela não corresponde mais àquele ideal de outrora, parece que a valorização desse tipo de laço encontra substância a partir da retomada desse período da história, o que acaba, então, criando um discurso que pode fortalecer uma instituição que já não é mais tão sólida como fora em outros contextos sociais e históricos.

Mais do que tradições inventadas, podemos perceber como a história é de fato ressignificada (Sahlins, 1990) a partir dos valores que correspondem ao mundo atual. A partir de Choay (2009), conseguimos perceber como o patrimônio não é uma entidade por si mesma, mas sim utilizado pelos atores sociais; ele é ressignificado e, assim, é reconstruído cotidianamente pelos atores sociais envolvidos nesse processo. O papel das instituições reforça a construção do patrimônio, que longe de se apresentar imponente e autoritário, exigindo uma postura rígida para que se faça parte dele, permite diálogos, reelaborações e novas significações.

Nas entrevistas realizadas com M. Philippe, assim como a análise de seu *blog*, e com M. Patrick, o lado político em relação à salvaguarda da memória dos *canuts* é muito presente. As produções artísticas, o maquinário, o desenvolvimento tecnológico e a possibilidade de desenvolver economicamente a região são colocadas de lado dando centralidade para a questão social do patrimônio. O polo social seria, então, a ênfase dada nos trabalhos dos dois presidentes. Um forte caráter combativo e um engajamento político permitem compreender que suas motivações são assentadas em suas ideologias, notadamente de esquerda. Valeria aqui pontuar mais uma vez a relação entre a estética do patrimônio e sua lembrança como promotora de um espírito combativo. A crítica desses dois agentes culturais assenta-se no empobrecimento da história de *canuts* quando ela reforça somente um aspecto daquele mundo: a produção da seda. A história, para esses dois militantes de esquerda, deve ter o homem como centro de toda preocupação, e o caráter construído da história humana

deve ser sempre explicitado. Sendo assim, lembrar os *canuts* sem mencionar suas revoltas e o papel que tiveram para transformar as relações trabalhistas na região seria esvaziar a discussão, pois se valorizaria somente o mundo da produção, dos bens materiais, ou seja, da beleza da produção da seda. A estética aqui seria central, não quem a produziu.

O passado, na Croix-Rousse de hoje em dia, serve aqui como um motor para o futuro. Não podemos deixar de localizar esses entrevistados a partir de suas ideologias. Mostrar e salientar o caráter dinâmico dos processos sociais e o papel do homem na transformação das relações sociais e de dominação é o que mais chama atenção em suas falas. Questão já pontuada por Poitoux (2006), a partir da ideia de espírito *soixante huitard*, que passa a valorizar o lado "*village*" em suas experiências cotidianas.

O poder do discurso dessas instituições pode levar ao que acontece na Croix-Rousse. A valorização do "*village*" concentra moradores com elevados capitais econômico, cultural e social no mesmo espaço. Isso leva à aquisição de melhorias para a região, imputando valor aos antigos prédios industriais, que são, finalmente, patrimonializados. Segundo Collet :

D'autre part, les "nouveaux" habitants manifestent un intérêt et un enthousiasme pour l'histoire industrielle et agricole de Montreuil, ce qui mène à la patrimonialisation de bâtiments industriels et d'espaces horticoles (notamment les "murs à pêches", aujourd'hui partiellement classés site protégé suite à l'action d'habitants réunis en association). Cette patrimonialisation, qui n'est pas sans rappeler le réinvestissement de l'histoire des canuts par les "embourgeoisés" de la Croix-Rousse, est bien sûr une attitude nouvelle à l'égard de l'histoire récente de la commune, contribuant à faire basculer dans un passé "historicisé" voire désincarné la période très récente où la municipalité communiste, concentrée sur son électorat ouvrier, souhaitait construire des logements sociaux sur ces anciens espaces industriels ou horticoles en friche [...] (COLLET, 2005, p. 10).

As instituições da Croix-Rousse participam e direcionam o tipo de gentrificação que acontece naquele bairro. Talvez o que se vê atualmente na região seja a expressão de uma organização urbana mais ou menos internacionalmente prestigiada e com expressões de localismo e

autenticidade. Os produtos comercializados e a maneira de mostrar o local não diferem muito dos moldes do turismo tradicional, mas as diferenças ficam evidentes a partir da valorização da história, dos hábitos, das tradições, etc.

Portanto, percebemos uma tentativa de resgate do autêntico, do original a partir das entrevistas e depoimentos de M. Michel e M. Alain. M. Michel possui o último *atelier in locu* da Croix-Rousse e trabalha para mantê-lo em funcionamento e em condições para receber alguns visitantes. A forte valorização do material pelo que é verdadeiro, antigo, raro e característico daquela região torna seu *atelier* um espaço com forte carga simbólica.

Há um forte debate político no meio associativo, por outro lado há uma descrença na efetividade das mudanças a partir desse embate político tradicional. A associação surge, desse modo, como uma possibilidade de exercer a cidadania de uma maneira alternativa à política tradicional – voto, eleição, reuniões, etc. Os associados participam, geralmente, como sócios-aderentes em mais de uma associação (embora não participem ativamente de todas), principalmente das que são relacionadas aos *canuts*. Os presidentes das instituições que analisamos possuem uma verdadeira vida associativa, alguns, inclusive, atuando como presidentes em mais de uma associação. Embora nem todos os nossos entrevistados morem na Croix-Rousse, eles participam ativamente de sua vida associativa.

Além da luta pelo patrimônio, conseguimos perceber a partir das entrevistas com M. Jean da Association Soierie Vivante e M. Christophe da Maison des Canuts um forte caráter econômico atribuído à importância de preservação do patrimônio. Assim como observado por Leite no Recife antigo, podemos observar algumas estratégias de valorização de regiões, visando atingir objetivos econômicos. Para os dois entrevistados, o patrimônio tem menos importância por ele mesmo do que pelo fato de que pode servir aos interesses do mundo têxtil francês. M. Jean afirma continuamente a importância de se preservar o conhecimento sobre o funcionamento dos antigos *métiers*, pois eles foram, são e ainda serão úteis

para esse setor da economia. Mais localizado que outrora, a utilização desses *métiers* é muito cara. No entanto, para tecidos de altíssima qualidade eles ainda poderão ser utilizados se o conhecimento sobre o seu funcionamento permancer.

M. Christophe aponta para a mesma questão. A Maison des Canuts trabalha no sentido de valorização da produção local. Se Lyon não é mais uma grande produtora de tecidos, há ainda uma quantidade significativa de indústrias e uma "cultura têxtil" que se mostra ativa ou que pode ser resgatada. Ele busca sensibilizar os visitantes com relação aos preços dos tecidos franceses, muito mais caros que os chineses, mas de qualidade superior. A compra de produtos locais representaria, assim, um investimento no setor têxtil francês. O polo econômico, salientado pelo PEP, fica evidente na análise das entrevistas com os dois presidentes dessas instituições.

Dessa forma, concluímos que a especificidade da gentrificação na Croix-Rousse é a participação das instituições no processo de renovação urbana desse novo bairro. Outros trabalhos, mesmo realizados no Brasil, já mostraram como a população pode pressionar o poder público ou mesmo a iniciativa privada quando há o risco de perdas econômicas, culturais ou patrimoniais. No entanto, observamos que com o advento da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, a gentrificação irá inevitavelmente ocorrer em cidades brasileiras, alguns indícios desse processo já estão ocorrendo, por exemplo, na cidade de Curitiba (Paraná). Esperamos que este trabalho possa auxiliar os interessados nessa temática a perceber meios alternativos de revitalizar tais áreas, e como a participação da população pode trazer novos olhares críticos e criativos para tais empreendimentos.

Bibliografia

Allen, Woody. Filme : Annie Hall. Em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3zYB5q9FfckJ:www.filmsite.org/anni5.html+Did+you+read+the+death+in+venice+%3F+annie+hall&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk>

Authier, Jean-Yves. (2006). A gentrificação do bairro Saint-Georges, em Lyon : a convivência de mobilidades diferenciadas. In.: *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume, pg. 121 - 143.

Authier, Jean-Yves; Grafmeyer, Yves; Mallon, Isabelle; Vogel, Marie. Sociologie de Lyon. La Découvert : Lyon, 2010.

Barre, Josette. La Colline de la Croix-Rousse. Elah, 2001.

Benjamin, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: <http://www.mariosantiago.net/Textos%20em%20PDF/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf>
Acesso: 09/2012.

Bergeron L. & Dorel-Ferre. G. Le patrimoine industriel, un nouveau territoire, Paris, 1996.

Bidou-Zachariasen. (2006). Introdução. In.: *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume, pg. 21 – 57.

Botelho, Tarcísio (2005). Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís. Revista Eure (Vol. XXXI, n. 93), pg. 53-71. Santiago do Chile, agosto 2005.,

Bourdieu (2007). A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/ZOUK.

Canclini, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000 (Ensaio Latino-americanos, 1).

Choay, Françoise. Le patrimoine en questions : Anthologie pour un combat, Éditions du Seuil, 2009.

Claver, Nuria. (2006). A Ciutat Vella de Barcelona : renovação ou gentrificação ? in *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume, pg. 145 - 165.

Collet, Anaïs, « Sociologie des acteurs de la gentrification des quartiers anciens centraux d'hier et d'aujourd'hui », dans Bonnet (Lucie), Bertrand (Louis), Mobilités, habitat et identités, Paris, INED, coll. « Documents de travail », 2005, p. 31-42.

Criekingen, Mathie van. (2006). A cidade revive ! Formas, políticas e impactos da revitalização residencial em Bruxelas. In : *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume, 89 - 120.

Daumas, Maurice. Le patrimoine industriel, Paris, 1980. Étèvenaux, Jean. Charles-Marie Jacquard. Editions Lugd, 1994.

Etèvenaux, Jean. La soierie lyonnaise. La Taillenderie, 2005.

Jacobs, Jane. (2006). In.: *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume.

Guillaume, Marc. La politique du patrimoine, Paris, 1980.

Hobsbawn, Eric. "Introdução: A Invenção das Tradições". In: HOBBSAWN, E. & RANGER, T. (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

Les Poles d'Économie du patrimoine. La doc française, DATAR, coll Territoires en mouvement, 2002.

Hiernaux-Nicolas, Daniel. (2006). A reapropriação de bairros da cidade do México pelas classes médias: em direção a uma gentrificação? In.: *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume.

Leite, Rogério Proença. (2007) *Contra-usos da cidade : lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea* - 2ª ed. - Campinas, SP : Editora da UNICAMP ; Aracaju, SE : Editora UFS.

_____. (2010). A exaustão das cidades : Antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. In. : *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 25, nº 72, pg. 73 - 88

Massagli, Sérgio Roberto. O homem da multidão e o flâneur no conto "O homem da multidão" de Edgar Allan Poe. *Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. Volume 12 (Jun. 2008).

Melé, Patrice (2006). (Re)investir nos espaços centrais das cidades mexicanas. In.: *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume.

Peixoto, Carlos. (2009) *Requalificação Urbana*. In : *Plural da Cidade : Novos Léxicos Urbanos*. Org. : Carlos Fortuna, Rogério Proença Leite. Biblioteca Nacional de Portugal.

PEP (Pôles d'Économie du Patrimoine. Virassamy, 2002.

Poitoux, Anna Lise. *Mémoire de fin d'étude : L'impact du crieur public sur la gentrification*, soutenance le 6 septembre 2006.

Sahlins, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

Smith, Neil. (2006). A gentrificação generalizada : de uma anomalia local a "regeneração" urbana como estratégia urbana global. In.: *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume, pg. 59 - 87.

Rivière d'Arc, Hélène. (2006). Requalificar o século XX : projeto para o centro de São Paulo. *De volta à cidade : dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. Coordenado por Catherine Bidou-Zachariasen com a colaboração de Daniel Hiernaux-Nicolas e Hélène Rivière d'Arc - São Paulo : Annablume, pg. 265 - 293.